UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE ARTES, CIÊNCIAS E HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MUDANÇA SOCIAL E PARTICIPAÇÃO
POLÍTICA

CRISTINA JUSTINO DO NASCIMENTO

**As contradições na atividade do lazer para a formação do sujeito: uma análise sob a
ótica do enfoque histórico-cultural**

São Paulo
2017

CRISTINA JUSTINO DO NASCIMENTO

**As contradições na atividade do lazer para a formação do sujeito: uma análise sob a
ótica do enfoque histórico-cultural**

Versão Corrigida

Dissertação apresentada à Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Ciências pelo Programa de Pós-graduação em Mudança Social e Participação Política.

Versão corrigida contendo as alterações solicitadas pela comissão julgadora em dia de mês de ano. A versão original encontra-se em acervo reservado na Biblioteca da EACH/USP e na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da USP (BDTD), de acordo com a Resolução CoPGr 6018, de 13 de outubro de 2011.

Área de Concentração: Lazer, Psicologia e Educação.

Orientadora: Maria Eliza Mattosinho Bernardes

São Paulo
2017

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

CATALOGAÇÃO-NA-PUBLICAÇÃO

(Universidade de São Paulo. Escola de Artes, Ciências e Humanidades. Biblioteca)

Nascimento, Cristina Justino do

As contradições na atividade do lazer para a formação do
sujeito : uma análise sob a ótica do enfoque histórico-cultural /
Cristina Justino do Nascimento ; orientadora, Maria Eliza
Mattosinho Bernardes. – 2017

131 f.

Dissertação (Mestrado em Ciências) - Programa de Pós-
Graduação em Mudança Social e Participação Política,
Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de
São Paulo

Versão corrigida

1. Lazer - Aspectos sociais. I. Bernardes, Maria Eliza
Mattosinho, orient. II. Título

CDD 22.ed. – 306.4812

NASCIMENTO, Cristina Justino do.

Título: As contradições na atividade do lazer para a formação do sujeito: uma análise sob a ótica do enfoque histórico-cultural, 2017. 131 p. Dissertação (Mestrado em Mudança Social e Participação Política) – Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

Dissertação apresentada à Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Ciências pelo Programa de Pós-graduação em Mudança Social e Participação Política.

Área de Concentração: Lazer, Psicologia e Educação.

Aprovado em: 21.09.2017

Banca Examinadora

Prof. Dr. Guillermo Arias Beatón

Universidade de Havana - Cuba, Cátedra de Vigostky

Profª. Dra. Laura Marisa Carnielo Calejon

Universidade Cruzeiro do Sul, UNICSUL

Prof. Dr. Reinaldo Tadeu Boscolo Pacheco

Universidade de São Paulo. Escola de Artes, Ciências e Humanidades

A todos os seres humanos, que merecem condições dignas de existência que permitam o seu desenvolvimento integral e pleno, em sua máxima possibilidade.

AGRADECIMENTOS

Na trajetória de desenvolvimento desta pesquisa houve o envolvimento de muitas pessoas, as quais contribuíram de forma direta e indireta em todo o processo. Por isso deixo a minha imensa gratidão e amor a todos que me apoiaram, que colaboraram e que compreenderam a minha ausência durante este período, devido a minha dedicação intensa a esta pesquisa. Em especial, gostaria de agradecer:

À orientadora desta pesquisa Prof^{ra} Dr^a Maria Eliza Mattosinho Bernardes, a quem dedico todo meu amor e gratidão pela paciência, palavras de incentivo e dedicação durante todo processo de ensino e aprendizagem. Pois foi graças a ela, que acreditou em mim e me deu a oportunidade, que essa pesquisa foi realizada.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior agradeço a oportunidade pelo financiamento desta investigação, o que foi essencial para garantir que ela fosse elaborada com a qualidade e a dedicação necessárias.

Ao SESC- Serviço Social do Comércio, agradeço de forma especial pela confiança e pela oportunidade da realização desta pesquisa, oferecendo a infraestrutura necessária para que o desenvolvimento da investigação fosse provido de qualidade. Em especial, agradeço com todo o meu amor à equipe envolvida pelo apoio, colaboração e dedicação intensos, permitindo que todo o trabalhosaísse da melhor forma que fosse possível.

Aos professores Prof. Dr. Guillermo Arias Beatón e Prof. Dr. Reinaldo Pacheco, agradeço com todo meu amor pela contribuição e a colaboração como membros de banca, ao oferecerem críticas que permitiram gerar os saltos de qualidade necessários para garantir o rigor desta pesquisa, uma imensa oportunidade e honra.

Ao GEPESPP, agradeço aos meus colegas por contribuírem diretamente com as críticas e conselhos, durante todo o processo. De todo coração, agradeço por me acolherem e pela oportunidade de compartilhar conhecimento, anseios, angústias e as conquistas em toda essa trajetória.

A todos os professores e educadores sociais que passaram pela minha trajetória pessoal e acadêmica, agradeço pela dedicação na organização da sua prática, aos estímulos e incentivos que resultaram na minha transformação e desenvolvimento ao longo de minha vida.

Ao meu companheiro de vida Marcel Rodrigues Rocha, agradeço pelo amor e carinho diário, pelo incentivo e apoio que foram fundamentais para me reerguer nos

momentos mais difíceis, criando motivos e sonhos na vida para seguir lutando diariamente.

Aos meus pais Ascensão e Antonio, agradeço pela dedicação intensa ao longo de suas vidas para que pudessem oferecer as melhores condições que eram possíveis para mim e para as minhas irmãs, nos garantindo o nosso desenvolvimento humano. Dedico todo o meu amor e a minha gratidão eterna.

Às minhas irmãs Andreia e Daniela, pelo companheirismo e parceria de vida, trocando confidências, compartilhando momentos, aprendendo juntas e dividindo as nossas alegrias e angústias para a construção de um futuro em busca de nossos ideais.

À minha família, agradeço por garantir a base da minha existência. Gratidão pelo apoio emocional, pelo incentivo de forma que garantissem as condições necessárias para que não me faltasse nada.

Aos meus amigos, agradeço pela paciência e por não desistirem de minha amizade, pois tive que ficar ausente por longo do tempo devido a dedicação intensa e necessária à atividade de estudo e ao desenvolvimento desta pesquisa. Por isso agradeço de coração pelos encontros relâmpagos, pelo apoio e pelo incentivo, que foram fundamentais para que me gerassem forças internas e motivos para querer avançar e superar as dificuldades. Agradeço também pela oportunidade de aprender e de compartilhar momentos memoráveis com vocês.

Hay que tener tiempo libre para cultivar los
afectos (MUJICA, 2017)¹

¹ CORDANO, J.A. Mujica y el consumismo: la gente está prisionera a la cultura del mercado. Disponível em : < <http://movil.agesor.com.uy/noticia.php?id=28996>> > Acesso em: 03.07.17.

RESUMO

NASCIMENTO, Cristina Justino do. **As contradições na atividade do lazer para a formação do sujeito**: uma análise sob a ótica do enfoque histórico-cultural, 2017. 131 f. Dissertação (Mestrado em Mudança Social e Participação Política) – Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. Versão Corrigida.

Esta pesquisa tem como finalidade identificar a importância do lazer, como uma das esferas sociais que fazem parte do cotidiano, na formação e no desenvolvimento humano. O objetivo geral da pesquisa é analisar as contradições que se evidenciam na unidade dialética entre as possibilidades e os limites da atividade do lazer na formação do sujeito quando se visa a emancipação humana. A pesquisa fundamenta-se no enfoque histórico-cultural, com raiz teórico-metodológica no materialismo histórico e dialético. O estudo de campo foi organizado a partir de uma intervenção do lazer realizada em uma das unidades do SESC, por meio de oficinas integradas ao *Programa de Férias* da instituição. A intervenção do lazer aplicada pela própria pesquisadora, com a contribuição de uma equipe de apoio do SESC, fundamenta-se na concepção da não-cotidianidade, que visa a mediação das seguintes áreas do conhecimento: filosofia, ciência, política e arte. O período de realização do estudo de campo ocorreu entre os dias 12 a 22 de janeiro de 2016, realizado com 4 turmas diferentes de crianças de 6 a 13 anos, composta por 25 crianças em cada, subdividido em duas etapas - projeto piloto e projeto efetivo. A organização da intervenção e dos procedimentos de análise de dados se objetivam numa perspectiva holística e complexa no âmbito do lazer. A análise das contradições emergentes da realidade concreta identifica a unidade dialética entre as possibilidades e os limites da *atividade do lazer* por meio de três eixos: (1) o movimento entre pesquisadora e SESC; (2) o movimento entre pesquisadora e corpo técnico; (3) o movimento entre pesquisadora e participantes. Como resultado da análise, identificou-se a necessidade da *atividade de lazer* que visa o desenvolvimento humano ser devidamente organizada e sistematizada de forma a promover a emancipação humana, pois apenas os conteúdos que contemplam a não-cotidianidade não garantem a objetivação da atividade proposta. Conclui-se que, para a objetivação da emancipação humana mediada pela atividade do lazer, há a necessidade de um movimento em busca da unidade genérica lazer-trabalho-estudo, visando a formação da subjetividade integral dos sujeitos. Sem embargo, para que a formação integral dos sujeitos se objetive por meio da atividade do lazer, considera-se ser necessário um movimento de superação ideológica do funcionalismo francês que persiste no pensamento hegemônico na área do lazer e um movimento de luta que busque garantir condições ideais de existência que sejam promotoras do desenvolvimento humano de forma plena.

Palavras-chave: Lazer. Enfoque histórico-cultural. Psicologia. Educação.

ABSTRACT

NASCIMENTO, Cristina Justino do. **The contradictions of leisure activities to the subject's formation: a historical-cultural analysis.** 2017. 131p. Dissertation (Master in Social Change and Political Participation) – School of Arts, Sciences and Humanities, University of São Paulo, São Paulo, 2017. Corrected Version.

This research aims to identify the importance of leisure, as one of the social spheres that are part of daily life, in training and human development. The general objective of the research is to analyze the contradictions that are evidenced in the dialectical unity between the possibilities and the limits of leisure activity in the formation of the subject when it aims human emancipation. The research is based on the historical-cultural approach, with theoretical-methodological roots in historical and dialectical materialism. The field study was organized based on a leisure intervention carried out in one of the SESC units, through workshops integrated into the project called *Programa de Férias*. The leisure intervention applied by the researcher, with the contribution of a support team of SESC, is based on the conception of non-daily life that seeks to mediate the following areas of knowledge: philosophy, science, politics and art. The field study period occurred between January 12 and 22, 2016, with four different groups of children from 6 to 13 years old, composed of 25 children each, subdivided into two stages - a pilot project and an effective project. The organization of intervention and data analysis procedures are aimed at a holistic and complex perspective in the field of leisure. The analysis of emerging contradictions of concrete reality identifies the dialectical unity between the possibilities and limits of leisure activity through three axes: (1) the movement between researcher and SESC; (2) the movement between researcher and technical staff; (3) the movement between researcher and participants. As a result of the analysis, it was identified the need for leisure activity that aims at human development to be properly organized and systematized in order to promote human emancipation, since only the contents that contemplate non-daily life do not guarantee the objectification of the proposed activity. It is concluded that for the objectivation of human emancipation mediated by leisure activity, there is a need for a movement in search of the generic leisure-work-study unit, aiming at the formation of the subjects' integral subjectivity. However, in order for the integral formation of the subjects to be objectified by means of leisure activity, it is considered necessary a movement of ideological overcoming of the French functionalism that persists in the hegemonic thinking in the area of leisure and a movement of struggle that seeks to guarantee ideals conditions of existence that are fully human development promoters.

Key-words: Leisure. Historical-cultural approach. Psychology; Education.

RESUMEN

NASCIMENTO, Cristina Justino do. **Las contradicciones en la actividad del ocio para la formación del sujeto**: un análisis bajo la óptica del enfoque histórico-cultural. 2017. 131 p. Dissertação (Maestria en Cambio Social y Participación Política) – Escuela de Artes, Ciencias y Humanidades, Universidad de São Paulo, São Paulo, 2017. Versión Corregida.

Esta investigación tiene como finalidad identificar la importancia del ocio, como una de las esferas sociales que forman parte de lo cotidiano, en la formación y en el desarrollo humano. El objetivo general de la investigación es analizar las contradicciones que se evidencian en la unidad dialéctica entre las posibilidades y los límites de la actividad del ocio en la formación del sujeto cuando se busca la emancipación humana. La investigación se fundamenta en el enfoque histórico-cultural, con raíz teórico-metodológica en el materialismo histórico y dialéctico. El estudio de campo fue organizado a partir de una intervención del ocio realizada en una de las unidades del SESC, a través de talleres integrados al proyecto llamado *Programa de Férias* de la institución. La intervención del ocio aplicada por la propia investigadora, con la contribución de un equipo de apoyo del SESC, se fundamenta en la concepción de la no cotidianidad que busca la mediación de las siguientes áreas del conocimiento: filosofía, ciencia, política y arte. El período de realización del estudio de campo ocurrió entre los días 12 a 22 de enero de 2016, realizado con 4 grupos diferentes de niños de 6 a 13 años, compuesto por 25 niños en cada uno, subdividido en dos etapas - proyecto piloto y proyecto efectivo. La organización de la intervención y de los procedimientos de análisis de datos se objetivan desde una perspectiva holística y compleja en el ámbito del ocio. El análisis de las contradicciones emergentes de realidad concreta identifica la unidad dialéctica entre las posibilidades y los límites de actividad de ocio a través de tres ejes: (1) el movimiento entre el investigador y SESC; (2) el movimiento entre investigadora y cuerpo técnico; (3) el movimiento entre investigadora y participantes. Como resultado del análisis, se identificó la necesidad de la actividad de ocio que busca el desarrollo humano ser debidamente organizada y sistematizada para promover la emancipación humana, pues sólo los contenidos que contemplan la no cotidianidad no garantizan la objetivación de la actividad propuesta. Se concluye que para la objetivación de la emancipación humana mediada por la actividad del ocio, hay la necesidad de un movimiento en busca de la unidad genérica ocio-trabajo-estudio, visando la formación de la subjetividad integral de los sujetos. Sin embargo, para que la formación integral de los sujetos se objetive por medio de la actividad del ocio, se considera necesario un movimiento de superación ideológica del funcionalismo francés que persiste en el pensamiento hegemónico en el área del ocio y un movimiento de lucha que busca garantizar condiciones ideales de existencia que sean promotoras del desarrollo humano de forma plena.

Palabras-clave: Ocio. Enfoque histórico-cultural. Psicología. Educación

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Foto do grupo que conseguiu resolver o desafio da oficina 2 (Ciência).....	104
Figura 2 - Foto tirada pela pesquisadora registrando o momento de criação do painel	106
Figura 3 - Foto retratando um dos painéis criado por um dos grupos	107
Figura 4 - Foto que registra a criação das maquetes.....	109
Figura 5 - Uma das maquetes que representa a cidade ideal criada por um dos grupos	109
Figura 6 - Outra maquete que representa a cidade ideal criada por um dos grupos	110
Figura 7 - Foto que registra o resultado da oficina 4 (Arte)	111

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	13
2 TRABALHO E LAZER COMO ELEMENTOS CONSTITUINTES NA FORMAÇÃO DO SUJEITO	19
2.1 Teorias do Lazer	32
3 POLÍTICAS SOCIAIS E O LAZER	40
3.1 SESC – Serviço Social do Comércio	47
3.2 Algumas considerações sobre o potencial do SESC.....	61
4 A REALIDADE CONCRETA NA INTERVENÇÃO DO LAZER	64
4.1 O Movimento da Pesquisa de Campo.....	67
4.2 Procedimentos de Análise.....	70
4.3 A Intervenção do Lazer em seus Tempos e Espaços de Execução.....	71
4.4 A Intervenção do Lazer Integrada ao <i>Programa de Férias</i>	72
4.4.1 O projeto piloto enquanto ensaio pedagógico - Turmas Verde e Vermelha	74
4.4.1.1 Modos de ação da pesquisadora na execução do projeto piloto	76
4.4.1.2 Reflexões sobre o movimento de execução do projeto piloto	82
4.4.2 O Projeto Efetivo na intervenção do lazer - Turmas Amarela e Azul.....	86
4.4.2.1 Modos de ação da pesquisadora na execução do projeto efetivo	87
4.4.2.2 Reflexões sobre o movimento de execução do projeto efetivo	92
4.5 As Contradições Emergentes entre os Limites e Possibilidades da Atividade do Lazer na Pesquisa	94
4.5.1 As possibilidades e limites apresentados pelo movimento da relação pesquisadora e SESC	95
4.5.2 As possibilidades e limites apresentados pelo movimento da relação pesquisadora e corpo técnico	97
4.5.3 As possibilidades e limites apresentados pelo movimento da relação pesquisadora e participantes	101
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	112
REFERÊNCIAS	117
ANEXOS	124
ANEXO A - Projeto do Programa de Férias do SESC	124

1 INTRODUÇÃO

A problemática desta pesquisa surge de um movimento constante de questionamentos gerado por esta pesquisadora, no âmbito pessoal e profissional. Enquanto fruidora e amante do lazer, considero que as minhas vivências no lazer foram essenciais na minha constituição enquanto sujeito ativo, pois acredito que foram as experiências artísticas e lúdicas, ao longo da minha vida, que despertaram a curiosidade e contribuíram pelo interesse e busca pelo conhecimento, pela leitura e pela área de pesquisa.

Enquanto profissional na área do lazer, foram elaborados outros questionamentos sobre o cotidiano ao longo da minha atuação profissional. Tais questionamentos e reflexões sobre a realidade concreta resultaram nos seguintes aspectos, que me traziam incômodos na organização da minha própria práxis: (a) a necessidade de (auto)desenvolvimento humano durante o tempo livre, como necessidade criada pelas condições causadas pelo trabalho alienado; (b) opções restritas de vivências do lazer que sejam promotoras de desenvolvimento humano; (c) a apropriação do lazer pela indústria cultural, visando majoritariamente o entretenimento sob a forma de mercadorias, que ultimamente têm sido cada vez mais valorizadas e oferecidas a preços elevados, restringindo a fruição do lazer pelas classes sociais menos privilegiadas; (d) o impacto das teorias que embasam as práticas do lazer de forma hegemônica na contemporaneidade, como o funcionalismo francês, na formação dos sujeitos.

Diante deste cenário, surgem algumas perguntas: qual é a influência do lazer na formação do sujeito? Com o lazer pode ser planejado de forma que possibilite a promoção de desenvolvimento humano integral? Por meio desses questionamentos que engendram os motivos e a necessidade para a realização desta pesquisa, e conseqüentemente, emerge a pergunta-problema que norteia a organização desta investigação: quais são as possibilidades e os limites da atividade do lazer na formação do sujeito para a objetivação da emancipação humana?

Esta pesquisa busca identificar as possibilidades e limites da atividade de lazer como promotora de desenvolvimento humano, sendo que as possibilidades e os limites formam uma unidade dialética que expressa as contradições presentes na realidade concreta, e que concomitantemente, impacta na formação do sujeito. Portanto, o objetivo geral da pesquisa é identificar as contradições que se evidenciam na unidade dialética entre as possibilidades e os limites da atividade do lazer na formação do sujeito para a emancipação humana.

No desenvolvimento da pesquisa, primeiramente busca-se retratar o contexto social que engendra os questionamentos por meio de um movimento contraditório e dialético que

gera a problemática desta investigação. Tal contexto deve ser compreendido como resultado das relações sociais elaboradas historicamente, como produto de um sistema que tem como finalidade o acúmulo do capital.

Tal sistema, de ordem política e socioeconômica, é organizado e sistematizado objetivando lucro ao longo do tempo. Tal fato impacta nas condições necessárias ao desenvolvimento humano de forma integral e plena, constituindo uma realidade em que a desigualdade social é eminente e a formação dos sujeitos está comprometida.

Como resultado, verifica-se que a educação formal vem sofrendo ao longo do tempo com as mazelas do próprio sistema, assim como tem de sobreviver à falta de investimentos necessários, de ações e políticas públicas que visam superação das condições instituídas que geram a manutenção do *status quo*, por meio da lógica do capital. O modo de produção resultou, ao longo do tempo, na fragmentação da realidade concreta e da formação dos sujeitos, obtendo como produtos a alienação, a competitividade e o individualismo.

Neste contexto caótico, questiona-se como o lazer, enquanto atividade humana, pode resgatar as condições necessárias para o desenvolvimento humano, uma vez que as mesmas foram degradadas, limitadas ou mutiladas ao longo do tempo. A exploração e opressão latente que se produz na lógica interna do modo de produção resulta na necessidade de políticas do lazer que promovam vivências para que o sujeito tenha possibilidades de buscar a sua emancipação humana.

O termo lazer, o qual tem a epistemologia da palavra que deriva do latim “*licere*”, que significa “ser lícito, ser permitido”. Na França, o termo “*loisir*” tem a ideia de permissão, de ausência de obrigações, de censura e de regras. A liberdade, que está intrínseco no lazer e concepção neoliberal o sistema capitalista, segundo Heller (2008), apresenta condições contraditórias na cotidianidade e não-cotidianidade genérica, porque nem toda liberdade cotidiana, no entendimento de que “poder fazer o que quiser” coincidirá com a liberdade do gênero humano, que está a consciência social.

Segundo Heller (2008, p. 217), Marx não criou um conceito único de liberdade, contudo, o alcance da liberdade de todos os indivíduos é por meio da “revolução da alienação, a superação da discrepância entre o desenvolvimento do gênero humano e o do [homem] particular”. Para Marx, “A humanidade será livre quando todo homem particular puder participar conscientemente na realização da essência do gênero humano e realizar os valores genéricos em sua própria vida, em todos os aspectos desta” (MARX apud HELLER, 2008, p. 217).

É essa concepção de liberdade que deve estar contida na atividade do lazer que visa o

desenvolvimento humanista, em favor da consciência social, de forma que o homem se volte à sua essência, e que as suas necessidades se (auto) direcionem para formação de um sujeito culto, criativo e ativo.

O lazer está presente em todas as fases da vida, da infância à terceira idade. Portanto, é no tempo livre que se pode criar condições para a não-cotidianidade por meio da mediação da ciência, da filosofia, da política e da arte, conforme afirma Heller (2008), para a busca da superação da cotidianidade, a favor do desenvolvimento humano. O lazer não apresenta exigências quanto à forma, conteúdo e sistemática, por isso há a possibilidade de ser organizado de forma consciente e intencional visando a formação da subjetividade integral do sujeito, para que se torne um produtor culto, crítico e criativo para uma vida não-alienada. A integralidade na subjetividade humana está na dimensão da complexificação das mediações que compõem a realidade concreta.

Esta pesquisa tem como eixo orientador o pressuposto de que a *atividade de lazer* devidamente organizada pode possibilitar estímulos, de forma a despertar a curiosidade dos participantes em busca do conhecimento e criar um movimento em prol do desenvolvimento humano. Sobretudo, a pesquisa promove, por meio do estudo teórico e do estudo de campo, uma compreensão das contradições presentes na unidade dialética entre possibilidades e limites da atividade do lazer na formação do sujeito.

Nesta perspectiva, organizou-se uma intervenção em uma das unidades do SESC por meio de um conjunto de ações de lazer orientadas para a busca de motivações não-genéricas por meio da ciência, arte, filosofia e política, embasando-se no conceito de não-cotidianidade explicitado por Heller (2008) com a intencionalidade de investigar o objetivo proposto na pesquisa.

Para compreender a *atividade de lazer* é preciso elucidar o cotidiano, pois, conforme Heller (1991, 2008), o lazer é uma das esferas sociais que o compõe. Segundo Heller (2008),

Ninguém consegue identificar-se com a atividade humano-genérica a ponto de poder desligar-se inteiramente da cotidianidade. E, ao contrário, não há nenhum homem, por mais 'insubstancial' que seja, que viva tão-somente na cotidianidade, embora essa absorva preponderantemente. (HELLER, 2008, p.31).

A vida cotidiana é de todo homem, ou seja, todos os sujeitos vivem o cotidiano, independente se o trabalho é intelectual e/ou físico. O ser humano vivencia a vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade e da sua personalidade. A vivência apresentada como unidade complexa dialética entre afetivo-cognitivo, pessoal-social e externo e interno, segundo a interpretação de Calejon e Fariñas (2017), formando uma unidade sistêmica de

consciência/personalidade na relação com o meio. Por isso, na cotidianidade estão presentes os sentidos, as capacidades intelectuais, as habilidades manipulativas, sentimentos, paixões e ideologias, de forma que tenham conexões simultaneamente, contudo, nem sempre na mesma intensidade (HELLER, 2008).

O sujeito já nasce inserido na sua cotidianidade: “a vida cotidiana é a vida do indivíduo” (HELLER, 2008, p. 34), é a que garante a existência do sujeito. Na idade adulta, o homem, pelas relações sociais elaboradas historicamente, deve saber manusear objetos e ter o domínio da comunicação.

De acordo com Heller (2008, p. 34), “a vida cotidiana não está ‘fora’ da história, mas no ‘centro’ do acontecer histórico: é a verdadeira ‘essência’ da substância social”. As ações cotidianas estão estritamente relacionadas às ações não-cotidianas em uma unidade dialética, sendo que estas influenciam diretamente aquelas e vice-versa.

A atividade humana compreende qualquer tipo de necessidade que compõe a vida cotidiana. Segundo Heller (2008), a vida do homem compõe a vida cotidiana, isso significa que há um envolvimento de todos os sentidos, todas as capacidades intelectuais e habilidades manipulativas, sentimentos, paixões, ideias, ideologias, atendendo os aspectos de sua individualidade. Entre as atividades realizadas:

A vida cotidiana é, em grande medida, heterogênea; e isso sob vários aspectos, sobretudo no que se refere ao conteúdo e à significação ou a importância de nossos tipos de atividade. São partes orgânicas da vida cotidiana: a organização do trabalho e da vida privada, os lazeres e o descanso, a atividade social sistematizada, o intercâmbio e a purificação. (HELLER, 2008 p. 32)

A atividade do lazer é realizada durante o tempo livre em que o sujeito pode se apropriar da cultura, bem como vivenciar diversas experiências organizadas para que se criem condições por meio da não-cotidianidade a favor da superação da cotidianidade, visando à emancipação humana. Esta é a concepção teórica que fundamenta e embasa o planejamento desta pesquisa.

O planejamento da pesquisa se inicia com o levantamento do referencial teórico, que fundamenta a organização da prática. Com o auxílio das referências de leitura das disciplinas cursadas e do grupo de estudos GEPESPP- Grupo de Estudo e Pesquisa "Educação, Sociedade e Políticas Públicas: Concepções da Teoria Histórico-Cultural", é que se consolida o referencial teórico desta pesquisa, por meio das concepções do enfoque histórico-cultural.

Em forma de buscar solução a este questionamento, buscou-se organizar uma intervenção de ações de lazer por meio do conceito da não-cotidianidade de Heller (2008),

promovendo mediações de filosofia, ciência, política e arte a fim de promover um movimento ao desenvolvimento humano em favor à emancipação do sujeito.

Foi efetivada a parceria com o SESC para que fosse viável esta intervenção, de forma a garantir a quantidade de participantes, os recursos e a infraestrutura necessários. Em contrapartida, como condição da pesquisa, a pesquisadora deveria ser a interlocutora no processo de mediação das ações de lazer.

O projeto de intervenção do SESC foi realizado como parte integrante do *Programa de Férias 2016*, que apresentou a temática dos Jogos Olímpicos, devido à conjuntura histórica atual do Brasil sediar o evento neste ano. Portanto, toda a elaboração da investigação foi estruturada de acordo com as possibilidades e limites apresentados pelo SESC, sendo norteada: (a) pela teoria da não-cotidianidade de Heller (2008); (b) tendo a sustentação do arcabouço teórico no enfoque histórico-cultural; (c) por meio da análise do público participante; e (d) sob a ótica da vivência e experiência da pesquisadora, que é responsável por esta pesquisa.

O estudo teórico que corrobora esta investigação está composto pelos seguintes capítulos: “O Trabalho e o Lazer como Elementos Constituintes na Formação do Sujeito”, “Políticas Sociais e o Lazer” e a “A Realidade Concreta na Intervenção do Lazer”.

O Primeiro Capítulo, “Trabalho e o lazer como elementos constituintes na formação do sujeito”, apresenta o movimento de transformações das relações sociais ao longo do tempo, que justificam as condições alienantes ocasionadas ao ser humano pela configuração socioeconômica capitalista. Tais condições alienantes são atreladas especificamente ao modo de produção, resultante da alteração das condições atribuídas à atividade humana ao longo do tempo, impactando na apropriação e produção de cultura e no desenvolvimento humano. Além disso, este capítulo compõe uma seção das “Teorias do Lazer” retratando por meio da contextualização histórica uma análise crítica sobre os conceitos de lazer sob a perspectiva da teoria histórico-cultural.

O Segundo Capítulo, “Políticas Sociais e o Lazer”, apresenta a fundamentação teórica dos conceitos principais sobre as políticas sociais, uma análise crítica das políticas sociais ao longo da história e como o lazer surge como uma política social ao longo do tempo em forma de leis, ações e iniciativas públicas e privadas. Este capítulo contém a seção “SESC- Serviço Social do Comércio”, que apresenta o processo histórico de formação da instituição, a concepção ideológica que caracteriza a sua formação e a sua representatividade enquanto instituição promotora de arte, cultura e lazer no Brasil.

O arcabouço teórico apresentado nos capítulos anteriores sustenta o Terceiro

Capítulo, “A Realidade Concreta na Intervenção do Lazer”, que expõe todos os elementos que constituem a elaboração da investigação na prática. Primeiramente há uma explanação sobre a metodologia da intervenção do lazer; em seguida, há uma seção específica que fundamenta a intervenção do lazer no Sesc de forma detalhada; logo após, segue a apresentação do instrumento do ensaio pedagógico e o da intervenção do lazer. Por fim, há uma descrição das ações e operações que resultam nas considerações e reflexões, que trazem subsídios da análise dos dados desta investigação.

Desta maneira, busca-se trazer um debate da importância de se repensar o lazer na sociedade contemporânea, retratando a sua importância de cunho educativo e das suas potencialidades na formação do ser humano, não de forma isolada, mas conectada a outras esferas sociais do cotidiano como: o trabalho e o estudo. De forma que esta particularidade de estudo de campo estimule reflexões para a totalidade, resultando em uma análise que corrobore o vínculo social do lazer-trabalho-educação, para a elaboração de possíveis propostas e diretrizes para políticas públicas efetivas, que visem o desenvolvimento humano à favor da emancipação dos sujeitos.

2 TRABALHO E LAZER COMO ELEMENTOS CONSTITUINTES NA FORMAÇÃO DO SUJEITO

Para compreender a influência do trabalho e do lazer na formação do sujeito é necessário elucidar seus conceitos, a sua relação dialética no contexto sócio-histórico.

O homem, na sua condição de ser natural, relaciona-se com a natureza e se apropria dela, buscando satisfazer as suas necessidades de fome, frio, sede, calor, moradia, entre outras em favor a sua sobrevivência.

Na concepção marxista, a relação que o homem tem com a natureza, por meio da sua força vital, busca transformá-la de modo de satisfazer as suas próprias necessidades e as dos seres humanos. Segundo Marx (1985), este processo é chamado de trabalho. Segundo o autor:

Antes de tudo, o trabalho é um processo entre o homem e a Natureza, um processo em que o homem, por sua própria ação, media, regula e controla seu metabolismo com a Natureza. Ele mesmo se defronta com a matéria natural como uma força natural. Ele põe em movimento as forças naturais pertencentes à sua corporalidade, braços e pernas, cabeça e mão, a fim de apropriar-se da matéria natural numa forma útil para sua própria vida. Ao atuar, por meio desse movimento, sobre a Natureza externa a ele e ao modificá-la, ele modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza. Ele desenvolve as potências nela adormecidas e sujeita o jogo de suas forças a seu próprio domínio. (MARX, 1985, Tomo I, p. 149).

O autor aponta a essência do processo da formação da cultura, que se objetiva na relação entre o homem e a natureza, em busca de atender às necessidades humanas. Uma relação que faz com que o homem, ao atingir o seu objetivo, passe por um processo de compreensão de seu próprio corpo e da matéria natural, de forma que ele crie modos de ação que resultem na transformação da natureza.

Segundo Engels (1974), o trabalho é a atividade central na formação do sujeito, pois o homem se constitui no processo de produção. O trabalho “[...] é a condição fundamental primeira de toda a vida humana, e é o tal ponto que podemos dizer: o trabalho criou o próprio homem” (ENGELS, 1974, p.171). Por meio da produção da sua vida material, o homem desenvolve suas potencialidades, supera os seus limites e, dialeticamente, modifica a natureza e a si próprio.

Segundo Marx e Engels (2005), o trabalho concreto é uma atividade essencialmente humana, pois a forma e a composição física do homem permitem que ele atue intencionalmente para sobreviver e se desenvolver, condição que diferencia o ser humano dos outros animais. Segundo os autores:

Pode-se distinguir os homens dos animais pela consciência, pela religião ou por tudo o que se queira. No entanto, eles próprios começam a se distinguir dos animais logo

que começam a produzir seus meios de existência, e esse salto é condicionado por sua constituição corporal. Ao produzirem seus meios de existência, os homens produzem, indiretamente, sua própria vida material. (MARX; ENGELS, 2005, p. 44).

O trabalho é identificado pelos autores como uma atividade primordial ao ser humano, pois no processo de manutenção de sua existência, ele produz materialmente os bens necessários para a sobrevivência, transformando a natureza e, dialeticamente, autoproduzindo-se.

O trabalho é uma atividade orientada para satisfazer as necessidades humanas, natural e comum a todos seres humanos, ou seja, apesar das diferenças entre os sujeitos, as condições para a sobrevivência são as mesmas que fazem todos pertencerem ao gênero humano. Segundo Marx (1985):

O processo de trabalho, como o apresentamos em seus elementos simples e abstratos, é atividade orientada a um fim para produzir valores de uso, apropriação do natural para satisfazer as necessidades humanas, condição universal do metabolismo entre o homem e a Natureza, condição natural eterna da vida humana e, portanto, independente de qualquer forma dessa vida, sendo antes igualmente comum a todas as suas formas sociais. (MARX, 1985, Tomo I, p. 153)

Conforme afirma Marx (1985), as necessidades humanas são condições naturais eternas da vida, por isso, enquanto houver vida humana, haverá trabalho. O trabalho assume a prioridade como a centralidade da constituição do ser humano em relação a outras atividades humanas. O trabalho resulta em produtos (o material), e dialeticamente, os seus significados (o simbólico).

Para compreender o conceito de trabalho, há que elucidar a diferença entre atividade e atividade humana. Segundo Vázquez, “por atividade em geral, entendemos o ato ou conjunto de atos em virtude do qual um sujeito ativo (agente) modifica uma determinada matéria prima” (1977, p. 186).

Segundo o autor, a atividade traz a complexificação da realidade por uma interação de atos por diversos níveis: não especifica o sujeito (humano ou animal), nem o tipo de matéria-prima. A generalidade mostra o universo de possibilidades no resultado da atividade na realidade, de forma que não seja fragmentada, ou isolada, mas por meio de uma conexão de todos os atos formando um todo na transformação da matéria-prima.

Vários atos desarticulados ou justapostos casualmente não permitem que se fale de atividade; é preciso que os atos singulares se articulem ou estructurem, como elementos de um todo, ou de um processo total, que culmina na modificação de uma matéria-prima. Por isso, aos atos do agente e à matéria sobre a qual se exerce essa atividade, é necessário acrescentar o resultado ou produto. O ato ou conjunto de atos sobre uma matéria se traduzem num resultado ou produto que é essa matéria mesma já transformada pelo agente. (VÁSQUEZ, 1977, p. 186)

A atividade, como afirma Vázquez (1977), pode ser tanto humana, da natureza, quanto animal. Sobretudo, o processo da atividade é uma série de atuações complexas que compõe o produto final. Independente se é a construção de um formigueiro feito por diversas formigas, ou se é um ser humano indo caçar para garantir o seu sustento. O que diferencia o ser humano do animal é que os seres humanos podem projetar, idealizar em sua mente, e elaborar os produtos e ações de forma intencional para alcançar determinado fim. Marx exemplifica a diferença entre o pior arquiteto da melhor abelha, ao afirmar:

Pressupomos o trabalho numa forma em que pertence exclusivamente ao homem. Uma aranha executa operações semelhantes às do tecelão, e a abelha envergonha mais de um arquiteto humano com a construção dos favos de suas colméias. Mas o que distingue, de antemão, o pior arquiteto da melhor abelha é que ele construiu o favo em sua cabeça, antes de construí-lo em cera. (MARX, 1985, Tomo I, p.149)

O processo de tornar o ideal em material não é simples, há uma série de fatores interligados, de forma que todo o planejamento e organização de ações estejam voltados para atender o objetivo inicial, acompanhado de imaginação, força de vontade e energia vital. Segundo Marx (1985):

No fim do processo de trabalho obtém-se um resultado que já no início deste existiu na imaginação do trabalhador, e portanto idealmente. Ele não apenas efetua uma transformação da forma da matéria natural; realiza, ao mesmo tempo, na matéria natural seu objetivo, que ele sabe que determina, como lei, a espécie e o modo de sua atividade e ao qual tende subordinar sua vontade. E essa subordinação não é um ato isolado. Além do esforço dos órgãos que trabalham, é exigida a vontade orientada a um fim, que se manifesta como atenção durante todo o tempo de trabalho, e isso tanto mais quanto menos esse trabalho, pelo próprio conteúdo e pela espécie e modo de sua execução, atrai o trabalhador, portanto, quanto menos ele o aproveita, como jogo de suas próprias forças físicas e espirituais (MARX, 1985, Tomo I, p. 149-150).

Neste processo de transformação, há incentivos de criação que estimulam o pensamento do homem e, ao mesmo tempo, há motivação para movimentos do corpo de forma que o homem consiga manusear e se apropriar da natureza a favor de suprir as suas necessidades. Dessa maneira, o desenvolvimento da consciência se resulta da integração das ações psíquicas e corporais em um produto real. Segundo o autor:

A atividade propriamente humana só se verifica quando os atos dirigidos a um objeto para transformá-lo se iniciam com um resultado ideal, ou finalidade, e terminam com um resultado ou produto efetivo, real. [...] Essa atividade implica na intervenção da consciência, graças à qual o resultado existe duas vezes – e em tempos diferentes -: como resultado ideal e como produto real. (VÁZQUEZ, 1977, p. 187)

Sobre tal aspecto, Vázquez (1977) explica que nem tudo que o homem idealiza se materializa. Mas as necessidades de transformação da realidade, assim como a do homem

desenvolver a si mesmo, depende da finalidade da atividade. Em *O Capital*, no volume I, parte III, capítulo VII, Marx (2008) apresenta os elementos constitutivos do processo de trabalho concreto como a forma de organização desta atividade humana adequada para uma finalidade: o próprio trabalho, a matéria a que se aplica o trabalho, o objeto de trabalho e os instrumentos, considerados os meios para a realização do trabalho.

Algumas finalidades do trabalho concreto podem se limitar apenas a desejos e sonhos, outras tem a vontade de realização. Contudo, é importante ter o conhecimento sobre a matéria-prima, ou seja, o objeto; sobre os meios, ou seja, os processos; e instrumentos para realizá-lo, mas sobretudo das condições e das possibilidades de sua realização.

Neste contexto, Vázquez (1977) elucida como a atividade intelectual (do pensamento) pode promover a atividade prática (ação), ou seja, a atuação prática desenvolvida pelo sujeito de forma consciente sobre a realidade é conceituada pelo autor como práxis, considerando que o resultado da atividade prática se objetiva na transformação da realidade.

A atividade prática elaborada historicamente resulta em uma realidade concreta transformada pelos homens e mediada por conhecimentos elaborados ao longo do tempo, constituindo assim a cultura. Cultura esta que será apropriada pelos homens quando o seu significado for apropriado pelos mesmos.

Leontiev (1964) afirma que, ao nascer, o homem já encontra um mundo criado por gerações passadas, produzido pelo homem em atividade, pois o seu resultado modifica a realidade deixando um legado para aqueles que irão se apropriar dela. A linguagem e a comunicação são fatores chave para a transmissão da cultura às gerações que vão surgindo. Os indivíduos se apropriam desta cultura e por meio da atividade humana fundamental, o trabalho concreto e outras atividades sociais, vão desenvolvendo suas potencialidades especificamente humanas.

Pela sua atividade, os homens não fazem senão adaptar-se à natureza. Eles modificam-na na função do desenvolvimento de suas necessidades. [...]. Os progressos realizados na produção de bens materiais são acompanhados pelo desenvolvimento da cultura dos homens; o seu desenvolvimento do mundo circundante deles mesmos enriquece-se, devolvem-se a ciência e a arte. (LEONTIEV, 1964, p. 283).

Segundo Leontiev, atividade refere-se aos “[...] processos psicologicamente caracterizados por aquilo a que o processo, como um todo, se dirige (seu objeto), coincidindo sempre com o objetivo que estimula o sujeito a executar esta atividade, isto é, o motivo” (LEONTIEV, 2006, p. 68). O motivo e a finalidade se coincidem em busca de satisfazer uma

necessidade, considerada importante para o sujeito.

O autor afirma que a estrutura da atividade, depende do sentido que os atos passam a ter para o sujeito. O processo é apenas uma ação ou conjunto de ações. Segundo Leontiev (2006), a diferença entre atividade de ação é que a segunda está contida na primeira, e o seu motivo não coincide com o objetivo do processo.

A ação refere-se aos atos dos sujeitos. Quando estes atos são realizados pelo homem de forma fragmentada do objetivo da atividade ao qual pertencem, são apenas ações. Mas quando as ações são realizadas de forma articulada e organizada pelos homens, visando a um objetivo, passam a compor a atividade.

A atividade se realiza por meio de uma ou mais ações, sendo que estas são executadas de diferentes formas, assumindo a forma de diferentes operações. Estas últimas são definidas por Leontiev (2006) como “modo de execução de um ato. Uma operação é o conteúdo necessário de qualquer ação, mas não é idêntica a ela” (LEONTIEV, 2006, p. 74).

Um conjunto de ações orientadas a um determinado fim constitui a atividade. Tal fato ocorre quando o sentido da ação passa a coincidir com o significado da atividade. A intenção da ação deve objetivar o desenvolvimento humano, de forma que o resultado seja um produto que atenda à finalidade ideal e real.

Segundo Leontiev (2006), o sentido e o significado da atividade são elementos importantes, pois influenciam na organização e no processo da atividade, impactando diretamente ao sujeito e a sociedade. O significado da atividade, segundo Bernardes e Oliveira (2013), identificado pela sua constituição sócio-histórica, determina o desenvolvimento da consciência social que, ao ser apropriada e transformada em consciência pessoal, acaba se constituindo no sentido que o sujeito atribui a estas significações na sua singularidade.

O sentido da atividade, segundo Leontiev (2006), é o resultado da interação entre o conjunto da ação do sujeito, o motivo da atividade e a finalidade da ação, que não se constitui por si só, ele está relacionado à significação da atividade e se torna diferente para cada indivíduo.

No trabalho enquanto atividade humana, o sentido coincide com o significado da mesma, e o resultado corresponde à sua finalidade. Esta atividade deve ter a motivação na produção para a satisfação das necessidades do ser humano. Um único sujeito não é capaz de produzir de forma que contemple todas as necessidades de uma sociedade, por isso, a troca dos produtos do trabalho concreto e a partilha dos conhecimentos adquiridos e acumulados ao longo do tempo são fundamentais para o desenvolvimento humano. A representação do trabalho como atividade para o sujeito está na motivação da ação, que deve ser impulsionada

para a produção de bens que satisfaça as necessidades humanas.

A humanidade, segundo Marx e Engels, é composta por “indivíduos reais, sua ação e suas condições materiais de vida, tanto aquelas que eles já encontraram elaboradas quanto aquelas que são o resultado de sua própria ação” (MARX; ENGELS, 2005, p. 44). Segundo os autores, a humanidade é dinâmica, assim como a realidade, e é composta por um movimento contínuo de nexos entre as intervenções e atividades que constroem e interferem na materialidade, desde aquela que já a encontraram pronta, assim como aquela que virá a ser o resultado da sua ação, pelos e para os seres humanos.

O produto da atuação do homem é a objetivação da existência humana, criando a sua própria história, assim como a da humanidade. Em um movimento contínuo, o resultado do trabalho modifica as ações anteriores e, concomitantemente, as relações sociais, produzindo e desenvolvendo a cultura.

Neste movimento constante, os homens adquirem conhecimento por meio da atividade do trabalho, desde a forma de idealizá-lo até o produto final, conforme o resultado na objetivação da ação. Sobretudo, o conhecimento obtido pela atuação prática (a práxis), permite que seja compartilhado a outros seres humanos, deixando a sua contribuição e resquícios para outros tempos, de forma que o resultado de uma nova configuração social, da produção de bens e ações de um sujeito, seja usufruído por outrem, passando da condição individual para outra de ordem coletiva. Nesta perspectiva, a atividade possibilita o desenvolvimento de novos conhecimentos, habilidades, valores pelo homem e para a humanidade, promovendo o desenvolvimento humano.

O desenvolvimento humano pode se objetivar no desenvolvimento da produção e apropriação da cultura elaborada historicamente, que não se separa das suas determinações naturais totalmente, mas ao longo do tempo, vai se distanciando, devido à sociabilidade, e vão sendo substituídas pelas determinações sociais. As determinações sociais fazem (re)surgir necessidades sociais, que por conta da sua diversidade e complexificação exige que haja cooperação entre os sujeitos, desenvolvendo uma força produtiva, para que juntos promovam o desenvolvimento social. Segundo Marx e Engels,

A produção da vida, seja da própria vida pelo trabalho, seja a de outros, pela procriação, nos aparece a partir de agora como dupla relação: de um lado, como relação natural, de outro, como relação social – social no sentido em que se compreende por isso a cooperação de vários indivíduos, em quaisquer condições, modo e finalidade. De onde se segue que um modo de produção ou uma determinada fase industrial estão sempre ligados a uma determinada forma de cooperação e a uma fase social determinada, e que essa forma de cooperação é, em si própria, uma ‘força produtiva’; decorre disso que o conjunto das forças produtivas acessíveis aos homens condiciona o estado social e que, assim, a ‘história dos

homens' deve ser estudada e elaborada sempre em conexão com a história da indústria e do intercâmbio. (MARX; ENGELS, 2005, p. 55)

Marx e Engles (2005) descrevem como historicamente o trabalho teve a característica de atividade propulsora de desenvolvimento humano, pois tinha a finalidade de atender às necessidades humanas. Conforme o passar dos tempos, a organização social foi se transformando e, concomitantemente, transformou-se o modo de produção, que passou objetivar o acúmulo do capital. Portanto, o próprio movimento dinâmico de apropriação e produção das relações sociais elaboradas historicamente fez com que mudassem o modo e a forma de produção, impactando assim nas relações sociais e na formação dos sujeitos.

Ao longo da história da humanidade, desde os homens da caverna, o homem em busca de atender às suas necessidades acabou dominando parte da natureza e também de outros homens, se apropriando da sua força de trabalho e dos seus bens. Esse é um movimento que resultou no que Marx (2004) vem a chamar posteriormente de alienação. A etimologia da palavra alienação vem do latim “alienus”, que significa “de fora”, “pertencente a outro”. Em Marx (2004) esse conceito está nos Manuscritos Econômico-Filosóficos, que tem como premissa o estranhamento do trabalhador perante ao produto que produzia, pois o homem passa a não se reconhecer como produtor. Assim, surge uma divisão que separa o homem do seu produto.

O processo de alienação na história da humanidade se potencializa no capitalismo. É neste contexto que Marx (2004) faz uma crítica a produção capitalista, pois o trabalho nesta lógica de produção transforma-se em trabalho abstrato. Os autores Netto e Braz (2008) mostram o movimento histórico e a relação dialética entre o trabalho concreto e o trabalho abstrato:

O trabalho que cria valor de uso é o trabalho concreto (trabalho útil) [...] a criação de valores de uso é uma condição necessária à existência de qualquer sociedade, isso significa que toda sociedade exigirá trabalho concreto de seus membros. [...] Mas, ao examinarmos a mercadoria [...], constatamos que ela não é apenas valor de uso: é também valor de troca – e, para ser trocada, precisa ser comprada [...] quando o trabalho concreto é reduzido à condição de trabalho em geral; tem-se o trabalho abstrato. Na mercadoria encontramos, pois, simultaneamente trabalho concreto e trabalho abstrato – mas não se trata, obviamente, dois trabalhos: trata-se da apreciação do mesmo trabalho sob ângulos diferentes: do ângulo do valor de uso, trabalho concreto; do ângulo do valor de troca, trabalho abstrato (NETTO; BRAZ, 2008, p. 105).

Uma organização social que possibilita que o proprietário compre a matéria- prima, os meios de trabalho e a força de trabalho formando um modo de produção: ele produz mercadorias (valor de uso e valor de troca), gera um valor excedente, vende ao trabalhador,

apropria-se da produção e acumula o capital. Segundo Marx:

A mercadoria é, antes de tudo, um objecto exterior, uma coisa que, pelas suas propriedades, satisfaz necessidades humanas de qualquer espécie. Que essas necessidades tenham a sua origem no estômago ou na fantasia, a sua natureza em nada altera a questão. Não se trata tão pouco aqui de saber como são satisfeitas essas necessidades: imediatamente, se o objecto é um meio de subsistência, [objecto de consumo,] indirectamente, se é um meio de produção. (MARX, 2008, p. 45)

No movimento histórico que resultou na produção da mercadoria, o trabalho e o trabalhador tornaram-se alienados. De acordo com Marx (2008) a produção da mercadoria, que possui o valor de uso e de troca, não tem o mesmo significado da produção de um bem útil para as necessidades de sobrevivência. Segundo Marx (2008):

A *alienação* do trabalhador em seu produto não significa apenas que o trabalho dele se converte em objeto, assumindo uma existência *externa*, mas ainda que existe independentemente, *fora dele mesmo*, e a ele estranho, e que com ele se defronta como uma força autônoma. A vida que ele deu ao objeto volta-se contra ele como uma força estranha e hostil. (MARX, 2008, p. 160)

A alienação está contida não apenas na coisificação do trabalho, mas também, na lógica capitalista da relação do valor de uso da mercadoria e o tempo de trabalho do trabalhador, que segundo Marx (1985, p. 48) o “tempo de trabalho socialmente necessário é aquele requerido para produzir um valor de uso qualquer, nas condições dadas de produção socialmente normais, e com o grau social médio de habilidade e de intensidade do trabalho.”.

Contudo, o tempo de trabalho para a produção de mercadorias se diferencia do tempo de trabalho socialmente necessário, pois tem o objetivo de produzir cada vez mais em menos tempo de forma progressiva. Segundo Marx (1974):

O tempo de trabalho objetivado nos valores de uso das mercadorias é tão exatamente a substância que os torna valores de troca, e daí mercadorias, como também mede sua grandeza determinada de valor. [...] Como valor de troca, todas as mercadorias são apenas medidas determinadas de tempo de trabalho coagulado. (MARX, 1974, p.143)

O tempo de trabalho na produção capitalista está regido sob leis específicas e normas dos empregadores, que tem como objetivo a acumulação do capital. Por isso, muitas vezes, o trabalhador tem que submeter a uma longa jornada de trabalho e condições desfavoráveis, para atender as exigências determinadas para garantir a sua sobrevivência.

De acordo com Marx (2008) o valor da força de trabalho, considerada mercadoria assim como qualquer outra, é determinado pelo tempo necessário para a sua produção, que é o tempo que excede o necessário para a reprodução do trabalhador e para que haja a produção da mais-valia.

A lógica do sistema capitalista é aumentar a quantidade da produção em um menor tempo de trabalho, para que haja mais tempo disponível para produção do excedente. A produção de um excedente de mercadorias, por meio da exploração da mão de obra, faz com que o empresário pague os salários aos trabalhadores, porém sem pagar-lhes pelo excedente produzido, sendo este tomado para si próprio. Esta produção de excedente não pago é identificada por Marx como mais-valia, gerando o acúmulo e valorização do capital. O trabalhador não usufrui deste excedente, e tampouco lhe é concedido menos tempo de trabalho nem acréscimo salarial. Conforme Marx (2008), isso significa que o homem não produz para si, mas para o capital. Na organização social capitalista, não é suficiente apenas a produção, é necessária a mais-valia.

Há dois tipos de mais-valia: a absoluta e relativa. A mais valia absoluta se dá quando o proprietário aumenta a jornada de trabalho do trabalhador, e a relativa se dá quando se eleva a produção e reduz a quantidade de tempo de trabalho. De acordo com Marx:

Chamo de mais-valia absoluta a produzida pelo prolongamento do dia de trabalho, e de mais-valia relativa a decorrente da contração do tempo de trabalho necessário e da correspondente alteração na relação quantitativa entre ambas as partes componentes da jornada de trabalho. (MARX, 2008, p. 366)

No sistema capitalista, um dos objetivos do trabalho é a produção da mais-valia em busca de ganhar cada vez mais lucro para satisfazer as necessidades do proprietário dos meios de produção e para o acúmulo do capital. A produção da mais-valia potencializa a alienação do trabalho e do trabalhador, devido à exploração em favor da valorização do capital.

O aumento do capital do proprietário faz parte da premissa da configuração capitalista, para o estímulo da propriedade privada. A produção humana se restringe aos proprietários das empresas, evitando o acesso e a apropriação da produção à sociedade e limitando suas possibilidades de desenvolvimento.

Portanto o objetivo da produção no capitalismo é a valorização do capital, da mais-valia, e não o desenvolvimento humano. E a apropriação e produção de cultura, que é fundamental ao desenvolvimento humano e de suas potencialidades ficam submetidas às mesmas condições do modo de produção: a valorização do capital.

As mudanças que regem o processo do modo de produção capitalista são:

No processo de produção capitalista, o homem perde sua condição de sujeito em face do objeto produzido, porque não é mais proprietário daquilo que produz; e também o homem não é o sujeito no processo, pois, com a divisão do trabalho, executa apenas uma fase do processo de trabalho; e a estrutura social (re)produtiva, pautada cada vez mais na concorrência, é quem dita o ritmo do trabalho produtivo..(BERNARDES; OLIVEIRA, 2013, p.6)

A produção capitalista formou um tipo de organização social em que o trabalho passou a ser uma atividade alienada e alienante, pois se tornou apenas uma forma de sobrevivência, e não uma expressão de vida humana, condicionada a promover: a desigualdade social, permitindo o acúmulo do capital pelos proprietários; intensificando a distância entre as classes sociais, pautadas nas diferenças de posse de capital; a fragmentação social, com o estímulo da concorrência, da competição entre os trabalhadores, em busca de garantir o seu meio de sobrevivência.

A alienação apresenta uma complexificação profunda e intensa no processo do trabalho que dificulta as possibilidades de os indivíduos superarem essa organização social e de se libertarem. Pois mesmo que tenham a consciência sobre ela, é necessário se submeter às condições estabelecidas de forma a garantir a sobrevivência.

Com o passar do tempo, o sistema capitalista formou a divisão social: os proprietários, detentores do capital e os trabalhadores, que vendem a sua força de trabalho. Os primeiros, para vencer a concorrência, precisam explorar o trabalhador pela produção da mais-valia, buscando inovações, tecnologias, novas formas de gestão e organização de produção. E os trabalhadores que precisam ter a formação profissional adequada e se atualizar constantemente para vender a sua força de trabalho, contribuir para que as mercadorias sejam vendidas e assim conseguirem se sustentar no mercado capitalista.

A possibilidade de superação a essa estrutura socioeconômica, mas que ainda apresenta suas contradições, seria a diminuição do tempo de trabalho alienado, produzindo menos mais-valia, para que haja mais tempo para a apropriação e produção de cultura para e pelos homens.

Em decorrência da Revolução Industrial e da falta de regulamentação do trabalho, a exploração da mão de obra se intensificou juntamente com o aumento da oferta de mão de obra. Isso se reflete em longas jornadas de trabalho, inclusive de mulheres e crianças submetidas a péssimas condições de trabalho. Lafargue (1999), em seu manifesto do *Direito à Preguiça*, faz uma crítica a esses trabalhadores que aceitavam as determinadas condições subumanas, ressaltando a importância da preguiça e a necessidade de redução da jornada de trabalho para que o trabalhador possa ter tempo para se desenvolver como homem. Tais condições apresentaram melhoras ao longo do tempo, por meio da intervenção da luta e conquistas de leis, que passaram a garantir princípios básicos humanos a esses trabalhadores, limitando o horário de trabalho diário: 8h de trabalho, 8h de descanso e 8h de tempo livre. Devido à crise econômica atual, muitos desses direitos estão sendo revistos, com

possibilidade de serem extintos.

O trabalho e o tempo livre na lógica do materialismo histórico são vistos como uma unidade dialética de análise, considerando a maneira como a sociedade capitalista mercantilizou o trabalho e, concomitantemente, o tempo livre. Tal fato é comentado por Adorno quando afirma que:

Simultaneamente, a distinção entre trabalho e tempo livre foi incutida como norma a consciência e inconsciência das pessoas. Como, segundo a moral do trabalho vigente, o tempo em que se está livre do trabalho tem por função restaurar a força de trabalho, o tempo livre do trabalho — precisamente porque é um mero apêndice do trabalho — vem a ser separado deste com zelo puritano. (ADORNO, 1995, p.65)

O tempo livre não deve ser compreendido como o oposto ao trabalho, mas uma ligação direta, uma unidade de contrários. Na medida em que o tempo livre é essencial para o trabalho, este é o momento em que os homens descansam, recarregam energias, potencializam suas habilidades, para que tenham uma melhor produtividade, alienando-se.

Como o trabalho alienado apresenta uma série de obrigações ao trabalhador, apresentam-se limites para que o sujeito se manifeste livremente em busca de seus anseios, desejos e vontades. O indivíduo fica limitado a atender as condições exigidas em contrapartida ao salário mensal para satisfazer as suas necessidades. Entretanto, no tempo livre os sujeitos buscam satisfazer as suas ânsias em favor da sua felicidade, porém o processo alienante do trabalho, segundo Adorno (1995), pode atrofiar a sua capacidade criativa e gastar a maior parte da sua energia vital. De acordo o autor “[...] sob as condições vigentes, seria inoportuno e insensato esperar ou exigir das pessoas que realizem algo produtivo em seu tempo livre, uma vez que se destruiu nelas justamente a produtividade, a capacidade criativa.” (ADORNO, 1995, p.67)

Adorno (1995) faz uma crítica à compreensão de que a fantasia e a imaginação construídas ao longo da infância acabam sendo mutiladas pelas condições alienantes do trabalho. Identificada essa carência, a indústria cultural se apodera dessa necessidade e a supre por meio de mercadorias de entretenimento, formatadas para a massa, de forma que a ficção e a imaginação sejam condicionadas a outras realidades, outros mundos. Cria-se distração das problemáticas da realidade e do sistema econômico, auxiliando a manutenção do próprio sistema. De acordo com o autor,

A mais importante, sem dúvida, é a detração da fantasia e seu atrofiamento. A fantasia fica tão suspeita quanto a curiosidade sexual e o anseio pelo proibido, assim como dela suspeita o espírito de uma ciência que já não é mais espírito. Quem quiser adaptar-se, deve renunciar cada vez mais à fantasia. Em geral, mutilada por alguma experiência da primeira infância, nem consegue desenvolvê-la. A falta de fantasia, implantada e insistentemente recomendada pela sociedade, deixa as pessoas

desamparadas em seu tempo livre. (ADORNO, 1995, p.67)

Portanto, a busca do que foi suprimido pelo trabalho alienado se manifesta de uma forma espontânea em busca de alcançar suas necessidades, por exemplo: o hedonismo, o lúdico, as experiências que influenciam o emocional, a imaginação, o jogo, o descanso, a diversão, etc., ou seja, são fatores apontados em diversos conceitos do lazer, mas que não são absolutos e garantidos na atividade, pois variam de acordo com as necessidades condicionadas pelo trabalho. Segundo Fernandes:

O 'lúdico' é concebido, em sua origem, como sentido de 'ilusão', de 'simulação', de 'enganar-se a si mesmo'. Prontamente é possível associá-la à ficção ou efeito de fingir, coisa imaginária, invenção. Uma situação lúdica pode estar presente em diferentes ações, em momentos de trabalho e de diversão. É na atividade lúdica que se concebe e se faz, por exemplo, uma música, um quadro, um conto, portanto, o fazer artístico é algo semelhante a uma brincadeira. (FERNANDES, 2007, p. 43).

A necessidade do lúdico no sistema capitalista está na mesma medida que a necessidade da fantasia e a imaginação, conforme apresentado em Adorno (1995). A brincadeira permite que a criança vivencie diversas situações utilizando a sua imaginação para atender as suas necessidades e desejos. Da mesma forma, por meio das relações sociais, do jogo ou da brincadeira no tempo livre, o adulto encontra possibilidades e limites em desenvolver a ludicidade, que geralmente é amputada historicamente pelo trabalho alienado.

Enquanto no trabalho alienado o homem trabalha pelo seu salário no fim do mês para atender suas necessidades de sobrevivência e para acumular, é no tempo livre que ele busca atender às suas necessidades que não foram permitidas durante o tempo do trabalho: as obrigações familiares, sociais, religiosas, políticas; as tarefas domésticas, a atividade de estudo, higiene, etc. É no tempo que lhe sobra que o homem busca realizar seus desejos e vontades em forma de satisfazer às necessidades que o corpo e o psíquico, de forma integrada e dialética, pedem, por meio da atividade de lazer. Tais vontades e desejos são produtos das relações sociais, constituídas pela unidade biológica-social constituídas histórico e culturalmente, e podem visar: o prazer, a ludicidade, a diversão, o entretenimento, o descanso, entre outros, que são aspectos geralmente suprimidos pelo trabalho alienado.

Agnes Heller (2008, 1991) considera o lazer como parte da vida cotidiana. A autora faz uma divisão da vida social em dois âmbitos: a vida cotidiana e as esferas não-cotidianas. Para a autora, a formação dos indivíduos começa sempre nas esferas da vida cotidiana. A vida cotidiana constitui a formação essencial dos indivíduos: a linguagem, os objetos e a cultura de uma determinada sociedade. Esse processo de formação começa desde o nascimento, faz a imersão no universo cultural humano e se estende por toda a vida, e é composto pelo conjunto

das atividades voltadas para a reprodução da existência do indivíduo. As esferas não-cotidianas constituem-se por meio das objetivações humanas superiores, isto é, mais complexas, como as ciências, a filosofia, a arte, a moral e a política, composta por aquelas atividades voltadas para a reprodução da sociedade.

Para Heller, a vida cotidiana é inerente à existência do ser humano que, por meio das relações sociais elaboradas historicamente, apropria-se e produz cultura para a sua própria sobrevivência, desenvolve a linguagem, manuseia objetos, e os usos e costumes da sociedade, em resposta às necessidades essenciais do homem. Segundo Rossler:

Por sua vez, as atividades não-cotidianas são determinadas por motivações genéricas, isto é, que aludem à universalidade do gênero humano, a qual também não pode ser considerada um dado natural já existente no início da história humana, devendo ser vista como um dos resultados possíveis do processo. Como a própria Heller menciona em vários momentos, há uma grande variabilidade no grau real de universalidade das motivações genéricas do comportamento individual, em especial se levarmos em conta o fato de que as objetivações genéricas para-si (ciência, arte, filosofia, moral e política) trazem as marcas da contraditoriedade de sua gênese histórica, a qual tem ocorrido até o presente em meio à divisão social do trabalho, à propriedade privada, enfim, em meio à luta de classes. (ROSSLER, 2004, p.103-104)

Sobretudo as formas de pensamento, sentimento e ação em uma organização socioeconômica alienante acabam determinando a vida cotidiana na sua totalidade social de forma alienada. A alienação afeta a cultura da configuração social empobrecendo a estrutura do psiquismo impossibilitando as relações sociais para as esferas não-cotidianas, assim como a apropriação das formas de pensamento, sentimento e ação que são inerentes a elas. Segundo o autor,

Uma estrutura social alienada produz uma vida cotidiana alienada a qual, por sua vez, determina o esvaziamento da individualidade humana, impedindo o pleno desenvolvimento dos indivíduos, desenvolvendo esse que requer a existência de condições objetivas e subjetivas favoráveis à apropriação das esferas materiais e simbólicas mais desenvolvidas do gênero humano, com a conseqüente objetivação individual no interior dessas esferas. Portanto, o cerceamento do indivíduo pela vida cotidiana consiste num processo tanto objetivo quanto subjetivo, ou seja, um processo tanto social quanto psicológico. (ROSSLER, 2004, p.110)

Essas condições que permitem a apropriação objetiva e subjetiva estão relacionadas às vivências dos sujeitos. Segundo Vigotsky, o conceito de vivência:

[...] é uma unidade na que por um lado se representa o entorno [...] e por outro lado....como eu mesmo experimento isso, é dizer, todas as características pessoais e todas as características ambientais estão representadas em uma experiência [...] em uma vivência sempre estamos frente a uma unidade indivisível das características pessoais e das características situacionais. (VIGOTSKY, 1994, p.8, tradução nossa)²

² A citação original está na versão espanhol: [...] es una unidad en la que por un lado se representa el entorno ...

Na relação do homem com o meio (vivência), segundo Fariñas e Callejon (2017), há diversos aspectos integrados, que formam unidades dinâmicas em relação ao tempo histórico, que são elementos constituintes da formação do sujeito. Isto significa que a vivência apresenta em si uma relação entre cognitivo - afetivo, o externo- interno, o biológico- cultural, o interpessoal – pessoal que não são somas de seus integrantes, mas uma integração complexa e dialética que compõe a formação dos sujeitos (FARIÑAS; CALLEJON, 2017).

Por isso, é importante elucidar como as vivências podem impactar na formação do indivíduo, e que dentro das possibilidades, nos momentos do tempo livre deveriam ser orientadas e organizadas a favor da emancipação humana.

Portanto, o lazer, enquanto atividade, pode influenciar o trabalho de forma direta e vice-versa. Porém, enquanto o trabalho continuar sendo a atividade alienante, permanecerá o desenvolvimento das relações sociais em sua totalidade de forma alienada na configuração de organização socioeconômica capitalista, inclusive a atividade de lazer. Por sua vez, se a atividade de lazer atender às motivações não-genéricas por meio da ciência, arte, filosofia, moral e política, pode ser que desenvolva as funções psíquicas superiores de forma que crie condições para busca de uma vida não-alienada.

2.1 Teorias do Lazer

Para uma compreensão maior do lazer, considera-se importante elucidar as teorias do lazer em relação ao tempo histórico, buscando conceitos e definições que retratem a realidade e que justifiquem a sua importância como possibilidade de fruição no tempo livre e as suas potencialidades e limites como atividade humana.

A partir da Segunda Revolução Industrial, o lazer se torna objeto de estudo, quando os hábitos e o comportamento humano mudam em função de uma nova configuração do trabalho. De acordo com Gomes e Dantas (2012):

Até a Segunda Revolução Industrial, a maioria das pessoas se ocupava com as tarefas típicas do campo e o tempo se diluía entre cumprimento das obrigações diárias e de outras atividades como festas, jogos, artes, sem uma definição clara

y por otro lado [...] cómo yo mismo experimento esto, es decir, todas las características personales y todas las características ambientales están representadas en una experiencia [...] en una vivencia siempre estamos frente a una unidad indivisible de las características personales y de las características situacionales (1994, p.8). VIGOTSKY, L. S. El problema del entorno. In: VAN DER VEER, R.; VALSINER, J. (Eds): **The Vygotski reader**. Oxford: Blackwell, 1994.

³ A Revolução industrial aconteceu na Europa nos séculos XVIII e XIX, por meio de diversas mudanças socioeconômicas e tecnológicas, momento marcado pela substituição do trabalho artesanal pelo assalariado e

sobre a jornada de trabalho e o tempo para o lazer. (GOMES; DANTAS, 2012, p.9)

A Revolução Industrial³ é um processo histórico que resultou, entre outras coisas, em um conjunto de mudanças tecnológicas que trouxe um impacto profundo no processo produtivo, no sistema econômico e nas relações sociais, além de ter intensificado o desenvolvimento e consolidação do sistema capitalista e das condições desumanas e exploratórias do trabalho.

A Segunda Revolução Industrial⁴ foi responsável pela separação de dois momentos distintos: o tempo de trabalho e o tempo livre (GOMES; DANTAS, 2012, p.9), este foi conquistado pela luta de condições melhores de trabalhado garantida por leis trabalhistas, em momento que estava sendo instituído o neoliberalismo. A ideia de liberdade pregada pela doutrina do neoliberalismo se arraiga sobre a lógica da organização social e, conseqüentemente, no entendimento do conceito de tempo livre e lazer.

Por isso é importante considerar que as teorias do lazer no Brasil foram desenvolvidas na configuração socioeconômica capitalista, que contextualiza a construção do pensamento teórico e das ciências, e, conseqüentemente, na formação dos autores que as desenvolveram.

De acordo com Gomes (2003, 2004) há duas correntes opostas sobre o surgimento do lazer, sendo a primeira que acredita que o lazer existe desde as sociedades mais antigas, ou seja, sempre existiu (De GRAZIA, 1966; MUNNÉ, 1980; MEDEIROS, 1975) e uma segunda corrente que acredita que o lazer está datado na Modernidade, após a Revolução Industrial (DUMAZEDIER, 1979; MARCELLINO, 1983; MELO; ALVES JUNIOR, 2003; MASCARENHAS, 2005).

A princípio se compreender o lazer como esfera isolada, como um fenômeno social sinônimo de diversão, ludicidade, prazer, descanso, se entende a primeira corrente em defender que o lazer existe desde outras sociedades mais antigas. Porém quando se analisa o processo histórico do desenvolvimento do homem em relação a configuração socioeconômica, ao trabalho de uma forma integrada, entende-se o lazer como consequência da Revolução

³ A Revolução industrial aconteceu na Europa nos séculos XVIII e XIX, por meio de diversas mudanças socioeconômicas e tecnológicas, momento marcado pela substituição do trabalho artesanal pelo assalariado e com o uso das máquinas. A Revolução Industrial, entre 1760 a 1860, ficou restrita de início à Inglaterra. Houve o surgimento de indústrias têxteis, especificamente tecidos de algodão, com o uso do tear mecânico. Nesse momento o desenvolvimento das máquinas a vapor contribuiu para a continuação da Revolução.

⁴ A segunda etapa da Revolução Industrial ocorreu no período de 1860 a 1900, diferente da primeira etapa, países como Alemanha, França, Rússia e Itália já estavam industrializados. As principais inovações desse momento foram: a utilização do aço, da energia elétrica e dos combustíveis derivados do petróleo, a invenção do motor a explosão, da locomotiva a vapor e o desenvolvimento de produtos químicos.

Industrial.

Segundo Camargo (2001, p. 239), Lafargue foi o primeiro a mencionar a relação da produção do lazer pelo trabalho. O manifesto *Direito à Preguiça*, de Lafargue (1999), aponta a importância da preguiça, não como improdutividade, mas como a possibilidade de diversão e entretenimento. Sobretudo, defende a importância da redução da jornada de trabalho para que o haja tempo ao homem para se desenvolver como humano.

Assim, à fadiga de um dia de trabalho excessivamente longo, visto que tem pelo menos quinze horas, vem juntar-se para estes desgraçados a das idas e vindas tão freqüentes, tão penosas. Daqui resulta que à noite chegam a suas casas oprimidos pela necessidade de dormir e que no dia seguinte saem antes de terem repousado completamente para se encontrarem na oficina à hora da abertura. (LAFARGUE, 1999, p.17)

Os aspectos defendidos pelo autor trouxeram à reflexão a importância do tempo livre para os trabalhadores. Já que o trabalho alienado apresenta limites para o desenvolvimento humano, é necessário o tempo livre para que haja a possibilidade de o homem apropriar e consumir cultura para o autodesenvolvimento, conforme afirmam Marx e Engels (2005). Portanto, é importante ressaltar que a relação entre o lazer e o trabalho é dialética, assim como o trabalho influencia no lazer, vice-versa, e não apenas a produção do lazer pelo trabalho, como afirma Camargo (2001, p. 239).

Ao longo do tempo foram desenvolvidas diversas teorias sobre o lazer. Entre as concepções e fundamentos, as palavras comuns que se encontram nos conceitos são: prazer, divertimento, descanso, desenvolvimento, ludicidade, recreação, entretenimento, entre outros.

Há vertentes teóricas que consideram que o lazer como um fenômeno isolado e outros com relação direta com o trabalho. De acordo com Bernardes e Oliveira, (2013, p.12):

Referente à questão do tempo, existem diferentes relações teóricas vinculadas ao lazer: Dumazedier (1973)⁵ considera que o tempo do lazer é separado rigidamente do tempo de trabalho e das demais obrigações; para Mascarenhas (2005)⁶ o tempo do lazer apenas complementa o tempo do trabalho; Gomes (2008)⁷ entende que há uma tênue (e até inexistente) separação do tempo de lazer e as demais esferas da vida, entre elas o trabalho.

Supõe-se que o homem em seu tempo livre busque se recompor dos danos físicos e psíquicos, que recupere suas energias vitais e que se autodesenvolva. Porém, deve-se

⁵ DUMAZEDIER, Joffre. (1973). **Lazer e cultura popular**. Tradução: Maria de Lourdes Santos Machado. São Paulo: Perspectiva.

⁶ MASCARENHAS, Fernando. (2005). **Entre o ócio e o negócio: teses acerca da anatomia do lazer**. Tese de Doutorado em Educação Física. Campinas: Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas.

⁷ GOMES, Christianne Luce. (2008). Lazer e descanso. Em **Anais do IX Seminário o lazer em debate**. São Paulo: USP – EACH.

considerar tal suposição em um plano ideal, pois sabe-se que na realidade concreta há diversas condições para que isso ocorra, dependendo essencialmente da consciência dos homens.

Dumazedier (1976), um sociólogo francês inspirado pelas ideias funcionalistas, que buscam desenvolver análises de comportamentos humanos segundo as funções que os sujeitos desempenham, é um dos autores que mais influenciou os estudos do lazer no Brasil, que conceituou o lazer como:

[...] um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se ou ainda, para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais. (DUMAZEDIER, 1976, p.94)

Para o autor, o conceito de lazer se apresenta de forma isolada do trabalho, buscando qualificar o lazer na famosa concepção conhecida como 3 Ds de Dumazedier: descanso, desenvolvimento e divertimento. Sobretudo, sabe-se que nem sempre essas categorias serão garantidas para todos os sujeitos no lazer. Segundo Bernardes e Oliveira (2013, p 11), ainda sobre este mesmo conceito, afirmam que: “Este conceito exclui as obrigações sociais impostas nos momentos de lazer”, ou seja, as necessidades criadas pelas outras atividades de esferas da vida podem gerar obrigações no tempo livre, por isso é possível que se encontrem obrigações nos momentos de lazer. Um exemplo é ir em festa de família para agradar os pais.

Luiz Octávio de Lima Camargo (1986), orientando de Dumazedier, segue a mesma linha teórica. Sobretudo, o conceito de lazer para o autor é:

um conjunto de atividades gratuitas, prazerosas, voluntárias e liberatórias, centradas em interesses culturais, físicos, manuais, intelectuais, artísticos e associativos, realizadas num tempo livre roubado ou conquistado historicamente sobre a jornada de trabalho profissional e doméstico e que interferem no desenvolvimento pessoal e social dos indivíduos. (CAMARGO, 1986, p. 97)

O autor conceitua de forma fragmentada, criando categorias genéricas, qualificando os tipos de atividades de lazer como gratuitas, voluntárias, prazerosas e liberatórias, sendo que nenhuma dessas características podem ser asseguradas para os sujeitos. O mesmo acontece aos interesses que foram classificados pelo autor: físicos, manuais, intelectuais, artísticos, sociais. Porém, a atividade humana que pode ser realizada durante o lazer nem sempre será somente um desses interesses, eles podem ser combinados e atendem a diversas variáveis, havendo diversas possibilidades na sua forma mais ampla de manifestação cultural do sujeito.

Outro autor que teve grande influência no Brasil nos estudos do lazer é Marcellino, que define o lazer como:

[...] o lazer é por mim entendido como a cultura-compreendida no seu sentido mais amplo - vivenciada (praticada ou fruída) no tempo disponível. É fundamental, como traço definidor, o caráter 'desinteressado' dessa vivência. Não se busca, pelo menos basicamente, outra recompensa além da satisfação provocada pela situação. A disponibilidade de tempo significa possibilidade de opção pela atividade prática ou contemplativa. (MARCELLINO, 1990, p.31)

Marcellino (1990) apresenta um conceito de lazer de uma forma mais ampla, como apropriação da cultura no tempo disponível, porém de forma estática no tempo. O autor não considera a historicidade, o movimento do processo de formação da cultura e nem o movimento de formação do sujeito que está em lazer. Outra condição apresentada por Marcellino é o caráter desinteressado, contudo, é importante considerar que o sujeito para entrar em atividade, deve haver um motivo e uma finalidade em busca de realização das suas necessidades, por isso, algum interesse há de ter. E outra consideração importante apresentada pelo teórico é a atividade prática e atividade contemplativa, que não precisam ser necessariamente desvinculadas uma da outra, pois elas podem ocorrer simultaneamente. Gomes define:

[...] lazer como uma dimensão da cultura constituída por meio da vivência lúdica de manifestações culturais em um tempo/espço conquistado pelo sujeito ou grupo social, estabelecendo relações dialéticas com as necessidades, os deveres e as obrigações, especialmente com o trabalho produtivo. (GOMES, 2004, p.125)

Em discordância com a autora, compreende-se que nem sempre haverá uma vivência lúdica durante o lazer, como já explicitado anteriormente. Além disso, o conceito definido apresenta um recorde estático do tempo histórico, não relacionado à historicidade, porque as necessidades e deveres não são espontâneos, eles são elaborados historicamente. Ainda sobre a mesma autora, apontam Bernardes e Oliveira (2013, p.12):

A partir de uma abordagem crítica, Gomes (2008) entende o lazer como uma criação humana que está em constante diálogo com as demais esferas da vida, como o trabalho, sendo este um dos elementos que formam a rede humana de significados, símbolos e significações, opondo-se à fragmentação entre o lazer e o trabalho. Ao opor-se à fragmentação entre o lazer e o trabalho considerando os significados, símbolos e significações criados pelos homens, a autora possibilita o entendimento de que uma atividade de lazer pode se confundir/unificar-se com uma atividade de trabalho. Por exemplo, quando um jogador profissional de futebol afirma que joga como lazer. Em discordância a autora citada, consideramos que trabalho e lazer não podem ser identificados como atividades semelhantes, uma vez que tem finalidades distintas.

Essa citação apresenta uma análise crítica das autoras sobre o conceito de Gomes (2008) sobre a fragmentação entre trabalho e lazer, pois as autoras Bernardes e Oliveira (2013) explicam a relação do trabalho e do lazer como unidade dialética, e o conceito da atividade e os seus elementos (motivo, finalidade, sentido, significado, forma, conteúdo, entre

outros) fundamentados pela teoria histórico-cultural. Isso significa que, na conjuntura capitalista, as condições alienantes e de exploração do trabalho tornam certos aspectos presentes com maior frequência no lazer. Aspectos que são resultado das vontades e desejos elaborados historicamente, como a busca pelo: prazer, criatividade, ludicidade, desenvolvimento, divertimento, entre outros. Contudo, esses aspectos não são exclusivos do lazer, pois podem estar presentes no trabalho, no estudo, entre outras. E que esses mesmos aspectos tampouco são garantidos no lazer, podem estar presentes ou não. A diferença é que cada atividade apresenta uma finalidade, motivo e um sentido diferente, que está relacionada à necessidade gerada pelas condições da realidade concreta.

Tal fato está atrelado, também, às opções oferecidas pela organização social e as políticas públicas para que o sujeito possa usufruir em seu tempo livre. A ideia de liberdade imposta na configuração capitalista, segundo Tonet (2005), não é a liberdade plena:

Deste modo, por liberdade plena não entendemos liberdade absoluta, perfeita, definitivamente acabada, o que seria contraditório com a própria definição do ser social como um processo interminável de autoconstrução; muito menos a liberdade irrestrita do indivíduo visto como eixo da sociedade. Se por liberdade entendemos essencialmente autodeterminação, então liberdade plena significa aquela forma de liberdade – o grau máximo de liberdade possível para o homem – que o indivíduo tem como integrante de uma comunidade real [...]. (TONET, 2005, p. 476-477)

A ideia de liberdade absoluta coloca o homem em uma condição individual de que o sujeito pode fazer tudo o que quiser em seu tempo livre, baseada na ideia de que direito individual rege acima do coletivo. O que deve prevalecer na realidade concreta é o contrário, o significado de liberdade deveria ser cultivado e semeado aos indivíduos de forma que cada um tenha a liberdade plena, resguardando e priorizando que os direitos e a segurança da coletividade sejam preservados. Isto para que se vise o bem-estar e as condições emancipadoras de sociedade, que devem ser objetivadas por meio da educação para o desenvolvimento da consciência dos homens.

Outras teorias do lazer visam discutir e criticar o lazer como mercadoria, de forma a desenvolver a indústria cultural, como *status quo* na sociedade, intensificando a desigualdade social, que podem ser encontradas nas obras dos seguintes autores: Adorno (1995), Coelho (2003), Camargo (1986), Marcellino (1996). Assim como o trabalho, a atividade de lazer pode objetivar o desenvolvimento econômico ou o desenvolvimento humano. Porém, dentro da lógica do sistema capitalista, pode se potencializar o primeiro e limitar o segundo, de forma a viabilizar a manutenção do próprio sistema. A indústria cultural identifica a oportunidade do tempo livre e desenvolve mercadorias visando o consumo de mercadorias para atender às necessidades dos homens. Entretanto, os produtos culturais objetivam o acúmulo do capital e

não o desenvolvimento humano, e conseqüentemente, a manutenção do próprio sistema. A cultura de forma geral é transformada em produto para o entretenimento, visando a fuga da realidade, de forma que os sujeitos consigam esquecer os problemas da realidade, assim, adaptando-se à exploração e às injustiças que o sistema gera.

Já que o trabalho visa o acúmulo do capital, o lazer deveria visar ações que objetivam o desenvolvimento humano, pela apropriação e produção da cultura elaborada historicamente para o desenvolvimento de uma consciência que vise a emancipação humana, de forma que ofereça possibilidades para mudanças que superem a exploração e as injustiças intrínsecas na lógica do próprio sistema neoliberal. Pois segundo Adorno, sobre a liberdade colocada pelo neoliberalismo, “nem em seu trabalho, nem em sua consciência dispõem de si mesmas com real liberdade” (1995, p. 63). E o desafio pra a emancipação está na relação entre o trabalho e o lazer, sendo que ambos formam uma unidade dialética, pois são opostos, mas ao mesmo tempo se integram, de forma que um impacta no outro, e vice-versa, de forma contraditória, complementar e complexa.

O desenvolvimento da consciência para a emancipação pode ser feito pela educação no seu sentido mais amplo. Por isso, para além do trabalho, as outras esferas da vida cotidiana (inclusive o lazer) de forma integrada deveriam oferecer intervenções e ações organizadas que potencializem a criatividade, a reflexão crítica, o altruísmo e a cooperação, de forma que visem a emancipação humana, já que a divisão do trabalho alienado, segundo Marx e Engels (2005), fragmenta as relações sociais no modo de produção, assim como, o trabalho material e intelectual, resultando a competitividade, o individualismo, a alienação e a exploração. Segundo Bernardes e Oliveira (2013, p.6)):

O lazer como atividade humana cria situações materiais e ideais para que ocorra a transformação do sujeito e da natureza, desenvolvendo-os e produzindo bens culturais que satisfaçam as necessidades dos homens. Estes bens culturais produzidos pelos homens devem pertencer a eles e serem disponibilizados para que possam satisfazer as necessidades do próprio homem.

Na atividade de lazer, há possibilidades que o homem possa produzir bens culturais, de forma que pertençam a si mesmo para satisfazer às suas necessidades. Porém esta produção depende, necessariamente, da formação de uma consciência que vise à emancipação, a ser desenvolvida por meio das relações sociais históricas. Para este desenvolvimento, deve-se considerar a importância a educação, que possui uma função fundamental na sociedade, pois também deve visar o processo de desenvolvimento da consciência em busca da emancipação humana. Segundo Bernardes e Oliveira, “partindo do pressuposto de que um homem cria outro homem por meio de um processo educativo dado pelas relações interpessoais e pelos

processos de produção, tem-se que a educação e a produtividade são causas que geram consequências.” (2013, p. 14). Nos momentos de lazer, as relações interpessoais podem ser potencializadas, porque é durante o tempo livre que o homem tem tempo de estar próximo de quem quiser e puder e, geralmente, é quando pode se manifestar espontaneamente. Com isso, propõe-se que as ações de lazer devam ser organizadas de forma que visem as possibilidades que potencializem o desenvolvimento humano, e o conteúdo das mesmas devem objetivar as relações educativas e produtivas de forma que possibilitem a apropriação dos bens materiais e ideais, por meio da participação dos sujeitos, da criação, da crítica em foco e da conscientização da realidade e incentivos a transformações.

A arte, a ludicidade, o jogo e o prazer são elementos importantes a serem considerados à sociedade. Isto porque esses elementos podem ser reprimidos ou limitados no trabalho alienado, pois seriam a forma de compensar e resgatar as suas potencialidades oprimidas, visando satisfazer as necessidades do homem em busca da sua emancipação, “libertando-o em relação ao seu estado de sujeição ao sistema socioeconômico que visa satisfazer às necessidades do capital.” (BERNARDES; OLIVEIRA, 2013 p. 14-15).

Na sociedade capitalista, o lazer tem possibilidades e limites de trazer elementos importantes para a humanização, por meio da apropriação e produção da cultura pelas relações sociais elaboradas historicamente. Ao longo do tempo, devido a diversos movimentos sociais e lutas, o lazer surge como um direito social, sendo necessário para saúde, bem-estar e desenvolvimento humano, condição que passa a influenciar a criação de diferentes tipos de políticas sociais .

3 POLÍTICAS SOCIAIS E O LAZER

As diversas possibilidades de atividade de lazer estão relacionadas às necessidades e desejos dos homens, mas também às potencialidades e limites que a realidade concreta oferece. Tal realidade é composta por um conjunto de elementos integrados que interferem no cotidiano vivenciado pelo sujeito: estruturas, espaços, políticas, etc.

Na sociedade capitalista, a indústria cultural identificou a oportunidade de lucrar com o lazer, visando a lógica de mercado. Porém, a busca da possibilidade de emancipação dos sujeitos, do desenvolvimento humano a favor de uma vida não-alienada pode se engendrar por meio de políticas sociais, quando estas tem como finalidade a superação do sistema capitalista. Por isso, este capítulo busca elucidar e compreender a relação das políticas sociais e o lazer.

Primeiramente, há que se compreender a concepção de política. Segundo Rodrigues (2010, p. 12-13):

Como conceito, a política é entendida como forma de atividade ou de *práxis humana*. Da perspectiva clássica, 'política' (Politikós) é um adjetivo, que tem origem na palavra grega pólis e refere-se a tudo o que diz respeito às coisas da cidade; ou seja, ao que é urbano, público, civil e social.

O conceito de *práxis humana* em Vázquez (1968) está na transformação da realidade e dos homens, considerando a importância da teoria e da prática para a apreensão da realidade, em busca do desenvolvimento de uma consciência crítica em busca da superação e da emancipação humana. Segundo o autor, *práxis* "[...] é atividade teórica e prática que transforma a natureza e a sociedade; prática, na medida em que a teoria, como guia da ação, orienta a atividade humana; teórica, na medida em que esta ação é consciente." (VÁZQUEZ 1968, p.117).

A *práxis* é a condição para a objetivação da superação da realidade, pois é atuação consciente do homem sobre a realidade em busca da transformação social e pessoal, é atividade revolucionária. As políticas sociais devem assumir a função de *práxis* na organização da sociedade, pois implicam em ações que se desdobram nas condições de transformação das vidas das pessoas. As políticas sociais, segundo Faleiros (2004, p.08):

As políticas sociais ora são vistas como mecanismos de manutenção de força de trabalho, ora como conquistas dos trabalhadores, ora como arranjos do bloco no poder ou como bloco governante, ora como doação das elites dominantes, ora como instrumento de garantia do aumento da riqueza ou dos direitos do cidadão.

Neste movimento, quando se busca compreender como as políticas sociais foram

elaboradas ao longo da história, é necessário ir em busca da essência do objeto estudado. A gênese das políticas sociais coincide com a intensificação do capitalismo, consequência da Revolução Industrial e, concomitantemente, com o surgimento do lazer. Segundo Berhring e Boschetti (2009, p. 47):

Não se pode indicar com precisão um período específico de surgimento das primeiras iniciativas reconhecíveis de políticas sociais, pois, como processo social, elas se gestaram na confluência dos movimentos de ascensão ao capitalismo com a Revolução Industrial, das lutas de classe e do desenvolvimento da intervenção estatal. Sua origem é comumente relacionada aos movimentos de massa social-democratas e o estabelecimento dos Estados-nação na Europa ocidental no final do século XIX (Pierson, 1991)⁸, mas a sua generalização situa-se na sua fase tardia, após Guerra Mundial (após 1945).

No momento em que as condições do trabalho mudam, passando de trabalho concreto para trabalho alienado, que surge a necessidade de se criar ações de forma que os homens passem a se adaptar à nova forma exploratória de sociedade. As políticas sociais para Iamamoto (2011) são condições que permitem subordinar as condições do trabalho alienado ao capitalismo. Para o autor,

[...] mais que algum pacto de classes, trata-se no essencial de readaptar-se os mecanismos de exploração econômica e dominação política às necessidades do aprofundamento capitalista [...] representa a reafirmação da dominação do capital e nunca o seu contrário. (IAMAMOTO, 2011, p. 251)

Por isso as políticas sociais apresentam uma contradição na realidade, pois ao mesmo tempo que podem trazer melhores condições de vida para a busca de uma vida não-alienada, ainda podem ser mecanismos que ajudam na manutenção do próprio sistema capitalista, mantendo as condições exploratórias. Considera-se que as políticas sociais acabam sendo instrumentos para enaltecer a bondade e a preocupação do Estado perante a sociedade geral. Assim, constrói-se a ideia de culpabilização dos sujeitos por falhas que ocorrem pela lógica do próprio neoliberalismo. Segundo Faleiros (2004, p. 17):

Além de fazer o povo aceitar e, portanto, legitimar essas intervenções do Estado e de seus agentes, esses discursos fazem a população acreditar na bondade do sistema e no fracasso individual. A falta de assistência educacional, a falta de nutrição e saúde, a falta de moradia, a falta de emprego, de lazer, a falta de roupas e alimentos, ou seja, a doença, o desemprego e a fome são atribuídos a falhas individuais ou à ausência de sorte na vida, pois com as políticas sociais o sistema surge como atuante e preocupado com todos. Os programas governamentais parecem dar um jeito de integrar os 'carentes' no sistema de consumos e equipamentos, ou ao menos oferecem essa perspectiva a médio e longo prazo.

Segundo Berhring e Boschetti, as sociedades antes do capitalismo não focavam as

⁸ PIERSON, C. **Beyond the Welfare State?** Cambridge: Polity Press, 1991.

forças de mercado e apresentavam algumas responsabilidades sociais, “[...] não com o fim de garantir o bem comum, mas com o intuito de manter a ordem social [...]” (2009, p. 47). Com a ascensão do capitalismo, começam a surgir algumas caridades privadas, algumas ações filantrópicas e algumas iniciativas assistencialistas precursoras.

Antes da Revolução Industrial, segundo Behring e Boschetti (2009), foram elaboradas algumas leis inglesas, que impactaram nas condições de trabalho, sendo as mais conhecidas como: Estatuto do Trabalhador (1349), Estatuto dos Artesãos (1563), Lei dos Pobres Elisabetanas (1531- 1601), entre outras. Essas leis visavam obrigar as pessoas necessitadas a aceitar qualquer trabalho que fosse oferecido, regular a remuneração de trabalho, de forma que os pobres não pudessem recusar a oferta de trabalho. Segundo Polanyi (2000) e Castels (1998), essas leis tinham o objetivo da manutenção da desigualdade, manter a ordem das castas e impedir a livre circulação da força de trabalho, de forma que obrigasse a todos os homens que tivessem condições de trabalhar. Com essas leis coercitivas que criavam condições forçadas de trabalho, de acordo com Behring e Boschetti (2009), surgiram alguns benefícios mínimos, como auxílio alimentação para quem trabalhava em casas de trabalho. Porém, os pobres beneficiários deveriam trabalhar para justificar a assistência recebida.

Se as legislações sociais pré-capitalistas eram punitivas, restritivas e agiam na intersecção da assistência social e do trabalho forçado, o ‘abandono’ dessas tímidas e repressivas medidas de proteção no auge da Revolução Industrial lança os pobres à ‘servidão da liberdade sem proteção’, no contexto de plena subsunção do trabalho ao capital, provocando o pauperismo como fenômeno mais agudo decorrente da chamada questão social. Foram as ‘lutas pela jornada normal de trabalho’ (Marx, 1987)⁹, que provocaram o surgimento de novas regulamentações sociais e do trabalho [...]. (BERHTING; BOSCHETTI, 2009, p. 51).

O processo que perpassa a Revolução Industrial irá culminar na formação de políticas sociais e a formatação de padrões de proteção social como desdobramentos “[...] às expressões multifacetadas da questão social no capitalismo, cujo fundamento se encontra na relação de exploração do capital sobre o trabalho”. (BERHTING; BOSCHETTI, 2009, p. 51). Devido a isso, surge a necessidade de buscar condições menos exploratórias de vida e, por meio de lutas e movimentos sociais, surgem as políticas sociais como forma de garantir proteção social.

No Brasil, as políticas sociais também coincidem com a ascensão do neoliberalismo na fase de transição da escravidão, quando houve a substituição lenta do trabalho escravo pelo trabalho livre nas grandes unidades agrárias, conforme apresenta Prado Jr. (1991). Os séculos XVI e XIX foram um período que serviu principalmente para a acumulação de capital para os

⁹ MARX, K. **O capital**. 11.ed. São Paulo: Difel, 1987, v.2.

países colonizadores. Os períodos do Império e da República não trazem mudanças significativas em relação aos colonizadores, embora ao longo do tempo tenham surgido mudanças nas condições dessas relações. Para Prado Jr. (1991), a acumulação originária, o colonialismo e o imperialismo impactaram na formação da sociedade brasileira, orientada para atender as demandas e o mercado fora do país. De acordo com Fernandes (1987), a consolidação do capitalismo foi possível a partir da criação do Estado nacional, sendo importante o marco da Independência do Brasil em 1822. O movimento de transição da consolidação do capitalismo no Brasil é apresentado por Berhring e Boschetti (2009, p. 75):

Assim foram decisivos processos como a ruptura com a homogeneidade da aristocracia agrária, ao lado do surgimento de novos agentes econômicos, sob a pressão da divisão do trabalho, na direção da construção de uma nova sociedade nacional. Contudo, esse movimento é marcado pela ausência de compromisso com qualquer defesa, mais contundente dos direitos do cidadão por partes das elites econômicas políticas, o que é uma marca delével da nossa formação, fato que é fundamental para pensar a configuração da política social no Brasil.

Da mesma maneira como aconteceu na Revolução Industrial, acontece a forma de consolidação do capitalismo no Brasil, trazendo uma ruptura sem medidas de proteção que garantissem os direitos dos cidadãos. De acordo com Berhring e Boschetti, (2009), o período após a Independência do Brasil dá um início da essência burguesa, mas não de forma plena. Ainda neste momento não se rompem as relações com o mercado externo, pois a economia está orientada para a exportação:

A heteronomia, portanto, é uma marca estrutural do capitalismo brasileiro, e o processo de modernização (conservadora), consolidando o capitalismo entre nós, tenderá a mantê-la. Até porque, se há uma metamorfose entre as elites, no sentido de seu aburguesamento, esta foi acompanhada de uma aceitação dos controles estrangeiros na vida econômica do país, a qual ‘processava-se sob forte identidade de interesses e, até, sob laços profundos de lealdade e de simpatia’ (1987: 98) (BERHRING; BOSCHETTI, 2009, p.75- 76)

As autoras descrevem como em 1888, foi assinada a Lei Áurea pela Princesa Isabel, que objetivava acabar com a escravidão. Logo após, em 1889, ano da Proclamação da República, surgem as primeiras conquistas de férias pelos funcionários da Imprensa Nacional, que foram apenas 15 dias, que acabaram se estendendo aos funcionários do Ministério da Fazenda. Sobre o processo de transição de períodos, as autoras afirmam:

A passagem do século XX foi sacudida pela formação dos primeiros sindicatos, na agricultura e nas indústrias rurais a partir de 1903, dos demais trabalhadores urbanos a partir de 1907, quando é reconhecido o direito da organização sindical. Esse processo se dá sob uma forte influência dos imigrantes que traziam os ares dos movimentos anarquistas e socialistas europeus para o país. Essa nova presença no cenário político e social promove mudanças na correlação de forças, tanto que em 1911 se reduz legalmente a jornada de trabalho para 12 horas diárias. Contudo, mais

uma vez a lei não foi assegurada. Em 1919, regulamenta-se a questão dos acidentes do trabalho no Brasil, mas tratando-a pela via do inquérito policial e com ênfase na responsabilidade individual em detrimento das condições coletivas de trabalho. (BERHRING; BOSCHETTI, 2009, p.79- 80)

O momento de transição do século XIX para o século XX foi muito importante pelo surgimento dos sindicatos, que vai trazer uma organização estruturada para buscar a proteção às classes trabalhadoras específicas. Com o movimento de imigração ao Brasil, muitos estrangeiros trazem novos pensamentos de ideologias socialista e anarquista, que vão influenciar nos movimentos sociais e trazer conquistas nas condições do trabalho. Segundo Faleiros (2004, p.62):

As políticas de saúde, educação, habitação, trabalho, assistência, previdência, recreação e nutrição são objeto de luta entre diferentes forças sociais, em cada conjuntura, não constituindo, pois, o resultado mecânico da acumulação nem a manifestação exclusiva do poder das classes dominantes ou do Estado. Essas políticas não caem do céu, nem são um presente ou uma outorga do bloco do poder. Elas são ganhos conquistados em duras lutas e resultados de processos complexos de relações de forças.

Como as políticas sociais impactam no trabalho, justifica-se a sua relação com o lazer. Como as relações sociais se organizam a partir das forças produtivas, o trabalho impacta na constituição da vida cotidiana, surgindo a possibilidade de o sujeito ter tempo livre diário, aposentadoria, férias, são políticas sociais resultadas de um processo de luta histórica que influenciam no lazer. No entanto, segundo Behring e Boschetti (2009, p. 80)

O fundamental, nesse contexto do final do século XIX e início do século XX, é compreender que nosso liberalismo à brasileira não comportava a questão dos direitos sociais, que foram incorporados sob pressão dos trabalhadores e com fortes dificuldades para sua implementação e garantia efetiva.

Os direitos sociais da sociedade brasileira, nos dias atuais, são estabelecidos graças às conquistas instituídas na Constituição de 1988. É importante destacar o artigo 7º da Constituição Federal do Brasil de 1988, que rege as leis trabalhistas, o tempo da jornada de trabalho, abono de férias, décimo terceiro salário, licença maternidade, o direito à greve (art 9º), renda mensal vitalícia para idosos e deficientes físicos, entre outras. Todos esses direitos conquistados historicamente estão sendo ameaçados na contemporaneidade a favor da intensificação das ideias neoliberais.

A importância e a necessidade do lazer como direito social, enquanto ocupação do tempo liberado do trabalho, são contempladas na Constituição Federal do Brasil de 1988, porém esta não apresenta a finalidade, normas e premissas de forma a garantir esse direito. Segundo Menicucci, “[...] diferentemente dos outros direitos, na CF/88 não foram definidos

os princípios, diretrizes, objetivos, os mecanismos e regras institucionais que deveriam orientar a concretização do direito ao lazer” (2006, p.136).

Ao consultar a Constituição Federal do Brasil de 1988, encontramos o lazer como direito social nos seguintes artigos:

Art. 6º São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o **lazer**, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição. (Redação dada pela Emenda Constitucional nº 90, de 2015) (BRASIL, 2015, p. 08)

O artigo 6 relaciona a necessidade do lazer como as demais necessidades humanas a serem garantidas pelo Estado, como o trabalho, a saúde, a educação, entre outros descritos acima. Sobretudo, está definido o que é importante, porém, não mostra como essas condições devem ser oferecidas em sua qualidade e diretrizes de forma a garantir esses direitos de forma plena aos homens.

O lazer também aparece no artigo 217º da Constituição Federal do Brasil de 1988 como direito vinculado ao esporte como necessidade de promoção social: Art. 217. É dever do Estado fomentar práticas desportivas formais e não-formais, como direito de cada um, observados: § 3º O Poder Público incentivará o lazer, como forma de promoção social. (BRASIL, 1988, p., 150)

O lazer também é inserido no artigo 7º da Constituição Federal do Brasil de 1988 como premissa para o cálculo de um salário mínimo de forma que o garanta:

Art. 7º São direitos dos trabalhadores urbanos e rurais, além de outros que visem à melhoria de sua condição social:
IV - salário mínimo, fixado em lei, nacionalmente unificado, capaz de atender às suas necessidades vitais básicas e às de sua família com moradia, alimentação, educação, saúde, lazer, vestuário, higiene, transporte e previdência social, com reajustes periódicos que lhe preservem o poder aquisitivo, sendo vedada sua vinculação para qualquer fim; (BRASIL, 1988, p.08)

O valor do salário mínimo determinado atualmente no Brasil quase não consegue atender às necessidades humanas mínimas de sobrevivência, que são alimentação, moradia, saúde e vestuário. Como então calcular um valor que consiga atender o lazer? O tipo de lazer-mercadoria em forma de entretenimento que a indústria se apropriou e que está relacionado a oscilação da lógica de mercado, exigiria aumentar bastante o valor do salário mínimo, de forma que o assegure. Por sua vez, é possível encontrar opções gratuitas de lazer que visem o desenvolvimento humano, oferecidas por instituições públicas ou de interesse público, tais como museus, teatros, centros culturais e bibliotecas. Porém, são opções restritas, que não

conseguem atender à demanda de toda população. Esses questionamentos ficam escondidos de um olhar aparente, como se os direitos sociais fossem garantidos por apenas serem apresentados pela Constituição. E, de forma imediata, fazem parecer que os capitalistas acreditam que o Estado se preocupa, ao apenas apresentar esses princípios fundamentais como direitos sociais, sem com isso oferecer as condições e a qualidade necessárias.

Como o lazer está integrado a diversos setores sociais, é possível encontrar algumas políticas sociais e culturais que se refletem no lazer, como: a) a oportunidade de acesso gratuito e ações e programas em museus, centros culturais, bibliotecas, parques, teatros, cinemas, praças, ginásios e quadras poliesportivas; b) iniciativas de fomento e incentivo pelo Estado Brasileiro desde o início do século XX, amparadas por instrumentos legais como o Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei Nº 8.069, de 13 de julho de 1990.); o Estatuto do Idoso (Lei No 10.741, DE 1º de outubro 2003); o Estatuto das Cidades (Lei 10.257, de 10 de julho de 2001); a Lei Rouanet - Lei de Incentivo à Cultura (Lei nº. 8.313 de 1991); e a Lei de Incentivo ao Esporte (Lei nº 11.438 de 2006, regulamentada pelo Decreto nº 6.180 de 2007); assim como pela atuação do Terceiro Setor e iniciativas privadas como o Sistema S.

No início do século XX, começa-se a enxergar a importância dos bens culturais, sobretudo, eles acabam sendo aglutinados e visando os mesmos interesses do próprio sistema, tornando-se mercadoria, sendo visados pelo capitalista como oportunidades de negócio. E a essência da cultura como fundamental para a formação humana crítica começa a moldar-se e transformar-se para se adaptar as condições do momento histórico enraizado pelo neoliberalismo e passa a atender às necessidades da alienação em forma de produtos culturais de entretenimento para suprir as demandas da indústria cultural. Segundo Dines (2007, p. 82):

O período que vai de meados da década de 40 e meados dos anos 50 constitui uma fase na qual existe a crença em possibilidades amplas do papel da cultura, que é semelhante à crença na modernização econômica, social e política em andamento em São Paulo. Há uma aproximação do universo econômico e político com o campo artístico, pois existem vontades semelhantes, ainda que relacionadas a setores específicos.

Com a intensificação do neoliberalismo no Brasil, aumentou a desigualdade social, fato que resultou em algumas iniciativas privadas de forma a atender às necessidades sociais deste momento histórico. O incentivo e fomento à cultura resultam no crescimento de oferta de ações e programas culturais na cidade que impactam no lazer. Porém, oferecer bens culturais não significa que, em si, garanta-se a qualidade em conteúdo e forma, em sentido e significado, que a sociedade precisa como subsídios para sua emancipação. De acordo com Dines (2007, p. 82):

O crescimento das atividades culturais gera mudanças qualitativas no cenário cultural da cidade, que passa a centralizar a produção de novas manifestações em diversos setores. Neste período, em São Paulo, segundo levantamento do IBGE, havia quase duas mil casas de espetáculos, mais de meio milhão de sessões de cinema e teatro quase 150 milhões de entradas vendidas. Na esfera do cotidiano, há um aumento do setor do lazer e do consumo cultural, sendo que traços provindos de uma cultura européia influenciam em vários níveis, do técnico à disseminação de ideias, profissionalizando as ações culturais.

Ressalta-se a importância do surgimento de diversos equipamentos culturais e serviços enquanto provedores de bens culturais, trazendo diversas opções de fruição de lazer, buscando satisfazer às necessidades e desejos elaborados pelo trabalho alienado. Contudo, a cultura como lazer apresenta uma contradição intrínseca à lógica do capitalismo: ao mesmo tempo a cultura como entretenimento pode ajudar na fuga da realidade, garantir a sanidade básica necessária para voltar ao trabalho alienado, assim como pode trazer uma reflexão crítica, trazendo motivos e instigando os sujeitos a buscarem a superação da realidade.

Dentre diversas iniciativas que existem, esta pesquisa busca elucidar uma instituição importantíssima no país, chamada SESC, a qual construiu um legado como referência de promoção de arte e cultura no país ao longo da história.

A partir do cenário construído em relação à questão social legada do Estado Novo e à dimensão da cultura, que passa por um processo de dinamização e progressiva massificação com a expansão da urbanização e crescimento da industrialização em São Paulo, podemos entender melhor como se cria um espaço social e político para a fundação de uma instituição com o perfil do Serviço Social do Comércio neste comércio. (DINES, 2007, p. 82)

O SESC é uma instituição central nesta pesquisa, pois ofereceu a concessão do seu espaço e viabilizou a realização deste estudo. Entretanto, é fundamental compreender o seu processo histórico e a sua importância nas políticas sociais e no lazer no país.

3.1 SESC – Serviço Social do Comércio

O SESC – Serviço Social do Comércio - é uma instituição que surge como resultado de um período histórico, visando atender a uma necessidade social entre os trabalhadores e os empresários. Ao longo do tempo, esta instituição consolidou-se como uma das instituições principais promotoras de arte, cultura, saúde, educação e lazer nas condições elaboradas pelo sistema capitalista no Brasil.

O SESC é a instituição que ofereceu a oportunidade de realização da intervenção do lazer, sendo identificada como o contexto social da pesquisa. Para que se possa compreender os seus limites e possibilidades como instituição, torna-se necessário estudar o seu processo

de formação e consolidação, até os dias atuais.

O SESC surge em um período histórico de transição, iniciado com a Revolução de 1930, quando Getúlio Vargas assume o poder como presidente por 15 anos. Este foi um período político organizado, inaugurando um novo momento na política nacional, buscando trazer modificações na organização do Estado e no seu papel, que resulta na implantação do Estado Novo em 1937.

Segundo Weffort (1978)¹⁰,

A legislação trabalhista, criada já entre 1932 e 1934, visa incorporar o trabalhador à vida da nação e ele terá um papel ainda de maior destaque a partir do Estado Novo, no qual o modelo corporativista reordenará as instituições políticas a partir dos sindicatos patronais e operários associados em federações e confederações por ramo da produção, num claro esforço de controlar o conflito social e promover uma conciliação de classes. (apud DINES, 2007, p. 75)

Este momento histórico é caracterizado como populista, pois apresenta características do paternalismo e assistencialismo. O período do nacionalismo que se intensifica ao longo da década de 1930 e, conseqüentemente, desdobra-se em conflitos que ocasionaram a II Guerra Mundial. Este foi um momento em que cresciam os movimentos sindicais a favor dos direitos trabalhistas, que influenciaram propostas no campo da educação e da cultura. Estas demandas impactaram no novo enfoque dado às políticas sociais de modo a incluir não só assistência ao trabalhador, como também às crianças e adolescentes (DINES, 2007).

A preocupação de apoio à criança e à família ficam aparentes na Carta Constitucional de 1937, por meio do artigo 127º:

Art 127 - A infância e a juventude devem ser objeto de cuidados e garantias especiais por parte do Estado, que tomará todas as medidas destinadas a assegurar-lhes condições físicas e morais de vida sã e de harmonioso desenvolvimento das suas faculdades.

O abandono moral, intelectual ou físico da infância e da juventude importará falta grave dos responsáveis por sua guarda e educação, e cria ao Estado o dever de provê-las do conforto e dos cuidados indispensáveis à preservação física e moral.

Aos pais miseráveis assiste o direito de invocar o auxílio e proteção do Estado para a subsistência e educação da sua prole. (BRASIL, 1937, p.32)

Devido às condições precárias na época, surge a criação de uma lei de proteção a crianças e famílias. Contudo, segundo Dines (2007), essa lei que passa a ser válida na década de 1940, torna-se um motivo para criação de diversas instituições federais, com representatividade nos estados e municípios. Após 1937, com o golpe que resulta na implantação do Estado Novo, o Governo Federal acaba disseminando as ideias de proteção à infância com o foco de formação e preparação da futura classe trabalhadora do país. Desde

¹⁰ WEFFORT, Francisco. **Populismo na política brasileira**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

então, cria-se o Departamento Nacional da Criança (DNCr), vinculado ao Ministério da Educação e Saúde, pela gestão de Gustavo Capanema, que irá criar as diretrizes e ações orientadas aos serviços de assistência à criança e maternidade.

O alvo das políticas sociais era intrínseco ao objetivo estabelecido no plano de governo da época, que buscava abafar os problemas sociais e criar condições para que se unissem forças em busca do desenvolvimento nacional, em favor do capital.

Segundo a Carta da Paz Social (SESC, 2012), documento que registra o debate que culmina a criação do Sistema S, no dia 1º de maio de 1945 em Teresópolis- RJ se reuniram as autoridades dos setores econômicos (comércio, indústria e agricultura), com objetivo de desenvolver caminhos e ações para o país para superar os problemas internos e externos. Tal evento ficou conhecido como reuniram-se para a primeira Conferência das Classes Produtoras, a I Conclap. Naquele dia, houve 183 delegações de diversos estados, líderes sindicais e de associações de todo o Brasil para discutir o Estado, o desenvolvimento da produção, a economia e também as políticas de bem-estar social. Os assuntos debatidos no evento deram origem a um documento chamado “Carta da Paz Social” para novas formas de ações sociais e qualificações para os trabalhadores.

Sobre a Carta da Paz Social, afirma Dines:

A Carta traz à tona a ação da iniciativa privada perante a nova conjuntura, mostrando que são uma constante os apelos para a ‘convivência harmoniosa’ entre as classes. Esta forma de atuação mostra uma visão dos empresários semelhante à do Estado Novo, só que desta vez sua ação é conduzida de modo autônomo. (DINES, 2007, P. 84)

O presidente da República Erico Gaspar Dutra decretou a criação do SESC em um momento em que o Brasil apresentava muitos entraves e conflitos sociais, principalmente entre empregados e empregadores. O SESC surge com a implantação do Decreto - Lei Nº 9.853, de 13 de setembro de 1946, fundamentando pelo artigo 180º da Constituição, embasando-se em: que é dever do Estado “[...]melhorar as condições de vida da coletividade, especialmente das classes menos favorecidas” (BRASIL, 1946, p.01). Por isso, houve uma reunião entre entidades sindicais do comércio e associações comerciais do Brasil e decidiu-se criar uma “[...] organização de um serviço social em benefício dos empregados no comércio e das respectivas famílias” (BRASIL, 1946, p. 01), de forma que a CNC -Confederação Nacional do Comércio (criada pelo Decreto-lei número 9.403, de 25 de Junho de 1946) é “[...] órgão máximo sindical da sua categoria, representativo da classe dos comerciantes, oferece sua colaboração para êsse fim” (BRASIL, 1946, p. 01) de forma que a gestão seria feita com recursos disponibilizados pelos empregadores.

O motivo explícito na apresentação do Decreto-Lei é que a criação do SESC – “Serviço Social do Comércio muito poderá contribuir para o fortalecimento da solidariedade entre as classes, o bem estar da coletividade comerciária e, bem assim, para a defesa dos valores espirituais que se fundam as tradições da nossa civilização”, (BRASIL, 1946 , p. 01) que se traduz em acabar com os conflitos sociais em favor ao desenvolvimento nacionalista. A finalidade de atuação do SESC está apresentada no Decreto-Lei pelo artigo 1º:

Art. 1º Fica atribuído à Confederação Nacional do Comércio o encargo de criar o Serviço Social do Comércio (SESC), com a finalidade de planejar e executar direta ou indiretamente, medidas que contribuam para o bem estar social e a melhoria do padrão de vida dos comerciários e suas famílias, e, bem assim, para o aperfeiçoamento moral e cívico da coletividade.

§ 1º Na execução dessas finalidades, o Serviço Social do Comércio terá em vista, especialmente: a assistência em relação aos problemas domésticos, (nutrição, habitação, vestuário, saúde, educação e transporte); providências no sentido da defesa do salário real dos comerciários; incentivo à atividade produtora; realizações educativas e culturais, visando a valorização do homem; pesquisas sociais e econômicas. (BRASIL, 1946, p. 01)

As circunstâncias da realidade apresentada naquele período exigiam crescimento econômico e, para que isso fosse alcançado, os empregadores precisavam dos empregados para que a produção crescesse ainda mais. Para amenizar o conflito, era preciso oferecer melhores condições para o bem estar, por meio da educação, lazer, saúde e cultura, além de qualificação profissional. Em suma, uma educação que visasse a consciência empresarial e o desenvolvimento econômico, atendendo à lógica do sistema capitalista. Assim, oferece-se arte, cultura, lazer, e educação, orientados por uma intenção de caráter funcionalista que previa que, a partir desses elementos e subsídios, a criatividade para a produção poderia ser potencializada. Porém, de forma contraditória, também oferecia-se a possibilidade de desenvolvimento de uma consciência crítica, junto a condições de descanso e diversão.

Segundo o documento *SESC e SENAC: Patrimônios do Brasil*¹¹ disponibilizado no site oficial da Confederação Nacional do Comércio, as unidades do SESC são geridas por meio de 1,5% do valor retido da folha de pagamento das empresas do setor de comércio e serviços. Este valor é determinado pelo Decreto-Lei 9853/1946 e o recolhimento é feito por meio da Receita Federal. Para garantir as contribuições ao SESC, houve uma emenda popular com 1,7 milhão de assinaturas, que resultou no artigo 240º da Constituição Federal de 1988. Sobre o processo do repasse e a gestão de recursos, está explícito no documento:

¹¹ CNC. **SESC e SENAC: Patrimônios do Brasil**. CNC. Central de Conhecimentos. Livros. 2017. Disponível em: <http://www.sesc.com.br/wps/wcm/connect/d4986bee-129e-4b8d-ac50-71c9ddf45e6f/Patrimonios+do+Brasil+Sesc+Senac.pdf?MOD=AJPERES&CACHEID=d4986bee-129e-4b8d-ac50-71c9ddf45e6f> . Acesso em: 30.03.2017 às 15h07.

De acordo com o estabelecido pelos artigos 30 a 32 do Decreto nº 61.843, de 5 de dezembro de 1967 (SENAC), e pelos artigos 30 a 33 do Decreto nº 61.836, de 5 de dezembro de 1967 (SESC) a apuração da arrecadação é centralizada pela Receita Federal do Brasil, transferida aos Departamentos Nacionais, que repassam 80% do valor apurado aos respectivos estados, de acordo com a arrecadação local, informada pelo referido órgão governamental, destinando-se a manutenção de sua programação e estrutura operacional. Os 20% restantes são aplicados pelos Departamentos Nacionais, conforme normas e diretrizes internas, na operação de apoio técnico-operacional aos DDRR, inclusive no desenvolvimento de projetos especiais e experimentais. (CNC, 2017, p. 05)

A instituição atua em âmbito nacional, considerando que para cada estado tem as suas especificidades na gestão e na programação oferecida. O SESC tem uma gestão descentralizada com unidades em todos os estados do Brasil, nas capitais e em algumas cidades do interior. De acordo com o documento do site oficial da CNC, para os Departamentos Nacionais, 10% dos recursos arrecadados vão para os estados que recebem menos que 3% da arrecadação total, com objetivo de realização de ações primordiais que visem o bem-estar, na área da saúde, educação, lazer e esporte do comerciário. Os outros 15% dos recursos, que são do Departamento Nacional, destinam-se a apoio financeiro para os Departamentos Regionais (dos estados) que apresentam déficit, de forma que seja revertido em investimento para melhorar ou ampliar as estruturas das unidades. Ainda 3% dos recursos do Departamento Nacional são destinados à Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo – CNC de forma a atender os custos administrativos, conforme apresentado nos Decretos-Leis nº 61.836 e 61.843, ambos de 1967. Da mesma forma, 3% das receitas compulsórias líquidas são repassadas às Federações do Comércio de Bens, Serviços e Turismo – Fecomércio pelas Administrações Regionais do SESC (dos estados), conforme estabelecido nos Decretos -Leis nº 6.632 e 6.633, ambos de 2008.

A gestão do SESC é feita por ações estabelecidas por uma hierarquia, sendo o topo o Departamento Nacional, Abaixo dele, estão os Departamentos Regionais, e em seguida, as unidades, ou seja, há uma administração descentralizada que deve seguir as diretrizes e orientações estabelecidas pela hierarquia de decisões e pela regulamentação do Estado.

O SESC é uma entidade privada, regulamentada pelo Estado, por isso está sujeita à fiscalização pelo Poder Público por meio do Tribunal de Contas da União (TCU) e tem o apoio da Controladoria Geral da União (CGU), pelas ações que desempenham. Segundo o documento da CNC:

A legislação vigente determina não apenas que SESC e SENAC sejam fiscalizados pelo Tribunal de Contas da União, mas que suas propostas orçamentárias sejam anualmente submetidas à avaliação e aprovação ministeriais e seus orçamentos, publicados no Diário Oficial da União. No caso do SENAC, são realizadas pelo

Ministério do Trabalho e Emprego, enquanto no SESC, pelo Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. A probidade administrativa e a transparência dos Sistemas SESC e Senac não se limitam às auditorias periódicas do TCU e da CGU. Elas são asseguradas de forma regimental a partir da atuação continuada de seus órgãos de gestão e de fiscalização – com seus conselhos fiscais, constituídos de membros, em sua maioria, indicados pelo governo federal e pelas centrais sindicais e auditorias –, tanto em nível nacional quanto regional. (CNC, 2017, p. 07)

Portanto, a questão social é repassada ao trabalhador do comércio, que é quem paga por esses serviços, por meio de ações e programas de educação, saúde, ação social, alimentação, cultura, turismo, lazer e esporte, que deveriam ser garantidos e assegurados pelo Estado, conforme prevê a Constituição Federativa do Brasil. A responsabilidade social de tais programas são assim transferidas para uma entidade privada, e o Estado apenas os regula.

A gestão do SESC está atrelada ao Decreto-Lei, mas também às diretrizes do Departamento Nacional do SESC, que elaborou um documento no ano de 2010, disponibilizado no site oficial da SESC¹². No documento se expressam as concepções de cada campo de atuação (educação, cultura, saúde e lazer), como podemos observar na tabela abaixo:

Tabela 1 - A missão do SESC quanto à Educação, Saúde, Cultura e Lazer

Educação	Assim, a educação apresenta-se como o processo social por excelência, para dotar os indivíduos da estrutura mental capaz de torná-los eficientes no seu autodesenvolvimento, de produzirem respostas às suas necessidades e às de seus familiares e de se tornarem cidadãos capazes de participar de forma afirmativa da vida econômica, política e sociocultural do País [...]. Ao mesmo tempo, como resposta à demanda de sua clientela por uma educação de qualidade, o SESC deverá concentrar prioritariamente sua ação no atendimento aos dependentes menores dos comerciários. Deverá também estender esta ação educativa aos comerciários que necessitem de suplência e àqueles que buscam o aperfeiçoamento ou maior qualificação funcional. (SESC, 2010, p.24-25)
Saúde	Cabe ao SESC, no entanto, nos limites de sua ação programática, buscar formas que possibilitem contribuir para o alcance desse objetivo e, conseqüentemente, para a redução das demandas, notadamente da sua clientela de menor renda, por ações de caráter curativo e de suplementação, às quais os serviços de saúde públicos e privados não conseguem atender quantitativa e qualitativamente em níveis desejáveis, entre os quais os mantidos pelo próprio SESC. Com vistas a fazer frente a este desafio, contribuindo de forma efetiva para a melhoria da qualidade de vida da população brasileira e, em particular, da sua clientela, o SESC deverá ter como prioridade ações que contribuam para a disseminação de informações que estimulem a criação de hábitos voltados para a preservação da saúde. Ao eleger a Educação para a Saúde como atividade prioritária, estará o SESC contribuindo verdadeiramente para a criação de uma mudança cultural em que os indivíduos se qualifiquem para substituir um conhecimento por outro mais adequado, ajudando-os a se tornarem mais competentes no exercício daquilo que devem fazer por si mesmos, para realizar integralmente a condição de saúde, tornando-a um bem comunitário. (SESC, 2010, p.25-26)

¹²SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO. **Diretrizes Gerais de Ação do SESC**. Departamento Nacional. 2010. Documento disponibilizado no site oficial do Sesc: <http://www.sesc.com.br/wps/wcm/connect/0ebbb65f-a345-4d20-a6d4-c28dec7999d7/Diretrizes+Gerais+de+A%C3%A7%C3%B5es+do+Sesc.pdf?MOD=AJPERES&CACHEID=0ebb65f-a345-4d20-a6d4-c28dec7999d7>. Acesso em: 30.03.2017 18h12

Cultura	<p>Não é suficiente, no entanto, um dizer de intenções nessa direção ou simplesmente a Entidade tornar-se um espaço de ocorrência de produtos que possam ser designados como manifestações artístico-culturais. É necessário que os objetos assim reconhecidos pelo SESC sejam aqueles capazes de enriquecer intelectualmente os indivíduos, levá-los a desenvolver uma percepção mais acurada, propiciar-lhes uma nova compreensão das relações sociais, uma releitura de seu estar-no-mundo, permitir-lhes transcender suas condições de origem e formação, dotando-os, por conseguinte, de uma consciência mais universal. Em outras palavras, significa privilegiar produtos artístico-culturais que contribuam para construir um novo olhar-o-mundo, e que se instrumentalizam em uma ação transformadora dos indivíduos e da sociedade, excluindo-se, portanto, da ação programática da Entidade, aqueles produtos culturais que tendem à sua reificação, por se formarem a partir de conteúdos e formas reiterativas de padrões culturais já gravados na memória de seus receptores.</p> <p>a) Estímulo à produção artístico-cultural b) Estímulo à difusão artístico-cultural (SESC, 2010, p.27-29)</p>
Lazer	<p>O SESC identifica o lazer como um dos contextos importantes para desenvolver sua ação programática. Além de possibilitar o atendimento de grandes contingentes de sua clientela, a Entidade reconhece a importância do lazer para liberar o indivíduo da fadiga resultante de suas obrigações, notadamente as do trabalho, como também ajudar o indivíduo a suportar os efeitos da disciplina e das imposições obrigatórias, buscando ainda o desenvolvimento de sua personalidade, na medida em que o libera dos condicionamentos que o automatizam. [...] Observa-se uma tendência à substituição do valor do trabalho pelo valor do lazer, situação decorrente da constatação de que o trabalho, para a quase totalidade dos indivíduos, pouco oferece em termos de perspectivas de realização pessoal. [...] Sendo a diretriz básica do SESC o desenvolvimento de um trabalho de cunho eminentemente educativo, faz-se necessário que sua ação programática se contraponha à tendência do lazer em se tornar um conjunto de práticas consumistas, repetitivas e de pura evasão, que pouco contribuem ao desenvolvimento individual e à realização social. [...] Significa proporcionar aos mesmos experiências de reflexão, fantasias, entretenimento, recreação e desenvolvimento físico. Dessa forma, a Entidade deve cuidar para que as atividades desenvolvidas neste campo objetivem não só o atendimento das necessidades humanas de recuperação física e mental, mas também das necessidades de participação, solidariedade e integração sociocultural. Assim as manifestações e atividades de entretenimento e de caráter lúdico-recreativo apresentam-se como meios capazes de viabilizar esses objetivos. [...] Nesse sentido, cabe à Entidade proporcionar melhores condições para o aproveitamento do tempo livre da clientela, empregando recursos humanos habilitados a explorar, de modo eficiente, as várias possibilidades de crescimento pessoal, potencialmente presentes nas atividades desenvolvidas, resgatando dessa forma o sujeito, do papel de mero consumidor de serviços e atividades de entretenimento de caráter reificador e, assim, contribuindo para a expansão de sua consciência individual e sua inserção na cidadania. (SESC, 2010,p.29 -31)</p>

Pode-se observar que os elementos comuns presentes nas concepções nos campos de atuação foram focados ao: multiculturalismo, o individualismo, a partir da concepção dualista do desenvolvimento humano, tendo como meta o estímulo à produção do comércio.

Além deste documentou, outro também foi elaborado para os próximos anos pelo Departamento Nacional, que apresenta as diretrizes para o Quinquênio do SESC 2016-2020¹³, apontando as seguintes metas:

- 1 Crescimento Equilibrado [...]
- 2 Foco na Clientela Preferencial [...]
- 3 Protagonismo do Sesc na Ação Finalística [...]
- 4 Ênfase nos Processos de Gestão e Planejamento [...]

¹³ SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO. **Documento Diretrizes para o Quinquênio 2016 – 2020.**

Departamento Nacional. 2016. Disponível em: http://www.sesc.com.br/wps/wcm/connect/39f2c509-4b54-4d8d-ac7d-36699c8fa9ea/DiretrizesQuinquenio_2016-2020_web.pdf?MOD=AJPERES&CACHEID=39f2c509-4b54-4d8d-ac7d-36699c8fa9ea. Acesso 30.03.2017 às 16h30.

- 5 Valorização das Pessoas e Compromisso com o Desenvolvimento Profissional [...]
- 6 Qualificar e Fortalecer as Ações de Afirmação Institucional e de Comunicação [...]
- 7 Desenvolvimento de Valores e Elevação da Qualidade de Vida [...]
- 8 Responsabilidade Socioambiental [...]
- 9 Aperfeiçoar as Ações de Turismo Social [...]
- 10 Ampliação dos Serviços por Meio de Tecnologia [...] (SESC, 2016, p. 11-20)

Os pontos de destaque para as diretrizes são: 1-a preocupação de minimizar os custos e maximizar a qualidade oferecida, guardando uma reserva para alguma emergência; 2- as ações planejadas e orientadas devem focar o comerciário e sua família; 3- buscando a eficiência e eficácia para atender suas finalidades; 4 – buscar constantemente aperfeiçoar métodos, processos e tecnologias de gestão de forma eficiente; 5- “valorizar e desenvolver pessoas deve ser compromisso presente em todas as áreas de trabalho do Sesc, criando condições para o aprimoramento constante dos serviços e de sua efetividade social” (SESC, 2016, p. 14); 6 – “ações de afirmação institucional e de comunicação devem contribuir para o fortalecimento da identidade e imagem nacional” (SESC, 2016, p. 15); 7- realização de ações que, ao suprirem demandas individuais e coletivas, contribuem para assegurar melhores padrões de vida, com elevação das condições materiais e imateriais da existência de pessoas e comunidades. 8- busca reunir valores em seu exercício histórico e permanente de responsabilidade socioambiental: a justiça social, a participação democrática e a conservação da natureza; 9 - desenvolver um turismo que valorize o ser humano, sua cultura e seu ambiente, a partir da promoção de experiências em um novo espaço geográfico cultural, no qual sua clientela se sinta livre dos condicionamentos do seu cotidiano laboral; 10 – ampliar possibilidades de serviços do Sesc por meio da tecnologia.

Para além das diretrizes do Departamento Nacional, há que compreender e integrar o Departamento Regional. Por essa pesquisa ter se realizado no Estado de São Paulo, será apresentado especificamente o SESCSP. Este Departamento Regional administra uma rede com 36 unidades, sendo a maioria centros culturais e desportivos. Oferecendo diversos tipos de programas e ações: *Programa Curumim* (educação não formal para crianças de 7 a 12 anos), *Esporte Criança* (educação desportiva para crianças de 7 a 12 anos), diversos cursos desportivos (ginástica multifuncional, natação, basquete, futebol e vôlei, entre outros); Cursos de Música (teoria e instrumental); Curso de Teatro; turismo social, programas de saúde, educação ambiental, programas especiais para terceira idade, os pioneiros *Mesa Brasil Sesc São Paulo*, de combate à fome e ao desperdício de alimentos, e *Internet Livre*, de inclusão digital.

Além dos centros culturais, o SESC tem outras unidades que atuam com conteúdo e produção de bens culturais (livros, cds, filmes, bolsas, venda de ingressos, entre outros),

sendo: o Portal SescSP, o SescTV, as Edições Sesc e o Selo Sesc. Ainda produz outras revistas como: Em Cartaz, Mais 60, Problemas Brasileiros e Revista E, cuja função é registrar as ações realizadas e divulgá-las.

O surgimento do SESCSP está relacionado à mesma necessidade nacional, aos entraves da época, de forma a atender os comerciários do estado de São Paulo, que ao longo do tempo foi se desenvolvendo e se tornou uma referência internacional. Segundo Dines:

No intuito de acompanhar as proposições feitas pelo SESC em escala nacional, a sede regional de São Paulo é instalada em 1946. Busca-se um modo específico de entender a realidade regional, procurando respostas particulares para as necessidades existentes. No final dos anos 40, após a criação da sede regional, inauguram-se os Centros Sociais do Tatuapé, da Bela Vista, de Santana e da Água Branca e o Restaurante do Comerciário 'Alcântara Machado', em edifício no centro, para atender às necessidades dos comerciários com jornada integral de trabalho. (DINES, 2007, p.85)

Os Centros Sociais da época citada, segundo Dines (2007, p.85), eram residências que traziam um ambiente familiar, de forma que objetivava a ação social orientada à família do comerciário, com o intuito que afetasse na sua atuação nos locais de trabalho e em suas moradias, conforme relata Luiz de Oliveira Paraguá (Diretor Regional): “exercendo uma ação escarecedora, orientadora, condutora, persuasiva e sobretudo educacional”.

Em um primeiro momento, a atividade do SESC São Paulo volta-se para ações de caráter médico (70%) e jurídico. O foco das preocupações é o encaminhamento de problemas assistenciais, sejam domésticos, de saúde, de alimentação ou de higiene. A instituição experimenta vários caminhos no decorrer de sua construção, buscando o seu rumo. Além disso, havia poucos modelos a serem seguidos no Brasil, sendo necessário criar uma organização com um perfil próprio. (DINES, 2007, p. 85)

Almeida assim avalia o início da atuação do Sesc São Paulo:

[...] o trabalho de assistência médica-sanitário, entretanto, era sem dúvida o centro de atuação das unidades, focalizando, de preferência, o programa de proteção à maternidade, à infância e à adolescência, procurando-se, dessa forma, o aperfeiçoamento das gerações. (ALMEIDA, 1997, p. 60)

Atualmente há uma grande diversidade aparente nas unidades do SESC São Paulo, contudo certos padrões são mantidos, como: a área de atendimento, a loja SESC (vende livros, CDs, e produtos), a biblioteca, teatro, piscina, ginástica multifuncional, quadra, odontologia, serviço médico (emergências e primeiros socorros), comedoria (em forma de lanchonete ou restaurante, dependendo pode ser os dois), a internet livre (laboratório de informática), salas de oficinas e alguns apresentam espaços para exposições. Segundo o Diretor Regional do estado de São Paulo, Danilo Santos de Miranda apresenta na Conferência sobre Modelo de

Gestão Cultural¹⁴ a representatividade e a importância da instituição para o país:

Dentre os que conhecem o SESC, muitas vezes uma das primeiras perguntas que surgem é qual o valor de sua arrecadação no Estado de São Paulo, cuja população é a maior do país, com 41 milhões de habitantes, e que conta com a maior rede de centros socioculturais do SESC no país, 32 ao todo. O valor da arrecadação anual do SESC SP é 1 bilhão de reais, o equivalente a cerca de 630 milhões de dólares americanos, aplicados na manutenção da infraestrutura de seus 33 centros em atividade e dos 12 em construção ou em projeto, além do atendimento proporcionado por meio de - em números referentes a 2010 - mais de 5.000 workshops criativos; 6.800 espetáculos de teatro; 850 apresentações de dança; 780 exposições; 4.200 shows musicais; 3.500 sessões de cinema; 9 milhões de atendimentos e orientações de saúde; 620 congressos, seminários ou palestras; 74 mil matriculados em cursos de esporte e ginástica; 28 milhões de refeições servidas e uma frequência de mais de 15 milhões de pessoas em todos os centros socioculturais, que denominamos unidades, e espaços alternativos. Nesses espaços, contabilizamos 62 piscinas, 32 ginásios, 29 teatros com 8.217 assentos, 62 salas de ginástica, 109 consultórios dentários, 54 comedorias e cafeterias, 45 quadras cobertas, 44 quadras descobertas e 42 espaços expositivos. Além de uma estância de férias no litoral de São Paulo, um canal de televisão a cabo veiculado por todo o país, uma editora de livros e um selo de gravações musicais. 81% do público frequentador do SESC recebe até 3 salários mínimos, o que representa 1.635 reais ou 1.022 dólares por mês. Contamos com 1 milhão e 700 mil matriculados que, por trabalharem na área de comércio e serviço podem se associar gratuitamente, mas também contamos com a presença de pessoas não matriculadas que participam de nossas atividades abertas à comunidade em geral. O sucesso disso é aliar todos os critérios que expus acima (preocupação social, ineditismo, ousadia, etc.) a uma política de baixo custo de ingressos e uma programação que vai do hip hop à música clássica, do teatro experimental à dança contemporânea, da explicação sobre a culinária de alguma parte do mundo a cursos de não desperdício e educação ambiental, da atividade física e do esporte como direito à exposições de arte sempre gratuitas, isto é, a diversidade é explícita no que oferecemos e nosso público é tão amplo quanto o espectro social. (MIRANDA, 2011, p. 02)

Além dos números expressivos, é necessário elucidar a forma e o conteúdo da programação. No mesmo evento citado acima, o diretor regional do SESCSP, Danilo Santos de Miranda relata:

O SESC é uma instituição que sempre indaga como melhorar a política cultural, preocupando-se tanto com a tradição popular quanto com as representações artísticas contemporâneas. Sua programação está em permanente questionamento sobre a realidade. Quem a faz se converte em um investigador do que o cotidiano pode nos dar de melhor para perdemos esse conformismo com a repetição do mundo. Repetir a vida é desbotar as sensações. O que precisa amadurecer na sociedade, e este é o papel de uma instituição que respeita o direito à cultura, é o perpétuo renovar-se. A diplomacia cultural, por exemplo, é um artifício que acelera o olhar para si mesmo e para fora. É natural, esteja de acordo ou não, que a política e as economias do mundo todo se fundam num processo irreversível que compreende capital aberto, bolsa de valores, valorização de moedas, processos políticos em discussão, ataques contra regimes autoritários. A economia e a política unidas nesse curso da história incorporam também os símbolos culturais das sociedades inevitavelmente. O papel

¹⁴ Texto apresentado pelo Diretor Regional, Danilo Santos de Miranda na Conferência *Americas Society - Nova Iorque*. MIRANDA, Danilo S. de. **Modelo de Gestão Cultural**. SESCSP. Assessoria de Imprensa. Conferência. 13 jun 2011. Disponível em: https://www.sescsp.org.br/pt/sobre-o-sesc/palavras-do-diretor/127_MODELO+DE+GESTAO+CULTURAL. Acessado em 30.03.2017 às 15h13.

da criação contemporânea não somente dilui ou intensifica os símbolos, mas também vê o que está de fora, se mistura a ele, e essa dialética intelectual ajusta uma grande possibilidade de dinamização das relações interpessoais (MIRANDA, 2011, p. 05)

Para compreender as concepções que fundamentaram a organização e programação da instituição, é imprescindível notar que esta instituição supracitada passou a fundamentar as suas ideias e a sua prática nas teorias de Joffre Dumazedier desde 1970. Segundo um documento do SESC apresentado pelo Danilo Santos de Miranta, Diretor Regional de São Paulo no Simpósio Internacional de Cultura e Comunicação na América Latina em 2010:

Para esses ajustes contou permanentemente com a contribuição de profissionais, como foi o caso do sociólogo francês Joffre Dumazedier que nos anos 1970 e 1980 assessorou seu corpo técnico, na implementação conceitual da ação e animação sócio cultural e nas diretrizes educativas mais adequadas ao lazer do trabalhador, durante seu tempo livre. Mais recentemente, Edgar Morin e Domenico de Masi contribuíram nas reflexões sobre a emergência dos novos valores socioculturais na era pós-industrial, e sobre o novo papel das políticas culturais nas sociabilidades e identidades. (MIRANDA, 2010, p. 04)¹⁵

A teoria dos conteúdos culturais do lazer, classificados por Dumazedier (1980a) como físico-esportivos, sociais, artísticos, manuais, intelectuais e, depois acrescentado o turístico por (CAMARGO, 1986), pode ser perceptível na programação do SESC, que oferece diversas ações e programas frequentemente que os contemplam.

A teoria de Joffre Dumazedier tem raízes ideológicas do funcionalismo francês. Enquanto nos Estados Unidos, no mesmo momento histórico, o lazer vinha sendo estudado como forma de uma sociedade de consumo, na Europa, o lazer vinha sendo estudado como forma de desenvolvimento cultural. Segundo Camargo (2016, p.162):

Apesar de tudo, o fato de ter sido um estudioso do lazer redundou em diversos preconceitos contra ele e sua obra. Entre os pesquisadores brasileiros, ele enfrentou um duplo preconceito, sendo frequentemente tido como conservador e funcionalista, ambos os termos tomados em suas formas mais pejorativas. Conservador é designação normalmente associada a outra ainda mais pejorativa, de reacionário. Já funcionalista, no preconceito, significa ausência de pensamento crítico sobre a sociedade e interesse apenas no seu funcionamento.

Segundo Camargo (2003), Dumazedier era de esquerda e militante, porém, contraditoriamente, a sua teoria era embasada na concepção positivista e neoliberal, tanto na sociologia quanto na área da educação. Deste posicionamento surge a concepção de ser um

¹⁵ MIRANDA, Danilo Santos de. **A experiência do SESC São Paulo:** Uma articulação entre o financiamento privado e sua missão pública. Simpósio Internacional de Cultura e Comunicação na América Latina. SESCSP. Assessoria de Imprensa. 30 mar 2010. Disponível em: https://www.sescsp.org.br/pt/sobre-o-sesc/palavras-do-diretor/116_A+EXPERIENCIA+DO+SESC+SAO+PAULO+UMA+ARTICULACAO+ENTRE+O+FINANCIAMENTO+PRIVADO+E+SUA+MISSAO+PUBLICA . Acesso em: 30.03.2017 às 17h10.

autor reacionário, pois apesar de propor alterações no âmbito das ações do lazer, suas ideias acabam fortalecendo a manutenção do próprio sistema capitalista. Segundo Camargo (2016), na educação o autor defendia a ideia de autoformação, utilizava o método de treinamento mental que era utilizada em sua época pelos auto didatas franceses. Apesar de Dumazedier ter a boa intenção de se considerar o “[...] conhecimento sociológico um instrumento de mudança social em favor dos mais desfavorecidos” (CAMARGO, 2016, p.146), o autor analisa o lazer como um fato social autônomo (CAMARGO, 2016), como se pudesse isolar o lazer das outras esferas do cotidiano, resultando na fragmentação da unidade objetiva-subjetiva da realidade concreta.

Dumazedier faz uma crítica a Marx, afirmando que para ele o repouso era a reprodução do trabalho na era industrial, que com a mudança do tempo, as coisas mudaram. Segundo Dumazedier (2000, p.29): "Hoje, o repouso foi substituído por um conjunto integrado pelas mais diversas atividades, não ligadas a necessidades e obrigações, como deveres familiares e sociais". Neste sentido, Dumazedier não está analisando o conceito de trabalho em Marx como atividade humana, e como esta impacta na formação do sujeito e cria necessidades e desejos que serão impactados no momento de não-trabalho. Ele faz uma análise fragmentada, como se o homem pudesse poupar a sua energia vital, a sua criatividade e todo o seu melhor, para o momento de lazer. Sobretudo, as condições exigidas no trabalho alienado, que sugam a energia vital, limitam as potencialidades humanas, impactam no lazer, e vice-versa, em uma relação dialética. Sobretudo, ele apresenta o repouso por si só, afirmando que não há interligação com as necessidades e obrigações. Porém, é importante considerar que o homem entra em atividade quando há motivos e necessidades. O repouso é uma consequência gerada pelas necessidades resultadas pelas atividades humanas que exigiram do corpo e de um desgaste da energia vital do homem. Segundo Dumazedier (2000, p.29):

Para Marx, o lazer constitui 'o espaço que possibilita o desenvolvimento humano', para Proudhon é o tempo que permite 'as composições livres'; para Augusto Comte é a possibilidade de desenvolver a 'astronomia popular', etc. para Engels, enfim, pedia a diminuição de horas de trabalho 'a fim de todos tivessem tempo suficiente para participar dos negócios gerais da sociedade'.

No livro *Lazer e Cultura Popular*, Dumazedier (2000) faz uma apresentação dos conceitos de lazer, mas não faz referências às obras, trazendo dúvidas e questionamentos sobre as definições descritas. Na argumentação do conceito de lazer, o autor apresenta uma lista de atividades que se opõem ao lazer (DUMAZEDIER, 2000, p.31):

1. O trabalho profissional.
2. O trabalho suplementar ou trabalho de complementação.
3. Os trabalhos domésticos (arrumação da casa, a parte diretamente utilitária da criação de animais destinados à alimentação, do bricolage e da jardinagem)
4. Atividades de manutenção (as refeições, os cuidados higiênicos com o corpo, o sono)
5. As atividades rituais ou ligadas ao cerimonial, resultantes de uma obrigação familiar, social, ou espiritual (visitas oficiais, aniversários, reuniões, políticas, ofícios religiosos).
6. As atividades ligadas aos estudos interessados (círculos e cursos preparatórios de um exame escolar ou profissional).

Complementando a síntese que Dumazedier faz sobre a lista acima:

Em suma, o lazer é definido, nos dias de hoje sobretudo, por oposição ao conjunto das necessidades e obrigações da vida cotidiana. Dever-se-á, ainda, salientar que ele só é praticado e compreendido pelas pessoas que o praticam dentro de uma dialética da vida cotidiana, na qual todos os elementos se ligam entre si e reagem uns aos outros (DUMAZEDIER, 2000, p.30-31).

Contudo, consideramos que o lazer não pode ser compreendido enquanto a oposição, mas como unidade dialética em relação a outras atividades humanas que compõem o cotidiano. Pois são as condições resultadas das atividades realizadas pelo sujeito no cotidiano, por meio das vivências, que formam o desenvolvimento de sua consciência, a qual impacta a sua relação com a realidade, com o seu cotidiano no todo e na sua autotransformação. Consideramos não ser possível separar a subjetividade resultada de uma atividade em relação à outra, elas estão interligadas e constituem a formação humana. Entretanto Dumazedier era um funcionalista, positivista que utilizava a linguagem durkheimiana (CAMARGO, 2003 p. 94), que por meio do empirismo chega a definir as funções do lazer. De acordo com Dumazedier (2000, p.32):

Na enquete citada linhas atrás, todas as respostas afirmam que o lazer, qualquer que seja sua função é, inicialmente, liberação e prazer. Em seguida, as respostas diferenciam-se em três categorias que, a nosso ver, correspondem às três funções mais importantes do lazer: a) função de descanso, b) função de divertimento, recreação e entretenimento; c) função de desenvolvimento.

Dumazedier não explica o lazer desde a sua gênese e quais são os impactos dessa atividade na realidade e no homem. O autor faz uma análise do lazer pelo empirismo, que por meio da descrição, cria categorias que permeiam a condição aparente da realidade expressa pelas opiniões captadas pelos sentidos dos entrevistados de forma imediata. Consideramos que o empirismo não explica a realidade concreta de forma aprofundada e integral, de tal forma que permita que se compreenda a sua complexidade na totalidade.

Em Durkheim (2007) o funcionalismo francês tem influência das ciências naturais; busca-se comparar as sociedades aos organismos vivos, de forma que a ação de um organismo

biológico poderia influenciar as outras partes do organismo social, em sua totalidade. Para Durkheim (2007), cada sujeito exerce uma função específica para a sociedade, que se não for cumprida, impactará em um desregramento da própria sociedade. Porém, se for seguir a lógica de Durkheim: em uma sociedade ideal em que todos os sujeitos estejam exercendo a sua função específica, mas se em suas funções, as suas ações forem organizadas e sistematizadas a atender objetivos e finalidades diferentes, impactará em um desregramento da mesma forma, impactando na evolução da sociedade. Pensar em funções em si, sem compreender a sua relação direta e dialética entre as partes da realidade e o homem em sua totalidade em movimento ao longo do tempo, resulta em um reducionismo e na fragmentação subjetiva-objetiva, entendida como unidade dialética da realidade. Segundo Durkheim (2007, p.93):

Mas esse método confunde duas questões muito diferentes. Mostrar em que um fato é útil não é explicar como ele surgiu nem como ele é o que é. Pois os usos a que serve supõem as propriedades específicas que o caracterizam, mas não o criam. A necessidade que temos das coisas não pode fazer que elas sejam deste ou daquele jeito e, conseqüentemente, não é essa necessidade que pode tirá-las do nada e conferir-lhes o ser.

A concepção teórica-metodológica da raiz epistemológica do funcionalismo francês se expressa pelo método descritivo, o qual traz uma análise resultando na fragmentação da realidade, pois cria-se rótulos e características que fazem parte de um momento estático da realidade, o que fica estagnado a um momento histórico. Sobretudo, o método não explica o objeto de estudo em sua gênese, dificultando a compreensão do seu movimento, das suas causas e consequências para que haja as condições fundamentais para sua superação na realidade concreta. A concepção teórica-metodológica durkheimiana é a expressão da teoria do lazer em Dumazedier.

A teoria do lazer de Joffre Dumazedier (1973, p.34), carrega a concepção da filosofia neoliberal de liberdade, devendo considerar que este foi desenvolvido como parte do pensamento hegemônico do momento histórico em que está inserido. Para exemplificar como Dumazedier relaciona os fatos sociais de forma individual:

Ninguém é ligado à atividade de lazer por uma necessidade material ou por um imperativo moral ou jurídico da sociedade, não ocorrendo o mesmo no que tange à obrigação escolar, profissional, sócio-política, cívica ou sócio-espiritual. Embora uma pressão social ou um hábito possam contrariar a decisão de libertar-se, esta, ou um hábito possam contrariar a decisão de libertar-se, esta no seu lazer, depende do indivíduo mais que em qualquer outra atividade. A busca de um estado de satisfação é de fato a condição primeira do lazer: 'Isto me interessa'. Tal estado pode ser a rejeição de toda tensão, de todo cuidado, de toda concentração. (DUMAZEDIER, 1973, p.96)

A concepção de liberdade é posta como os sujeitos se desenvolvessem por si, de

forma individual como se fossem autônomos na sua formação, atrelada à condição biologizante, resultando-se a fragmentação, o individualismo e a competitividade, e a essência da concepção da luta de classes que compõem a sociedade que apresenta a filosofia neoliberal.

As categorias genéricas propostas por Dumazedier são utilizadas por muitos autores da pós-modernidade, que são os famosos 3 Ds: descanso (1), divertimento (2) e desenvolvimento (3). Ao analisar o lazer de forma dialética ao trabalho, o descanso (1) é necessário para recarregar as energias para a produção; o divertimento (2) como fuga da realidade concreta, para se esquecer os problemas e as dificuldades; o desenvolvimento (3) entra a apropriação da cultura na visão individualista e biologizante.

Entretanto, conclui-se que a teoria de Joffre Dumazedier se aproxima das raízes ideológicas dos princípios neoliberais, podendo potencializar e fortalecer a manutenção do sistema capitalista. A teoria de Dumazedier está presente no conteúdo e na organização do SESC: no motivo, no conteúdo, forma, linguagem, programação, etc. Podendo resultar como reflexo da pós-modernidade, com ecletismo, multiculturalismo e de forma fragmentada.

A programação proporcionada historicamente pelo SESC está inserida na lógica apresentada anteriormente, por isso é diversificada, dentre as suas potencialidades, há diversas ações e eventos de excelente qualidade e valores acessíveis. Além de realizar projetos, cursos, oficinas e ações que são de cunho educativo, outros que visam às atividades desportivas, e outros serviços para saúde. Apesar de ser uma instituição privada, há alguns serviços específicos para quem não é associado, de forma geral e gratuita para a sociedade civil.

Por ser uma instituição de âmbito nacional, a sua eficiência gera visibilidade ampla e as condições políticas de existência facilitam a aprovação de ações, na necessidade de conseguir benefícios em lugares geográficos estratégicos e na aquisição de incentivos para a promoção de arte e cultura.

3.2 Algumas considerações sobre o potencial do SESC

Apesar de todas as possibilidades de intervenção do SESC enquanto instituição privada de ordem nacional, é importante dar ênfase ao contexto em que está inserido, em uma perspectiva histórica, contemplando a sua origem, para também compreender as suas limitações.

A necessidade de criação desta instituição, conforme expressa anteriormente, está atrelada ao momento histórico como forma de apaziguar os conflitos dos trabalhadores com

os empregados. Enquanto os trabalhadores lutavam pelos seus direitos sociais e trabalhistas, os empregados criaram essa política para oferecer lazer, educação e saúde e bem-estar, porque era uma condição necessária para manter a mão de obra para a produção.

Conforme o exposto, verifica-se que o SESC é uma instituição que faz parte das condições impostas pelo sistema capitalista, ou seja, é organizada dentro da mesma lógica do sistema. A sua forma de subsistência está atrelada ao crescimento econômico do setor que, conseqüentemente, é beneficiada proporcionalmente pelo montante de recursos para a realização das ações. Ao mesmo tempo, de forma contraditória, apresenta uma programação e ações educativas que tem potencialidade de desenvolvimento crítico, de formação humana que, em um processo constante, pode motivar em ações colaborativas, críticas, altruístas, que são elementos importantes para a emancipação humana.

Por estar instituída na lógica do sistema capitalista, a instituição deve apresentar sua efetividade, em prestação de contas e ao mesmo tempo de estatísticas de frequência e de utilidade de sua atuação. Por isso, ao mesmo tempo que visa uma atividade de cunho educativo, deve se preocupar se haverá demanda para isso, para justificar de forma quantitativa todos os recursos investidos para atender ao objetivo de potencializar o setor do comércio.

A fonte de renda do SESC provém do comércio, o que justifica o fato da gestão da instituição ser orientada e organizada para oferecer uma programação e ações para atender aos comerciários. Apesar de oferecer uma porcentagem de projetos e ações para outros setores da sociedade, o SESC não tem condições estruturais e não recebe recursos direcionados para que atenda a todos da sociedade civil.

Além das diretrizes do Departamento Nacional e do Departamento Regional, cada unidade do SESC tem autonomia na gestão, seus limites e possibilidades são também determinados pelas condições objetivas e subjetivas de cada gestor e do corpo técnico, de forma integrada, conforme planejam e executam as ações que serão desenvolvidas. Apesar das possibilidades existentes de criar condições para a reflexão crítica, altruísmo, colaboração, criatividade - elementos importantes para a emancipação humana -, é importante ressaltar que o SESC não pode e não deve sustentar interesses para a superação do sistema capitalista, pois vai contra a sua base e o seu alicerce que permitem e garantem a sua existência, ou seja, o desenvolvimento do comércio.

Por isso, essa pesquisa avalia quais são as possibilidades e limites de uma intervenção do lazer no SESC que vise a emancipação humana, de forma a compreender como a sua mediação pode implicar na constituição dos sujeitos, foi necessário buscar

compreender a realidade concreta de forma mais complexa em um movimento de análise fundamentada pelo enfoque histórico cultural.

4 A REALIDADE CONCRETA NA INTERVENÇÃO DO LAZER

A intervenção do lazer, objeto do estudo de campo nesta pesquisa, foi realizada na cidade de São Paulo, em uma das unidades do SESC. São Paulo é uma cidade metropolitana que apresenta, segundo o IBGE, uma população estimada que ultrapassa 12 milhões de habitantes em 2016, com uma diversa e ampla rede de equipamentos culturais para a fruição no lazer.

De acordo com os dados da Convention Visitors Bureau e o Observatório do Turismo da Cidade de São Paulo¹⁶, o município de São Paulo dispõe de 101 museus, 164 teatros, 39 centros culturais, 146 Bibliotecas, 111 parques e áreas verdes e 282 salas de cinema, 46 CEUS - Centros Educativos Unificados e os SESC's (que atuam em 36 unidades pelo Estado de São Paulo), sem contar as Casas de Cultura, os Pontos de Cultura e os espaços ocupados e indefinidos pelos coletivos culturais, que ultimamente estão crescendo e desenvolvendo diversas ações e eventos. Esse universo de equipamentos culturais que compõe a oferta cultural de São Paulo são as opções que os munícipes acessam no fruir no seu tempo livre, sendo que alguns visam apenas entretenimento, atendendo a lógica da indústria cultural, e outros apresentam programações que visam ações educativas, apresentando possibilidades e limites ao desenvolvimento humano pelo fruir do lazer.

Dentro desse universo de opções de equipamentos culturais, o SESC se destaca por ter se tornado referência internacional no campo do lazer, por oferecer diferentes tipos de programas, ações educativas e artísticas de alta qualidade para a fruição no tempo livre. As ações de lazer objetivam a fruição essencialmente dos comerciários, mas também possibilitam o acesso à uma parcela delimitada da sociedade civil.

A instituição atua em âmbito nacional, considerando que cada estado tem as suas especificidades na gestão e na programação oferecida. O SESC no Estado de São Paulo é considerado referência para os outros estados nacionais, pois conta com 36 unidades, sendo que 19 delas estão na capital. Dentre estas, 2 unidades estão localizadas na periferia da cidade.

Segundo os dados do SESC, apenas no estado de São Paulo foram matriculadas 1.936.906 pessoas. Desse público, 78,83% recebem até 3 salários mínimos. O perfil de escolaridade está assim distribuído: 7,82% não são escolarizados; 17,41% tem o ensino fundamental incompleto; 7,28% concluíram o ensino fundamental; 39,82% concluíram o ensino médio; 5,60% tem o ensino superior incompleto; 15,62% tem o nível superior

¹⁶ SÃO PAULO CONVENTION & VISITORS BUREAU. São Paulo em números. Disponível em : <<http://www.visitesaopaulo.com/sao-paulo-em-numeros-cultura-lazer.asp>>. Acesso em: 03.03.2017

completo; e apenas 0,78% tem algum nível de pós-graduação.

O SESC oferece programas e projetos culturais gratuitos para a sociedade civil, para participar destas atividades só é necessário apresentar o registro de identificação, RG,. Entre os projetos gratuitos, há o *Programa Curumim*¹⁷ que tem enfoque educativo e o *Esporte Criança* que tem o enfoque desportivo; ambos são oferecidos para crianças de 07 a 12 anos, para que possam fruir em seu tempo livre. Segundo a descrição oferecida pelo SESC:

O Curumim é um programa permanente de educação não formal para as crianças de 7 a 12 anos, que visa o desenvolvimento integral da criança por meio da realização de atividades educativas, culturais e de lazer, compreendidas em atividades físicas, esportivas, artísticas, socioambientais, de promoção da saúde, cidadania e sociabilização. Tem sua base em valores como a ludicidade, o direito à informação, o domínio do meio e o exercício da cidadania, além da preocupação com o estabelecimento de relações sociais, formação de grupos, intercâmbio de conhecimentos e a convivência entre diferentes. No Curumim as crianças têm a oportunidade de fazer amigos e viver novas experiências, o que colabora para seu desenvolvimento e aprendizado. Atendimento à 100 crianças, distribuídas entre os turnos da manhã e tarde. (SESC, 2017, p.01)

O *Curumim* é um programa de educação não-formal que atende a crianças no período anterior ou posterior à escola, visando ações educativas. O programa é marcado pelas raízes do funcionalismo francês e do multiculturalismo, conforme apresentado previamente na concepção da instituição, contudo, realiza um trabalho de extrema importância na conjuntura socioeconômica capitalista.

Além do *Curumim*, há o *Programa de Férias* que oferece uma programação com uma temática previamente escolhida para o desenvolvimento de atividades educativas e esportivas, aproximando-se da proposta do *Projeto Curumim* e do *Esporte Criança*. Esses projetos acontecem em todas as unidades do SESC do Estado de São Paulo.

A intervenção do lazer analisada nesta pesquisa ocorreu junto ao *Programa de Férias*, em uma das unidades do SESC São Paulo, e foi organizada e sistematizada de forma a ampliar a perspectiva dos projetos citados em busca de criar a possibilidade de mediar aspectos da cultura visando a emancipação humana. Por isso, a intervenção do lazer fundamenta-se no pensamento de Heller (2008) de forma a buscar estratégias que visassem motivações não-genérica para o lazer por meio da mediação da ciência, da arte, da filosofia e da política, de forma a criar novas experiências sociais às crianças que participam do projeto, para o anseio da não-cotidianidade.

Os fundamentos do lazer e do desenvolvimento humano são embasados na compreensão de constituição do sujeito como a síntese das relações sociais elaboradas

¹⁷ SESC. **Projeto Curumim**. SESC São Paulo. Cursos. Disponível em : https://www.sescsp.org.br/aulas/55926_CURUMIM. Acesso em: 30.03.2017

historicamente e compreende a vivência no lazer como unidade complexa e dialética (afetivo-cognitivo, social-pessoal, externo-interno) que podem ser sistematizadas e organizadas a favor de um movimento à emancipação humana (MARX; ENGELS, 2005; VYGOSTSKI, 2000).

A organização da intervenção do lazer foi sistematizada de forma a promover o desenvolvimento humano por meio do lazer, considerando: a ludicidade, as relações interpessoais, a colaboração, o intercâmbio, a criatividade, a solução de problemas e a reflexão sobre a realidade concreta, como elementos que possibilitem um movimento a favor a emancipação humana.

A problemática dessa pesquisa emerge de um movimento de reflexão de autocrítica da minha própria atuação enquanto pesquisadora, que estudou a maior parte de sua vida em uma escola pública do Estado de São Paulo e que não gostava da escola, sendo a maior motivação de ir à escola ver os amigos. Vivenciei, ao longo de minha vida, uma escola que apresentava princípios autoritários, que tinha uma estrutura física que se assemelhava a presídios, passei por diversos momentos difíceis com situações de vulnerabilidade social: com a presença diária de drogas ilícitas, atos de violência, de tráfico de drogas, entre outras situações sensíveis e complexas.

Meu gosto pelo conhecimento se iniciou por meio de atividades artísticas (dança e teatro) e de vivências no lazer, que instigavam a curiosidade em querer estudar e conhecer mais sobre diversos assuntos. Tais fatos me levaram a buscar outras oportunidades e a ingressar em outra escola, quando as ações educativas me conduziram aos estudos e me possibilitaram novas oportunidades para o desenvolvimento e a formação pessoal.

As condições vividas por mim instigaram-me a querer estudar, a compreender e explicar a importância do lazer neste processo. Tais inquietações são a fonte do impulso para a realização desta investigação que tem como hipótese a importância das ações do lazer como possibilidade de criar estímulos culturais que despertem o interesse dos sujeitos em busca do conhecimento e criem um movimento que possibilite o desenvolvimento humano.

Os motivos que norteiam a investigação tornaram-se os critérios para a realização da pesquisa. São eles:

✓ 1º critério: a minha formação enquanto pesquisadora está atrelada historicamente por atividades educativas e artísticas, profissionalmente ligadas à área do lazer.

✓ 2º critério: trabalhei no SESC e assistia algumas ações do *Projeto Curumim* sendo realizadas. Por isso já conhecia o corpo técnico e educativo, assim como a administração da instituição.

✓ 3º critério: o processo histórico de desenvolvimento traz uma diversidade

ímpar, composto por pessoas de diversas classes sociais e de diferentes nacionalidades, pela chegada de sucessivas ondas migratórias.

No movimento de criação da intervenção do lazer, depois de algumas reuniões de apresentação da proposta ao SESC, identificaram-se algumas condições específicas para a realização da pesquisa:

- a) Não seria possível participar do *Projeto Curumim* (projeto longo, aplicado a crianças de 6 a 12 anos), devido ao trabalho de acompanhamento que o corpo técnico já estava desenvolvendo junto aos pais das crianças.
- b) A intervenção foi permitida de forma que se realizasse no *Programa de Férias*, que se caracteriza em um projeto de lazer curto, o que implica em um momento de investigação também curto, impossibilitando o vínculo afetivo entre os participantes e de aproximação com os pais;
- c) Não seria possível desenvolver um curso de formação da teoria histórico-cultural para o corpo técnico, devido ao horário de trabalho dos mesmos;
- d) Fazer o planejamento das ações dentro da temática Olimpíadas, sendo requisito da própria instituição para a execução da pesquisa;
- e) A formação da pesquisadora, que estava no início do processo de apropriação da teoria histórico-cultural.

Após as reuniões junto à equipe administrativa da instituição foi desenvolvida a investigação conforme os acordos pré-estabelecidos coletivamente, de forma integrada à teoria que norteia a investigação, que é o enfoque histórico cultural, que irá fundamentar e orientar o movimento da pesquisa.

4.1 O Movimento da Pesquisa de Campo

A pesquisa de campo busca fazer uma conexão entre o estudo teórico, apresentado previamente, e o estudo empírico para compreender a dialética e as contradições entre possibilidades e limites da intervenção de lazer de cunho educativo na formação do sujeito. No caso da intervenção em análise, consideramos fundamental organizar as ações do lazer de forma sistematizada, consciente e com domínio do conhecimento mediado nos campos da filosofia, ciência, política e arte para que se alcance o objetivo proposto.

O modo de ação pelo lazer de cunho educativo objetiva-se de forma lúdica, visando

despertar a curiosidade ou novos motivos, para que os participantes da intervenção entrem em atividade de tal forma que possam criar mudanças na relação com a realidade.

A proposta da intervenção do lazer em análise tem a finalidade de promover estímulos ou inquietudes que levem os participantes a desejarem entrar em atividade posterior de estudo, que possa vir a promover o desenvolvimento das funções psíquicas superiores.

Para se realizar o estudo empírico proposto, foi realizada uma parceria com um dos SESCs da cidade de São Paulo, para que fossem concedidas as condições mais adequadas possíveis, sendo disponibilizados pela instituição o espaço físico, materiais necessários, monitores, inclusão da oficina na programação oficial da instituição, a divulgação e o controle das inscrições na unidade. Porém, para que a intervenção pudesse ser inserida na rotina do *Programa de Férias* do SESC, a unidade definiu como condição que o tema do projeto fosse contemplado nas oficinas. Nessas condições a mesma autorizou que a própria pesquisadora assumisse a organização da oficina.

A escolha do SESC enquanto local de realização da pesquisa de campo está atrelada ao fato da pesquisadora conhecer o público frequentador, o corpo técnico e o trabalho educativo desenvolvido no local. O público que frequenta a unidade e frui da programação cultural é bem diversificado, com variados níveis socioeconômicos e de diferentes culturas: coreanos, sírios, bolivianos e refugiados de diversos países.

As oficinas foram incluídas na programação do *Programa de Férias* realizadas por 2 (duas) semanas, entre os dias 12 a 22 de janeiro de 2016, sendo oferecidas apenas de terça à sexta, das 14:00 às 18:00.

A escolha da inserção das oficinas no *Programa de Férias*, um projeto de lazer para crianças de 06 a 13 anos de idade realizado durante as férias escolares, trouxe exigências específicas para sua viabilidade. As oficinas deveriam ser organizadas na forma de um projeto pontual, apresentar flexibilidade com a inserção de ações com diversos conteúdos e formatos, ser sistemática; não ter controle dos técnicos junto aos pais, características diferentes do *Projeto Curumim* e *Esporte Criança*. A temática do *Programa de Férias* 2016 foi Jogos Olímpicos, a qual deveria ser considerada no planejamento das oficinas. A programação contemplava 2 (duas) oficinas por dia.

O grupo participante totalizou 100 crianças, de 06 a 13 anos – todos os que se inscreveram no *Programa de Férias*. Os participantes foram divididos em 4 (quatro) turmas de 25 (vinte e cinco) crianças, que eram identificados por cores: equipe amarela, equipe azul, equipe vermelha e equipe verde. Apesar das equipes permanecerem majoritariamente com os mesmos participantes do início ao fim da intervenção, identificamos certa rotatividade de

crianças nos grupos; por se tratar de um projeto de férias no âmbito do lazer, que não exige obrigatoriedade de frequência.

Para a organização da intervenção do lazer, foram considerados os conceitos que compõem a Teoria Histórico-Cultural, já elucidados e explicitados no decorrer da parte teórica desta investigação, sendo: a) o conceito de atividade na formação constituinte do sujeito; b) a apropriação da produção de cultura elaborada historicamente para o desenvolvimento humano; c) a necessidade de superação do trabalho abstrato e o seu efeito alienante e alienado na sociedade capitalista; d) desenvolvimento da consciência por meio da intervenção humana de forma organizada e sistematizada intencionalmente para o desenvolvimento das funções psíquicas superiores.(MARX; ENGELS, 2005; VYGOSTSKI, 2000)

No movimento de planejamento das ações, ocorreram antecipadamente algumas reuniões com a equipe pedagógica do SESC, de forma que fossem adquiridas algumas informações para a definição do projeto: quantidade de crianças, idade, temática, os recursos materiais disponíveis, os espaços que poderiam ser utilizados, o monitores disponíveis e informações gerais sobre o *Programa de Férias*.

Com essas informações, foi possível a elaboração da intervenção do lazer na forma de oficina, aceita e aprovada com o seguinte formato: um módulo de 4 (quatro) oficinas, sendo aplicadas uma em cada dia da semana, de terça a sexta. Cada oficina tinha um propósito diferente, com o objetivo de contemplar a teoria da não-cotidianidade de Heller (2008). As oficinas foram organizadas na seguinte ordem: filosofia (terça), ciência (quarta), política (quinta), e artes (sexta). Sobretudo, todas deveriam estar relacionadas à temática dos Jogos Olímpicos.

Logo após a aprovação do SESC como lócus da pesquisa, o projeto de pesquisa foi apresentado para a Comissão de Ética e Pesquisa - CEP da Escola de Artes, Ciências e Humanidades - EACH - da Universidade de São Paulo- USP para que fossem analisados os aspectos éticos e legais. O projeto foi aprovado com a autorização devida para ser implementado, com o registro de número 51421815.5.0000.5390.

Para viabilizar a análise das ações na pesquisa de campo, todas as oficinas foram filmadas, registradas por fotografia, foi feito um diário de bordo com anotações e observações do dia, todos os materiais confeccionados pelas crianças foram guardados para documentação do processo, transcrição das reflexões e diálogos com as crianças realizados durante a intervenção e registros de diálogos realizados com os monitores em reuniões de análise da intervenção do lazer. Os responsáveis pelos participantes assinaram a autorização de imagem

e de participação e o termo de consentimento livre e esclarecido no ato da inscrição.

A realização das oficinas foi feita na Sala de Oficinas do SESC, que tem um espaço amplo que permite arranjos do mobiliário em diversos formatos, com mesas apropriadas, materiais diversos para arte e equipamentos de audiovisual. Todo o material necessário foi concedido pelo SESC.

A intervenção do lazer foi aplicada em dois ciclos. O primeiro ciclo ocorreu na semana de 12 a 15 de janeiro como projeto piloto, e o segundo ciclo ocorreu na semana de 19 a 22 de janeiro como projeto efetivo. As oficinas na primeira semana foram realizadas com as equipes vermelha e verde, porém apenas para identificar e analisar a viabilidade das ações de lazer para a execução do projeto efetivo. Na segunda semana ocorreu a execução do projeto efetivo com as equipes amarela e azul. Todas as equipes eram compostas por uma média de 25 crianças cada.

4.2 Procedimentos de Análise

A análise dos dados buscou identificar os elementos que compõem a realidade investigada, de forma integrada em movimento à sua totalidade, de modo a identificar os limite e as possibilidades de promoção do desenvolvimento humano pelas mediações na intervenção do lazer.

A compreensão de totalidade é o entendimento de que a formação da realidade concreta é feita por diversos elementos integrados entre si, apesar de individualmente apresentarem as suas particularidades. Para retratar este conceito, Vygotsky (2001) faz a analogia com a molécula de água para explicar a totalidade e complexidade das coisas, considerando que a molécula de água é composta por uma integração de 2 átomos de hidrogênio e 1 átomo de oxigênio, formando a sua totalidade. Porém, se separar cada um dos elementos em sua análise não será possível explicar a água, apesar de eles apresentarem suas diferenças e suas características nas suas particularidades. Da mesma forma Vygotsky (2001) explica que o psiquismo humano é formado em uma unidade complexa por meio de uma relação interfuncional e integrada das funções psíquicas superiores como: a abstração, pensamento, memória, percepção, linguagem, emoções, entre outras, que não podem ser desconectadas em si para a compreensão do todo. Segundo Vygotsky (2000 *apud* DUARTE, 2000, p.89):

Cremos que substituir esse tipo de análise por outro muito diferente é um passo decisivo e crítico para a teoria do pensamento e da linguagem. Teria de ser uma análise que segmentasse o complexo conjunto em unidades. Por unidade

entendemos o resultado da análise que, diferentemente dos elementos, goza de todas as propriedades fundamentais características do conjunto e constitui uma parte viva e indivisível da totalidade. Não é a fórmula química da água senão o estudo das moléculas e do movimento molecular o que constitui a chave da explicação das propriedades definidoras da água. Assim, a célula viva, que conserva todas as propriedades fundamentais da vida, definidora dos organismos vivos, é a verdadeira unidade da análise biológica.

Diante desse pressuposto, compreende-se que o processo analítico da realidade investigada problematiza a totalidade da intervenção do lazer a partir da unidade *atividade do lazer*. Unidade esta que integra as relações sociais entre a pesquisadora e a instituição, entre a pesquisadora e o corpo técnico e entre a pesquisadora e os participantes da pesquisa.

A análise das contradições presentes na investigação se dá a partir de três eixos que identificam as possibilidades e os limites emergentes da realidade investigada. Por isso, a análise da realidade concreta será realizada nos seguintes eixos:

- (1) Limites e possibilidades no movimento entre pesquisadora e SESC;
- (2) Limites e possibilidades no movimento entre pesquisadora e corpo técnico;
- (3) Limites e possibilidades no movimento da relação entre pesquisadora e participantes.

Os três eixos de análise foram identificados a partir dos princípios teórico-metodológicos do materialismo histórico-dialético que identificam as categorias *geral*, *particular* e *singular*, fundamentando respectivamente os eixos (1), (2) e (3).

O movimento de análise dos dados emergentes da intervenção do lazer dá-se por meio da análise do seu objeto constituído historicamente, de forma a compreender o processo de seu desenvolvimento por meio da crítica e autocrítica. A unidade de contrários que permeia a análise dos dados é evidenciada pelas contradições presentes entre as possibilidades e limites das condições concretas que possibilitaram a realização da pesquisa de campo. Trata-se da concretude e da dialética presente na pesquisa de campo que integra os três eixos previamente apresentados.

A análise dos dados apresentada a seguir evidencia o movimento de organização das ações do lazer e a análise crítica sobre a mesma em busca de caminhos para a sua superação.

4.3 A Intervenção do Lazer em seus Tempos e Espaços de Execução

Apresentamos a seguir a intervenção do lazer no do *Programa de Férias* desenvolvida junto ao SESC, descrevendo seus princípios e sua finalidade, que influenciaram diretamente a organização das oficinas do projeto piloto em conjunto com o aporte teórico

que fundamenta o enfoque histórico-cultural. Sobretudo, é importante elucidar que o projeto piloto foi organizado em um momento em que a pesquisadora estava ainda no início do processo de aprendizagem da psicologia histórico-cultural, em um movimento em busca do desenvolvimento de consciência e apropriação dos conceitos fundamentais.

De acordo com a metodologia é imprescindível que o *Programa de Férias* seja contextualizado e analisado de forma integrada à intervenção (investigação) e o ensaio pedagógico (pré-teste), pois há uma relação entre eles, de forma com que busque se aproximar ao máximo da realidade concreta.

Compreendendo o contexto social em que a investigação está inserida, perante a complexificação que constitui a realidade concreta, algumas variáveis são imprescindíveis na investigação: o local de aplicação (SESC); o modo de conduta e ação da pesquisadora; as ações realizadas anteriormente da oficina; a intervenção dos ajudantes no processo da investigação; e as reações e ações executadas pelos participantes.

Desta maneira, este capítulo será para a apresentação do projeto da intervenção do lazer de forma a contextualizar o *Programa de Férias* e cada uma das etapas (projeto piloto e projeto efetivo) de forma consecutiva, de forma a elucidar: o instrumento com o planejamento de cada uma das ações, o modo de ação e a análise de cada um dos projetos, seguindo a ordem cronológica do movimento de realização da intervenção.

4.4 A Intervenção do Lazer Integrada ao *Programa de Férias*

O projeto do *Programa de Férias*, organizado pela unidade do SESC onde se realizou a investigação, aconteceu nos meses de janeiro e fevereiro de 2016 com a temática Inspirações Olímpicas. Estes meses fazem parte do período de férias escolares, período que justifica a realização do projeto pelo aumento da procura de ações educativas para o lazer, conforme apresenta o projeto elaborado pela unidade do SESC (Anexo A).

O objetivo do programa é “promover a socialização do grupo por meio do lazer organizado de diversas formas tais como esportes, danças, jogos, brincadeiras, artes visuais, cinema, teatro, internet”. (SESC, 2016, p.01).

A organização do programa foi estruturada para receber no máximo 100 crianças de 07 a 12 anos, para uma equipe técnica formada por 4 instrutores, com uma programação elaborada para atender de terças a quintas-feiras das 13:00 às 17:00 e sextas-feiras das 13:00 às 18:00, com a oferta de lanches para todos os inscritos. A inscrição era realizada pelos responsáveis legais das crianças de forma gratuita, com a apresentação do RG, na Central de

Atendimento.

A forma prevista para a programação era por meio de esportes, jogos, brincadeiras, oficinas, cinema, internet livre, exposição Sesc Verão, visita ao Museu da Energia, oferta de lanches todos os dias no Museu da Energia. Segue abaixo o horário da grade para os inscritos, conforme o projeto (anexo A):

Tercas, quartas e quintas-feiras:

13h00 às 14h00 – Recepção dos Grupos no Ginásio, com Jogos e Brincadeiras

14h00 às 15h00 e/ou 14h00 às 15h30 – Atividades Esportivas, Oficinas, Cinema, Internet no Sesc.

15h00 às 15h30 e/ou 15h30 às 16h00 – Lanche

16h00 às 17h00 - Atividades Esportivas, Oficinas, Cinema, Internet

Sextas-feiras

13h00 às 14h00 – Recepção dos Grupos no Ginásio, com Jogos e Brincadeiras

14h00 às 15h00 e/ou 14h00 às 15h30 – Atividades Esportivas, Oficinas, Cinema, Internet no Sesc e/ou Visita Monitorada ao Museu da Energia.

15h00 às 15h30 e/ou 15h30 às 16h00 – Lanche no Museu da Energia

16h00 às 17h00 - Atividades Esportivas, Oficinas, Cinema, Internet no Sesc e/ou Visita Monitorada ao Museu da Energia. (SESC, 2016, p.01)

A intervenção do lazer foi realizada em forma de oficina, que era chamada de ***Mitologia Grega***, nome escolhido e determinado pelo corpo técnico do SESC, devido à temática do programa.

A oficina ***Mitologia Grega*** era realizada duas vezes ao dia para atender duas turmas por semana, das 14:00 às 15:00 e das 16:00 às 17:00. Na primeira semana, de 12 a 15 de janeiro, foi realizada com as turmas: verde e vermelha consecutivamente, quando foi aplicado o projeto piloto na forma de ensaio pedagógico. Na segunda semana, de 19 a 22 de janeiro, a oficina foi realizada para as turmas amarela e azul, nesta ordem, na forma de projeto efetivo. O horário específico de cada turma com as ações da programação pode ser verificado no projeto (anexo A).

As oficinas foram organizadas e sistematizadas de acordo com os dias da semana, conforme os elementos que compõem o conceito da não-cotidianidade, conforme afirma Heller (2008), na seguinte ordem: oficina 1 - filosofia (terça), oficina 2 - ciência (quarta), oficina 3 - política (quinta) e oficina 4 - arte (sexta).

Cada uma das oficinas foi elaborada com um planejamento que previa a uma organização na forma e conteúdo, visando alcançar o objetivo proposto. Segue o planejamento da intervenção nas formas de projeto piloto e projeto efetivo, que serviu como instrumento norteador para a realização das ações do lazer.

4.4.1 O projeto piloto enquanto ensaio pedagógico - Turmas Verde e Vermelha

As oficinas foram organizadas contemplando o conteúdo, os objetivos e as estratégias de ação que buscam alcançá-los.

Oficina 1 (12/ 01)

- Conteúdo: Filosofia

- Objetivos:

- a) refletir sobre as Olimpíadas e sobre a Filosofia;
- b) instigar o senso crítico;

- Estratégias:

- a) *Contação de histórias (duração máxima de 30 min.) - Sala das Oficinas* – Uma história embasada no Mundo de Sofia em um formato lúdico, com utilização de uma carta que simula uma situação da realidade como problemática, e que apresenta a Filosofia como eixo orientador da oficinas.
- b) *Caça ao tesouro (duração de 1 hora)* - Todos os espaços: saída em busca das respostas dos questionamentos feitas pelas cartas buscando resolver os enigmas em cada uma das pistas.

Oficina 2 (13/ 01)

- Conteúdo: Ciência

- Objetivos:

- a) Ensinar a importância da curiosidade e da reflexão à Ciência. (Continuação da Oficina 1);
- b) Transformar a matéria prima (natureza) em produto.

- Estratégias:

- a) *Contação de histórias*: por meio de uma carta fictícia feita pelo filósofo, que explica as diferenças e a transição da Filosofia para a Ciência.
- b) *Experimento científico*: experimento que tem como objetivo fazer os objetos (massinha e bolinha de gude) flutuarem. O experimento é feito em forma de oficina, sendo dirigido pela pesquisadora de forma orientada, narrando passo a passo da demonstração científica.
- c) *Mestre mandou*: apresentando ao longo da história os produtos feitos pelo homem para atender às suas necessidades e a matéria-prima da natureza. A pesquisadora apresenta uma necessidade do mestre e as crianças devem procurar as duas cartas correspondentes, uma é

matéria-prima da natureza e outra é produção do homem. Após isso, as crianças precisam identificar as categorias.

Oficina 3 (14/ 01)

- Conteúdo: Política

- Objetivos:

- a) criar a consciência coletiva, do viver em sociedade
- b) instigar a criar atitudes para a mudança

- Estratégias:

a) *Dinâmica com música/ Sala das Oficinas*: uma atividade cantada em roda em que os gestos e atitudes acabam conectando as crianças de uma forma que se uma sai, desmancha todo o elo pretendido. Adaptação da história do Minuê: sendo que cada criança terá uma profissão diferente, e que todos são igualmente importantes e deverão cooperar em si, se não, podem cair todos no chão. A cooperação deve-se ao fato da articulação da roda, em que a pesquisadora pedirá que se faça diversos movimentos que apresentam diversos níveis de dificuldade (em pé, sentado no joelho do colega, abraçados, entre outros) e ao mesmo tempo rodando. Só é possível, se eles se observarem e se ajudarem, se não, todos caem.

b) *Dinâmica da bexiga*: As crianças vão receber uma bexiga. E elas devem tentar enchê-la (poderão ter o auxílio dos instrutores) com os olhos fechados pensando em todo o amor, alegria e felicidade que viveram, que sentem ou que possa existir. Essas emoções serão materializadas pela bexiga. Em seguida, é necessário explicar que nessa sociedade que a gente vive, com tantos conflitos e problemas, precisamos uns dos outros, buscando compartilhar nossas emoções e o melhor que podemos contribuir.

Oficina 4

- Conteúdo: Arte

- Objetivos:

- a) Estimular a criatividade e a expressão artística;
- b) Sensibilizar a importância da arte e o seu papel na formação de opinião.

- Estratégias:

a) *Diálogo/ Sala das Oficinas*: fazer um panorama geral dos conteúdos desenvolvidos nas oficinas anteriores, e fazer um encerramento sobre o papel da arte de forma lúdica.

b) *Arte livre/ Sala das Oficinas*: criação de desenho, poesia, música, objeto, etc., de forma livre para que tenha alguma relação ou sobre o conteúdo, o significado, ou o que gostou das oficinas aplicadas.

c) *Exposição/ Sala das Oficinas*: montar uma exposição com os desenhos ou com os registros de arte que desenvolveram na oficina.

4.4.1.1 Modos de ação da pesquisadora na execução do projeto piloto

Segue nesta seção a descrição da execução das oficinas do projeto piloto pela pesquisadora, de forma a elucidar as operações que compôs as ações da intervenção do lazer na realidade concreta.

Para a participação do *Programa de Férias*, as crianças eram recepcionadas na quadra por volta das 13:30, para pegar o crachá e o colete da cor da sua equipe. Cada equipe tinha 2 (dois) monitores (um técnico e outro estagiário) que acompanhavam o grupo do começo ao fim do dia, guiando de um espaço para o outro conforme a programação. Os espaços utilizados para o *Programa de Férias* eram variados: quadra, saguão, estacionamento, sala das oficinas e sala de múltiplo uso.

Na primeira semana, a oficina para realização da pesquisa foi aplicada às 14:00 para a equipe verde (a primeira oficina do dia), e, às 16:00 para a vermelha (a segunda oficina vivenciada pelas crianças). Na segunda semana seguiu o mesmo horário da anterior, sendo a equipe amarela primeiro, e depois a azul.

Segue abaixo as ações e operações desenvolvidas em cada uma das oficinas:

Oficina 1

Ação: caça ao tesouro

Operações:

Caça ao Tesouro

- 1- Apresentação da pesquisadora e das oficinas que acontecerão durante toda a semana
- 2- Apresentação das crianças
- 3- Durante a apresentação, chega a carta de Sofia pedindo ajuda:

“Olá, meu nome é Sofia! Preciso muito da ajuda de vocês!

Eu estava em casa assistindo televisão, quando eu vi o noticiário que este ano vai ter as Olimpíadas. Fiquei muito tempo pensando: O que são as Olimpíadas? Como surgiu? Para que serve?

Eu fiquei muito curiosa! Eu não tenho livros em casa e nem computador, meus pais

não têm dinheiro para comprar para mim. Por isso eu convido a todos vocês a me ajudar a responder essas perguntas. Posso contar com a ajuda de vocês?
E agora como podemos ajudar a Sofia? Alguém sabe sobre as Olimpíadas?
Precisamos descobrir juntos. Mas como?”

4- A pesquisadora tenta instigar a reflexão das crianças, para tentarem achar uma solução para ajudar a Sofia: E agora como podemos ajudar a Sofia? Alguém sabe sobre as Olimpíadas?
Precisamos descobrir juntos. Mas como?

5 - Logo após, chegou uma outra carta do “filósofo”:

“Olá, tudo bem com vocês?
Eu acabei de escutar tudo o que vocês disseram, e estou aqui para ajudá-los. Eu sou um filósofo! Alguém sabe o que é isso?
O filósofo vem da filosofia, que significa “amor pela sabedoria” em grego. São pessoas que por meio da reflexão buscam o conhecimento.
E por isso, eu vim convidá-los a uma grande aventura por meio da filosofia para ajudar a Sofia a descobrir todas as respostas das Olimpíadas juntos. Eu espalhei um monte de enigmas por todo o Sesc. Vocês devem achar a resposta de todos os enigmas, e isso só será possível se o fizerem juntos. Cada resposta dará a dica de onde estará o próximo enigma. Ao juntar todos os enigmas, iremos escrever uma carta com as respostas para a Sofia.
Certo? Alguma dúvida? Então vamos para a primeira dica:
Para responder as perguntas, teremos que descobrir a História das Olimpíadas, e para isso, teremos que voltar no tempo, para que isso seja possível:
1) A história nos ajuda a entender a origem, o começo de tudo, a sua evolução até os dias de hoje. E nada melhor do que aquele velho papel de capa dura que fica em uma estante. Onde podemos encontrá-lo? (Resposta :Biblioteca)”

6- A carta do “filósofo” trouxe apenas a primeira dica, para que as crianças procurassem a próxima dica no local indicado no enigma. Seguem todas as dicas e os locais onde as crianças devem encontrar as próximas. No total foram 5 enigmas escondidos nos locais relacionados aos espaços dos Jogos Olímpicos na Grécia:

2) As Olimpíadas são um campeonato de diversos tipos de esportes, que reúne o mundo todo. O evento surgiu na Grécia, na cidade de Olímpia, aproximadamente há 776a.c (2.800 anos atrás). Em Olímpia havia um espaço apropriado para a prática de esportes, que lugar é esse? (Resposta: Quadra -Templo de Zeus)
3) Os gregos realizavam as Olimpíadas para homenagear o Deus Zeus (deus grego). Os gregos sabiam da importância do esporte para o corpo, assim com a música, a arte e a sabedoria para a alma. Se a quadra é o local para o esporte, qual é o local para apreciar uma boa música, ou uma boa peça de teatro? (Resposta: Teatro)
4) A Grécia antiga é o local que nos traz a base do conhecimento que temos em nossa cultura. É onde surge a filosofia, sendo os principais filósofos: Sócrates, Platão e Aristóteles. As praças públicas, conhecidas com ágoras, eram os locais onde os gregos se encontravam para discutir os problemas sociais e políticos. Qual local poderia do Sesc poderia ser uma ágora? (Resposta: Ágora - Saguão)
5) Modalidades praticadas de jogos: arremesso de dardo, salto em altura, lançamento de disco, corridas, lutas e muitas outras. O vencedor recebia uma coroa de louro ou de folhas de oliveira. Qual seria o local ideal onde os atletas poderiam se preparar e treinar aqui no Sesc? (Resposta: Academia)

7- A pesquisadora juntou todos enigmas e organizou um diálogo com as crianças para uma

reflexão sobre as dicas e enigmas, para instigá-los a pesquisar mais sobre as Olimpíadas para construir uma carta para responder para a Sofia.

Oficina 2

Ações: Reflexão sobre a Oficina 1, Experimento científico e Mestre Mandou

Operações:

Reflexão sobre a Oficina 1

1 - A pesquisadora pergunta o que as crianças lembram da Oficina 1

Experimento científico

- 1- Entrega da carta do filósofo que explica o que é Filosofia e o que é Ciência e convida a todos a fazer um experimento científico
- 2- Cada criança recebe uma bolinha de gude e uma massinha
- 3- A pesquisadora pede para cada um, de forma organizada, colocar apenas a bolinha de gude na bacia e observar o que acontece. Ao ser colocada, a bolinha se desloca para o fundo da bacia.
- 4- A pesquisadora pergunta o que aconteceu? E eles respondem que a bolinha afundou.
- 5- A pesquisadora tira todas as bolinhas da bacia, e pede para que todas as crianças façam uma bolinha com a massinha.
- 6- A pesquisadora pede para cada um, de forma organizada, colocar apenas a bolinha de massinha na bacia e observar o que acontece. Ao ser colocada, a bolinha também irá afundar.
- 7- A pesquisadora pede para que cada criança pegue a sua bolinha de massinha e faça um barquinho
- 8 - A pesquisadora pede para cada um, de forma organizada, colocar o seu barquinho na bacia e observar o que acontece.
- 9 - Alguns afundam e outros flutuam. Os que flutuam, a pesquisadora pede para colocar a bolinha de gude em cima., e eles afundam.
- 10- A pesquisadora pega um barquinho feito com uma massinha, e outro com 3 massinhas. Coloca ambos dentro da bacia, e os dois flutuam. Ele coloca uma bolinha de gude dentro de cada barquinho, o que foi feito de apenas uma massinha, afunda. E o que foi feito de 3

massinhas, flutua.

11- A pesquisadora pergunta o porquê de alguns afundarem e outros flutuarem.

12- A pesquisadora fala da importância da Ciência para a humanidade, para o desenvolvimento de diversos produtos e para a descoberta de novas tecnologias. “Os homens por meio da observação da natureza e de acordo com as suas necessidades, foram aprendendo a manusear a natureza e construíram vários produtos, objetos. Assim como o barco que foi necessário para o deslocamento para outros continentes, como a chegada dos portugueses no Brasil”.

13- A pesquisadora faz a conexão para a próxima ação, que é um jogo adaptado do Mestre Mandou.

Mestre Mandou

1 - O mestre vai apresentar algumas necessidades reais e essenciais para a vida humana que ele tem e as crianças devem encontrar a carta que tenha o desenho que possa satisfazê-la. Há duas cartas que são as respostas certas: uma representa uma matéria prima da natureza e o outro já é um produto que foi feito pelo homem. No final, é necessário identificar o que é da natureza e o que é produção humana.

2- A pesquisadora será a mestre e quando ele disser: eu quero, eu quero, eu quero. E as crianças devem dizer: o quê, o quê, o quê?

3- O mestre está com sede! As crianças devem procurar a carta da água/ suco.

4- O mestre está com fome! As crianças devem achar a carta do pão/ frutas.

5- O mestre quer se divertir. As crianças devem achar dançar/ ir para a praia.

6 - O mestre quer dormir. As crianças devem achar cama/ rede.

7- O mestre acha que a cidade está suja. As crianças devem achar a limpeza/ lixo.

8- O mestre não entende bem de matemática. As crianças devem achar a escola/conhecimento.

9- O mestre ficou doente. As crianças devem achar o hospital/plantas medicinais.

10 - Após encontrar todas as cartas, as crianças receberam algumas delas que deveriam colocar na mesa onde tinha uma parte identificado natureza e outra homem.

Oficina 3

Ações: Roda Cantada e Mestre Mandou

Operações:

- 1- Reflexão sobre a Oficina 2;
- 2 - Reflexão sobre os produtos, o trabalho e a profissão;
- 3- Cada criança deve escolher a profissão que quiser, dizer o motivo da escolha;
- 4- Todos devem fazer uma roda;
- 5 - A Roda cantada:

Havia um governante de um reino muito longe daqui, que era responsável pela qualidade de vida e bem-estar de todos os que ali viviam, garantindo as condições: comida, lar e trabalho para que todos os que ali viviam. O governante sabia que todos que estavam ali eram igualmente importantes para o funcionamento do reino: o padeiro garantia pão para todos, assim como o faxineiro garantia a limpeza, o médico, a saúde, etc. Por isso, o governante convocou todos da cidade e deu uma festa em gratidão a todos que ali viviam para agradecer. E para mostrar a importância de todos, ele convocou uma roda para mostrar a representação. Todos deveriam colocar a mão no ombro do amigo da frente, e deveriam cantar e dançar (girando ainda, alternaria o pé direito com o pé esquerdo).

→ Refrão (todos cantando)

Unión, unión

Me gusta la dancê,

Me gusta la dancê por la unión (bis)

O governante vendo que ainda todos estavam muito longes uns dos outros, ele disse que se continuasse assim, não daria certo. Que todos deveriam chegar mais perto, que deveriam se ajudar, e colocar a mão na cintura e cantar:

→ Refrão

O governante disse que estava ficando bom, mas que ainda não era o ideal. Por isso, um deveria abraçar a cintura do amigo da frente e que deveriam tentar dançar e girar em sincronia e cantar:

→ Refrão

E por fim, o governante diz que todos devem se aproximar ainda mais e sentar na ponta do joelho do colega e devem girar juntos. Mas que é necessário buscar a respeitar o próximo, sem preconceitos e com concentração e sincronia, e depois cantar:

→ Refrão.

(Essa história continua até que ninguém consiga se segurar e acabar caindo)

Um deve ajudar o outro, se não eles não conseguiriam se segurar, podem cair juntos.

No final o governante aplaude e mostra a importância da colaboração e da união para que o reino fosse plenamente feliz e com qualidade de vida. Para que tivesse um bom funcionamento, deveriam pensar que: todos somos um!

6- Dinâmica da bexiga:

As crianças recebem uma bexiga e elas devem tentar enchê-la (poderão ter o auxílio dos monitores) com os olhos fechados pensando em todo o amor, alegria e felicidade que possam depositar com a imaginação. Essas emoções estão materializadas pela bexiga. Em seguida, é necessário explicar que nessa sociedade que a gente vive, com tantos conflitos e problemas, precisamos uns dos outros, precisamos compartilhar o melhor que temos a contribuir.

7- Inicia-se uma música e enquanto estiver tocando, todos devem andar pela sala, e ao momento que deparar-se com o colega, há de trocar as bexigas. A troca da bexiga é a materialização da troca dos sentimentos e emoções positivas. Quando terminar a música, todos devem estourar a bexiga para que todos os sentimentos se espalhem pelo ambiente e contagie a todos.

Música: “Colorir papel”, de Levi Lima. Via circular, trilha sonora da novela “Fina Estampa”, 2011.

8- Reflexão da importância de compartilhar o que temos de melhor a oferecer com o próximo: amor, alegria e vibrações positivas. Pois somos seres humanos e precisamos uns dos outros para nos desenvolver.

Oficina 4

Ação: Obra de Arte e a Exposição

Operações:

- 1- Reflexão sobre todas as oficinas realizadas durante a semana
- 2- A pesquisadora dispõe dos seguintes materiais para que eles desenhem uma obra de arte sobre o que eles aprenderam durante a semana: plumas, giz, lápis de cor, cola, tinta, lantejoulas, pedaços de MDF, pincéis, purpurina, Canson.
- 3- Organização das obras para a exposição

4.4.1.2 Reflexões sobre o movimento de execução do projeto piloto

Esta seção elucida os pontos mais importantes que devem ser considerados durante o movimento de execução do projeto efetivo na sua totalidade.

A primeira oficina foi o “Caça ao Tesouro”, realizada no dia 12 de janeiro às 14:00 para a Equipe Verde e às 16:00 para a Equipe Vermelha, visava contemplar o tema da filosofia. As ações foram organizadas por meio de cartas e de enigmas, cujo conteúdo foi organizado de forma a despertar a curiosidade, a historicidade e a reflexão sobre as Olimpíadas. A avaliação da apropriação do conteúdo seria feita pela objetivação da carta que traria as informações de resposta à Sophia.

Durante o processo da interlocução em ambas as turmas, houve a intenção de buscar estimular a imaginação, a colaboração e a relação interpessoal das crianças. No início, foi difícil, pois as crianças tinham realizado previamente uma ação esportiva na quadra e ainda estavam eufóricas e com o senso de competitividade à tona quando chegaram ao espaço da oficina. Esta agitação tornou difícil o primeiro momento da oficina, no qual eles deveriam permanecer sentados para escutar a história, e para que fossem estabelecidos os combinados do jogo (GOPR4220 00’34”). A hipótese é que os estímulos ocorridos na ação esportiva teriam impactado no comportamento das crianças.

A segunda parte da oficina foi o momento de procurar os enigmas. Apesar de ter sido orientado que não era uma ação competitiva, que não precisavam correr e que seria necessária a ajuda mútua e a colaboração para atingir o objetivo, ainda estavam presentes a rivalidade (ainda com o espírito esportivo) e a competitividade entre as crianças, na ânsia de achar primeiro as pistas. (GOPR4216 09’38”).

Ainda se notou que houve estímulos de competitividade instigados pela equipe de apoio. Como não houve treinamento para conscientizar sobre a intervenção dos monitores, eles não sabiam da importância de não incentivar a competitividade. Sabe-se que a formação

em Educação Física e a atuação no esporte geralmente apresenta a competitividade de forma intrínseca e espontânea do profissional, por isso, seria muito importante ter realizado previamente um treinamento em busca de conscientizar a importância da intervenção.

Outro fator importante é que as inscrições para a participação do *Programa de Férias* foram abertas para quem quisesse participar de forma gratuita e democrática, porém notou-se que muitos inscritos já frequentavam o SESC. Muitos dos participantes eram os mesmos que participavam do *Projeto Curumim*, informação dita pelo corpo técnico (DIÁRIO DE BORDO, 13/01/2016).

O *Programa Curumim* é um programa de educação não formal para crianças de 07 a 12 anos, de forma integrada com a família e a comunidade. E, por isso, notou-se uma aproximação afetiva e interpessoal entre a equipe de apoio (a mesma que atua no *Projeto Curumim*) e os participantes da pesquisa. Isso afetava de forma positiva e negativa na troca de afeto e na comunicação durante a intervenção, entre os instrutores e os participantes. Assim como as chamadas de atenção e de ordem, afetavam positivamente e negativamente na intervenção, pois a relação afetiva estabelecida entre corpo técnico e crianças ajudava a manter a ordem, mas quando havia reprimenda, às vezes impactava no desejo de algumas crianças de não querer participar mais da ação.

A oficina realizada no segundo dia de pesquisa foi um “experimento científico”, que foi organizado objetivando atender o tema da Ciência. Iniciou-se com uma contação de histórias de forma lúdica buscando estimular a imaginação, com o intuito de mostrar a historicidade e o movimento de transição da filosofia para a ciência. Logo depois foi aplicado o experimento científico, orientando o passo a passo das ações. Por fim, foi realizada uma ação (adaptação do jogo “Mestre Mandou”) a fim de mostrar a relação do homem com a natureza e o seu processo de transformação com produtos fáceis de ser encontrados no dia a dia. O processo de execução das ações foram orientadas e ditadas de forma a buscar uma reflexão e com a intenção que compreendessem o processo. Porém, foi muito difícil a aplicação, porque a ação foi dirigida e orientada de forma passiva, mostrando o processo de desenvolvimento com algumas perguntas cujo intuito era gerar reflexão. Sobretudo, percebeu-se que não instigou muito a curiosidade, e tampouco fez com que as crianças estivessem animadas, apesar de terem participado. (DIÁRIO DE BORDO, 13/01/2016).

As dificuldades encontradas no segundo dia fizeram com que a pesquisadora refletisse a sua prática e as ações realizadas para a busca de uma superação constante, principalmente em busca de melhorias que fossem aplicadas na outra semana, quando se realizaria o projeto efetivo. Durante a reflexão de forma integrada a sua atividade de estudo,

identificou-se que um dos problemas era a forma de condução da intervenção, que estava sendo de forma orientada e que não estimulava, e não criava motivos para que as crianças entrassem em atividade. Outra dificuldade identificada foi similar à do dia anterior, que as ações esportivas realizadas pelas crianças anteriormente às oficinas impactavam de forma direta, pois notava-se a agitação, a vontade de correr, se mexer o tempo todo e também a competitividade entre as crianças, mesmo que a intervenção buscasse a cooperação, a colaboração e a ajuda mútua.

Entretanto houve algumas possibilidades identificadas na organização e na intencionalidade das ações: à busca do estímulo à imaginação, à reflexão crítica, à busca da gênese por meio da história, à busca da criação, à criatividade, à busca da solução de problemas (DIÁRIO DE BORDO 14/01/2016.).

O terceiro dia teve como tema a política. Foi iniciado com uma reflexão coletiva das ações que tinham sido desenvolvidas no dia anterior, e em seguida, foi feita uma conversa sobre a relação da transformação da natureza e as profissões, instigando a reflexão da atividade que poderá ser exercida no futuro. Logo após foi feita uma roda cantada, que exigia sincronismo, colaboração e união entre os participantes. Conforme transcorria a canção, o nível de dificuldade aumentava cada vez mais e exigia a cooperação para atingir o objetivo proposto. Os níveis de dificuldades estavam relacionados à aproximação da outra pessoa que estava à frente, que deveria se aproximar cada vez mais (colocar a mão no ombro, depois na cintura e depois abraçar) de forma que a roda formada ficasse cada vez mais fechada, exigindo o sincronismo de todos os participantes ao mesmo tempo. Esta ação não foi bem-sucedida, pois notaram-se preconceitos e as crianças não queriam colocar a mão na cintura do colega e nem abraçar. Neste momento a pesquisadora identifica a necessidade de ter elaborado uma sensibilização previamente para quebra de preconceitos e paradigmas. (DIÁRIO DE BORDO 14/01/2016).

Logo após foi feita uma dinâmica com o intuito de compartilhar sentimentos, emoções e sonhos. Os participantes enchiam uma bexiga, e por meio da imaginação depositavam todos os sonhos, alegrias e felicidades da vida que se materializavam no final em um balão. Enquanto tocava uma música, que trazia uma melodia e a letra que inspirava a proposta, os participantes trocavam os seus balões, compartilhando os bons sentimentos e alegrias com os outros presentes. E no final, as bexigas eram estouradas de forma a compartilhar com todos que estavam ali. A ideia era descentralizar da criança o seu melhor para compartilhar com o outro, gerando altruísmo e um olhar para o outro.

Os problemas identificados neste dia foram: a falta de paciência para sentar e escutar

o outro na reflexão coletiva (ainda estavam eufóricos pela ação esportiva que realizaram anteriormente), o preconceito, o medo de tocar no outro na roda cantada e de se aproximar, e também houve a dificuldade com a sincronia. Na dinâmica houve uma dificuldade de compartilhar a bexiga, o egocentrismo identificado neste momento (DIÁRIO DE BORDO 14/01/2016).

As possibilidades identificadas neste dia de pesquisa foram: a reflexão sobre as profissões, identificou-se a relação da escolha da profissão em busca de mudanças da realidade e a igualdade da importância da função social de cada uma delas. Foi necessário ter uma conversa sobre quebras de paradigmas e preconceitos para que a roda cantada fosse feita, apesar de alguns participantes não quererem brincar. Refletiu-se sobre a colaboração e o pensar no outro para que a sincronia da roda cantada desse certo. E a dinâmica das emoções trouxe muitas boas energias, sentimentos e a troca entre as crianças, resultando em abraços e trocas de alguns carinhos e palavras de afeto. (DIÁRIO DE BORDO 14/01/2016).

O quarto dia de pesquisa teve como tema a arte, que tinha como objetivo a reflexão da semana de oficinas no SESC. A ideia era a criação de um desenho, pintura, poema, música, qualquer uma das linguagens artísticas que retratasse a representação das ações realizadas. Como resultado obteve-se quadros que mostravam o começo do universo, a Sophia (personagem da contação de histórias), a Medusa representando a mitologia grega (“Caça ao Tesouro”), foi representada a felicidade compartilhada, e outros fizeram o que quiseram, o que tinham vontade. Essa foi uma ação que estimulou a reflexão, a criatividade e o lúdico, por meio de diversos materiais que foram disponibilizados: madeira, tintas, cartolinas, Canson, sulfite, purpurina, penas, plumas, lantejoulas, revistas, cola e tesoura (DIÁRIO DE BORDO 15/01/2016).

Evidenciou-se que os quatro dias de pesquisa permitiram um movimento de reflexão sobre a teoria e a prática em busca de aperfeiçoar e atingir o objetivo ideal esperado. Porém, percebeu-se que há diversas variáveis integradas que impactam na realidade concreta e que influenciam na atividade: a alienação presente, a formação dos sujeitos, a formação do corpo técnico e da pesquisadora, assim como as ações e os estímulos realizados nas ações anteriores às oficinas da vida cotidiana. Após conversas com o corpo técnico de apoio, das orientações da professora orientadora da pesquisa sobre a análise e a crítica feita sobre o ensaio pedagógico, é que resultou em um movimento de superação da realidade caótica identificada para o desenvolvimento do projeto efetivo.

4.4.2 O Projeto Efetivo na intervenção do lazer - Turmas Amarela e Azul

Oficina 1 (19/ 01)

- Conteúdo: Filosofia

- Objetivos:

a) reflexão sobre as Olimpíadas e sobre a Filosofia;

b) instigar o senso crítico;

- Estratégias:

a) *Contação de histórias (duração máxima de 30 min.) / Sala das Oficinas* – Uma história embasada no Mundo de Sofia em um formato lúdico, com utilização de uma carta que simula uma situação da realidade como problemática, e que apresenta a Filosofia como eixo orientador da oficinas.

b) *Caça ao tesouro* (duração de 1 hora) / Todos os espaços: saída em busca das respostas dos questionamentos feitas pelas cartas buscando resolver os enigmas em cada uma das pistas.

Oficina 2 (20/ 01)

- Conteúdo: Ciência

- Objetivos:

a) Ensinar a importância da curiosidade e da reflexão à Ciência. (Continuação da Oficina 1)

b) A transformação da matéria prima (natureza) em produto

- Estratégias:

a) *Contação de histórias*: por meio de uma carta fictícia feita pelo filósofo.

b) *Experimento científico*: experimento que tem como objetivo fazer os objetos (massinha e bolinha de gude flutuarem. Para cumprir o objetivo, as crianças deveriam: fazer análise da realidade e identificar que o barco é um objeto que flutua; relacionarem a possibilidade de utilizarem a massinha para fazer um barquinho. Porém se cada criança fizesse o seu próprio barquinho com apenas uma massinha, ao colocar a bolinha de gude, iria afundar. Por isso, para cumprir o objetivo, as crianças precisavam se unir e compartilhar as suas massinhas, para colocar sobre a água, e depois, colocar a bolinha de gude dentro.

Oficina 3 (21/ 01)

- Conteúdo: Política.

- Objetivos:

a) criar a consciência coletiva, do viver em sociedade;

b) instigar a criar atitudes para a mudança.

- Estratégias:

a) *Painel de Bricolagem*: montar um painel, com recorte e cola que retrate os problemas da realidade;

b) *Construção da Cidade Ideal*: projeção da cidade ideal por meio de uma maquete.

Oficina 4 (22/ 01)

- Conteúdo: Arte.

- Objetivos:

a) Estimular a criatividade e a expressão artística;

b) Sensibilizar a importância da arte e o seu papel na formação de opinião.

- Estratégias:

a) *Diálogo*: fazer um panorama geral dos conteúdos desenvolvidos nas oficinas anteriores, e fazer um encerramento sobre o papel da arte de forma lúdica.

b) *Arte livre/ Sala das Oficinas*: criação de desenho, poesia, música, objeto, etc., de forma livre para que tenha alguma relação ou sobre o conteúdo, o significado, ou o que gostou das oficinas aplicadas.

c) *Exposição/ Sala das Oficinas*: montar uma exposição com os desenhos ou com os registros de arte que desenvolveram na oficina.

4.4.2.1 Modos de ação da pesquisadora na execução do projeto efetivo

Esta seção descreve a execução das oficinas do projeto efetivo pela pesquisadora, de forma a elucidar as operações que compõem as ações da intervenção do lazer na realidade concreta:

Oficina 1

Ação: caça ao tesouro.

Superações do projeto piloto:

1- Modo de comunicação (substitui o modo dirigido “ vocês”, por “ nós”, incluindo-se como parte do grupo);

- 2-A busca de criar a curiosidade e a necessidade que tentasse colocar os participantes em atividade (mudando a forma orientada para a busca de instigá-los);
- 3- A contação de estórias foi substituída pela simulação de um problema da realidade local que precisava ser resolvido;
- 4- Aumentou a quantidade total de enigmas: de 05 para 10 pistas;
- 5 -A construção da carta foi substituída por uma reflexão coletiva, de forma a organizar os enigmas corretos de forma a responder as dúvidas da Sophia.

Operações:

Caça ao Tesouro

- 1- A pesquisadora apresenta a necessidade de ajuda das crianças (participantes) para responder a carta de Sofia, que busca conhecimento sobre as Olimpíadas. Ele diz que pediu ajuda para um amigo filósofo, mas ele disse que não iria responder tão fácil. Por isso preparou um caça ao tesouro com enigmas espalhados pelo Sesc com as informações que a Sofia precisa saber.
- 2- A pesquisadora pergunta se as crianças podem ajudá-lo nesta missão ?
- 3- A pesquisadora lê a carta para as crianças saberem as dúvidas de Sofia:

“Olá, meu nome é Sofia! Preciso muito da ajuda de vocês!

Eu estava em casa assistindo televisão, quando eu vi o noticiário que este ano vai ter as Olimpíadas. Fiquei muito tempo pensando: O que são as Olimpíadas? Como surgiu? Para que serve?

Eu fiquei muito curiosa! Eu não tenho livros em casa e nem computador, meus pais não têm dinheiro para comprar para mim. Por isso eu convido a todos vocês a me ajudar a responder essas perguntas. Posso contar com a ajuda de vocês?”

- 4- Alguns combinados são feitos com as crianças: realizar o desafio juntos, é necessário cooperar, ajudar uns aos outros, respeitar quem está atrás para que todos possam ouvir as dicas. E não gritar nem fazer tumultos porque tem gente trabalhando e estudando nos espaços.
- 5- A pesquisadora diz que a única coisa que ele sabe é que são 10 enigmas que estão espalhados pelos espaços do SESC. Faz um momento de reflexão sobre quais são os espaços do SESC. Sendo que a primeira dica está no local onde estão, na Sala das Oficinas:

1) A história nos ajuda a entender a origem, o começo de tudo, a sua evolução até os dias de hoje. E nada melhor do que aquele velho papel de capa dura que fica em uma estante. Onde podemos encontrá-lo? (Resposta: Biblioteca)”

2) As Olimpíadas é um campeonato de diversos tipos de esportes, que reúne o mundo todo. O evento surgiu na Grécia, na cidade de Olímpia, aproximadamente há 776a.c (2.800 anos atrás). Em Olímpia havia um espaço apropriado para a prática de esportes, que lugar é esse? (Resposta: Quadra -Templo de Zeus)

3) Os gregos realizavam as Olimpíadas para homenagear o Deus Zeus (deus grego). Os gregos sabiam da importância do esporte para o corpo, assim com a música, a arte e a sabedoria para a alma. Se a quadra é o local para o esporte, qual é o local para apreciar uma boa música, ou uma boa peça de teatro?

4) A Grécia antiga é o local que nos traz a base do conhecimento que temos em nossa cultura. É onde surge a filosofia, sendo os principais filósofos: Sócrates, Platão e Aristóteles. As praças públicas, conhecidas com ágoras, eram os locais onde os gregos se encontravam para discutir os problemas sociais e políticos. Qual local poderia do Sesc poderia ser uma ágora? (Resposta: Teatro)

5) Modalidades praticadas de jogos: arremesso de dardo, salto em altura, lançamento de disco, corridas, lutas e muitas outras. O vencedor recebia uma coroa de louro ou de folhas de oliveira. Qual seria o local ideal onde os atletas poderiam se preparar e treinar aqui no Sesc? (Resposta: Ágora - Saguão)

6) A palavra filosofia é grega. É composta por duas outras: *philo* e *sophia*. Philo deriva-se de philia, que significa amizade, amor fraterno, respeito entre os iguais. Sophia quer dizer sabedoria e dela vem a palavra sophos, sábio. Filosofia significa, portanto, amizade pela sabedoria, amor e respeito pelo saber. Filósofo: o que ama a sabedoria, tem amizade pelo saber, deseja saber.

Um bom lugar para os gregos poderem sentar, comer e conversar depois de um bom espetáculo! (Resposta: Academia)

7) As Olimpíadas possuíam uma grande importância para os gregos, pois possuía caráter religioso, político e esportivo. Primeiramente era uma forma de homenagem aos deuses, principalmente Zeus (deus dos deuses). Era também um momento importante na busca pela harmonia entre as cidades-estados. Servia também como um evento de valorização da saúde e do corpo saudável.

A estética é essencial para os gregos, um lindo sorriso é um sinal do belo e de boa saúde. (Resposta: Foyer)

8) Os jogos ocorriam de quatro em quatro anos. Na época da realização do evento esportivo paravam-se as guerras e conflitos. A conhecida "paz olímpica" servia para garantir segurança para os atletas que tinham que se deslocar de suas cidades-Estado até Olímpia. As crianças me adoram pois ofereço um espaço de liberdade para diversão e convívio. (Resposta: Odontologia)

9) Os gregos eram excelentes escultores, pois buscavam retratar o corpo humano em sua perfeição. Músculos, vestimentas, sentimentos e expressões eram retratados pelos escultores gregos.

Participo de uma das modalidades olímpicas levando em consideração o posicionamento do tórax e o movimento de pernas e braços, são definidos quatro estilos: crawl, borboleta, peito e costas. (Resposta: Espaço de Brincar)

10) Para explicarem as coisas do mundo e transmitirem conhecimentos populares, os gregos criaram vários mitos e lendas. As histórias eram transmitidas oralmente de geração para geração. A mitologia grega era repleta de monstros, heróis, deuses e outras figuras mitológicas. Os mitos mais conhecidos são: Minotauro, Cavalo de Tróia, Medusa e Os Doze trabalhos de Hércules. Volte ao ponto inicial com todos os enigmas e ajude a fazer a carta à Sofia. (Resposta: Piscina)

7- A pesquisadora entrega todos enigmas e organizou um diálogo com as crianças para uma reflexão sobre as dicas e enigmas, para instigá-los a pesquisar mais sobre as Olimpíadas para construir uma carta para responder para a Sofia. Realizou um quiz fazendo as perguntas dos

enigmas para saber se sabiam responder conforme os enigmas

Oficina 2

Ações: Reflexão sobre a Oficina 1 e Experimento científico.

Superações do projeto piloto:

1- Modo de condução: ao invés de ser uma oficina que apresenta o passo a passo, torna-se um desafio.

Operações:

Reflexão sobre a Oficina 1

1 - A pesquisadora pergunta o que as crianças lembram da Oficina 1

Experimento científico

1- A pesquisadora diz que o amigo filósofo mandou uma carta parabenizando pela ação de ontem, e logo após, lê a carta, a qual o filósofo explica também o que é Filosofia e o que é Ciência. E convida a todos a fazer um experimento científico:

2- São separados grupos de 4 crianças, cada grupo recebe: 4 massinhas (uma para cada criança), uma bolinha de gude, e uma bacia cheia de água.

3- A pesquisadora propõem um desafio: fazer a bolinha de gude flutuar.

4- Para cumprir o objetivo, as crianças precisam identificar os objetos que flutuam na realidade. O que vai fazer a bolinha de gude flutuar é o barco. Por isso, eles devem utilizar a massinha para fazer um barco, mas não será possível fazer com apenas 1 massinha. Eles deverão criar um barco com as 4 massinhas, só assim que conseguirão fazer a bolinha flutuar. Para chegar a tão conclusão, deverão fazer diversos testes e terão que fazer em equipe, compartilhando dos materiais de todos e fazendo a reflexão juntos.

5- A pesquisadora explica porque com uma única massinha afunda e com as 4 flutuam. A resposta está na relação massa do barquinho, área e volume de água da bacia.

Oficina 3

Ações: Painel de Bricolagem e Construção da cidade ideal.

Superações do projeto piloto: Foram desenvolvidas outras ações na busca de superar os problemas identificados nas anteriores.

Operações:

- 1- Reflexão sobre a Oficina 2;
- 2-A pesquisadora propõe outro desafio: criar um Painel de Bricolagem sobre os problemas e as potencialidades da cidade de São Paulo, por meio de jornal e revistas;
- 3- Apresentação dos Painéis;
- 4- Depois da reflexão coletiva sobre os problemas e as potencialidades da cidade de São Paulo do país, a pesquisadora propõe a criação da cidade ideal por meio de uma maquete.

Oficina 4

Ação: Obra de Arte e a Exposição.

Superações do projeto piloto:

- 1- Proposta de uma obra de arte com a intenção de trazer uma reflexão sobre as necessidades de mudanças da realidade.

Operações:

- 1- Reflexão sobre todas as oficinas realizadas durante a semana;
- 2- A pesquisadora dispõem dos seguintes materiais para que eles desenhem uma obra de arte sobre o que eles aprenderam durante a semana: plumas, giz, lápis de cor, cola, tinta, lantejoulas, pedaços de MDF, pincéis, purpurina, Canson;
- 3- Organização das obras para a exposição.

4.4.2.2 Reflexões sobre o movimento de execução do projeto efetivo

Esta seção elucida os pontos mais importantes a considerar durante o movimento de execução do projeto efetivo na sua totalidade.

Inicialmente, a proposta de intervenção do lazer não havia sido planejada em duas etapas - projeto piloto e projeto efetivo - porém, de acordo com o movimento da pesquisa, nas duas primeiras semanas em que as oficinas foram executadas constatou-se a necessidade de fazer alterações nos modos da ação educativa, para que os objetivos da pesquisa pudessem ser contemplados.

O movimento de superação do projeto piloto para o projeto efetivo se deu pela identificação dos limites e possibilidades encontradas no projeto piloto. Um dos grandes problemas identificados foi a forma de condução, pois ainda que houvesse sido orientada no ensaio pedagógico, acabou gerando uma forma mais ditada e passiva do que a busca ativa entre os participantes.

Por isso, uma das primeiras mudanças nas ações planejadas foi a criação de novas formas de interlocução que despertasse a curiosidade, e que criassem a necessidade e motivos para que os participantes entrassem em atividade, seguindo os conceitos apresentados por Leontiev (1968). Porém é importante ressaltar que a análise foi feita em movimento o tempo todo, buscando superar as condições que iam surgindo e colocadas pela realidade concreta.

Outra mudança que se identificou necessária foi quando a pesquisadora se inclui como parte dos participantes, a linguagem que antes tinha como uma ordem vertical (você), passa a ser horizontal (nós), quando a pesquisadora identifica a necessidade de se incluir como parte também do coletivo. Pois passa a ser um desafio em conjunto, de forma que todos sintam-se parte do processo.

O primeiro dia da pesquisa efetiva manteve o mesmo conteúdo do ensaio pedagógico, com a temática da filosofia, porém a forma de condução foi diferente: ao invés de fazer a contação de histórias, a interlocução foi feita de forma a apresentar um problema da realidade, que precisaria da ajuda dos participantes para superá-lo. Assim, a pesquisadora convida os participantes a desvendar e ajudar na missão. O jogo foi feito da mesma forma que a anterior como “caça ao tesouro” de forma que uma pista orientava a chegar na outra pista, porém nesta etapa identificou-se a necessidade de aumentar a quantidade de enigmas, de 5 para 10 pistas, sendo que todas estavam espalhadas por toda a unidade do SESC.

Antes do grupo sair em busca das pistas, eram feitos os combinados para evitar a correria pela instituição e muito barulho, considerando que o objetivo da ação era estimular a

cooperação e a colaboração. Porém antes desta oficina, eles tiveram ações esportivas que deixavam os participantes eufóricos e competitivos, da mesma forma que aconteceu com o ensaio pedagógico. No final, ao invés de ter sido construída a carta, foi feita uma reflexão coletiva de forma a compreender se os participantes tinham se apropriado dos conteúdos apresentados pelo jogo (DIÁRIO DE BORDO 19/01/2016).

O problema identificado neste primeiro dia foi a competitividade instituída entre um grupo com diferença grande de idades, o que fazia com que os maiores quisessem se sobressair sobre os menores de forma competitiva. E as possibilidades foram: a reflexão sobre como solucionar o problema da realidade, como ajudar a Sophia (altruísmo), como conhecer sobre a filosofia pela gênese (historicidade); além da reflexão coletiva sobre as perguntas realizadas sobre as Olimpíadas, relacionando-as à realidade local (DIÁRIO DE BORDO 19/01/2016).

O segundo dia de pesquisa teve a temática de ciência, e em busca de superar o ensaio pedagógico, foi proposto o “experimento científico” como um jogo, um desafio. O objetivo era gerar uma reflexão do problema exposto gerando uma necessidade para que os participantes em grupo pudessem superar. Para que houvesse a superação seria necessário a atuação de todos do grupo, gerando uma reflexão coletiva, assim como o intercâmbio de materiais (a massinha e a bolinha de gude) e colaboração. Com a concessão de todo o material dado, a junção de todas as massinhas e a criação de um formato específico da massinha (formato de barquinho com a bolinha de gude dentro) é que conseguiriam acertar o desafio.

Um dos problemas identificados foi que, no momento dado para livre criação na busca da solução do problema, muitos participantes se sentiram desamparados e questionavam ansiosamente pela resposta. A pesquisadora tentava instigá-los a pensar, a fazer os testes e buscar a superação. Os grupos das crianças mais velhas tinham menos paciência e queriam que a pesquisadora desse a resposta de forma imediata. Outro problema identificado foi que as crianças mais velhas não queriam dividir a massinha, por isso cada um ficou com a sua.

O grupo dos menores (6 a 8 anos) de ambas as turmas conseguiu encontrar a solução, pois facilmente as crianças compartilharam as massinhas, pensaram juntos, fizeram vários testes. A hipótese é que neste período as crianças têm como atividade principal a brincadeira, na qual a colaboração, a imaginação e o se permitir são características presentes que podem ter impactado no desafio da oficina. As possibilidades dessa ação foi: refletir sobre o problema proposto, instigar a relação do sujeito com o objeto de forma a criar um produto que consiga trazer solução para o desafio. Tal produto só poderia ser construído pela colaboração

e intercâmbio de todos em busca do objetivo comum (DIÁRIO DE BORDO 20/01/2016).

O terceiro dia da pesquisa teve a temática da política. No movimento de busca de superação do ensaio pedagógico, decidiu-se mudar as ações de forma a contemplar as considerações mencionadas anteriormente. No primeiro momento, foi proposta a construção de painéis coletivos em grupos, de forma que refletissem a realidade concreta, por meio de colagem de revistas e jornais. A ideia era apresentar pontos positivos e negativos que identificavam na cidade de São Paulo. Houve uma apresentação oral de cada grupo, mostrando o sentido e o significado das imagens expostas nos painéis. A apresentação de cada grupo foi muito importante, pois gerou uma reflexão coletiva. E depois eles receberam os materiais necessários para a construção da cidade ideal, que seria criada em forma de maquete e em grupo.

Os problemas identificados no terceiro dia foram algumas brigas entre os grupos pelas diferentes opiniões para a criação do painel e da cidade ideal. Contudo, as possibilidades foram a discussão, a colaboração e a reflexão crítica coletiva entre os participantes sobre a diversidade de opiniões para decidir quais imagens seriam expostas no painel e de que forma seria construída a cidade ideal de cada grupo (DIÁRIO DE BORDO 21/01/2016).

O quarto dia do projeto efetivo teve como temática a arte. Propôs-se algo diferente do ensaio pedagógico: a criação de alguma arte que trouxesse alguma reflexão de forma a mudar os problemas da realidade. O resultado foi a criação de algumas obras de arte que expressavam a necessidade da limpeza das sujeiras dos mares, rios e lagos; a importância da alegria e da felicidade na vida das pessoas; a violência como problema da realidade; e a importância da paz mundial (DIÁRIO DE BORDO 22/01/2016).

4.5 As Contradições Emergentes entre os Limites e Possibilidades da Atividade do Lazer na Pesquisa

No movimento de pesquisa, desde o início do processo de elaboração da concepção da intervenção até a última oficina, pode-se identificar diversos limites e diversas possibilidades, como unidade dialética, que impactam no desenvolvimento humano a favor da emancipação humana.

O processo de análise da intervenção do lazer se apresenta por meio dos eixos anteriormente apresentados. A contradição estabelecida em cada eixo emerge das possibilidades e dos limites presentes na relação entre o pesquisador e o SESC, na relação

entre o pesquisador e o corpo técnico, e na relação entre o pesquisador e os participantes. Apesar de serem elucidados de forma separada, os três eixos são integrados na realidade concreta.

4.5.1 As possibilidades e limites apresentados pelo movimento da relação pesquisadora e SESC

A unidade dialética presente nas possibilidades e limites da intervenção do lazer presente na relação entre a pesquisadora e o SESC se constitui a partir das condições apresentadas e sistematizadas no *Programa de Férias*.

De acordo com o projeto do *Programa de Férias* elaborado pelo SESC (anexo A), é perceptível a objetivação do funcionalismo francês na organização e sistematização das ações do lazer. É importante ressaltar que o SESC se constitui historicamente, com a ideologia do funcionalismo francês do lazer, difundida no Brasil pelo Dumazedier (anos 70 e 80), como apresentado anteriormente no Capítulo 2, contribuindo para a implementação conceitual da ação e animação sócio cultural nas diretrizes educativas do lazer e na formação do corpo técnico, que acabou impactando no planejamento, na execução das ações e consequentemente na formação dos participantes.

O conceito de lazer, segundo Dumazedier (1980a), além de ser funcionalista por meio da proposição dos conteúdos culturais do lazer: como físico-esportivos, sociais, artísticos, manuais, intelectuais e, depois acrescentado, o turístico por Camargo (1986). Tais conteúdos culturais permitem a diversidade de ações no lazer, porém não garantem a qualidade das mesmas, que pode impactar na formação dos sujeitos. Apresentam a ideia de acúmulo de ações de acordo com a sua funcionalidade, porém não se garante o cumprimento da finalidade da atividade do lazer.

No entanto, quando organizados e sistematizados em ações na atividade de lazer (BERNARDES; OLIVEIRA, 2013), cada um desses conteúdos culturais não apresenta funções independentes. Pelo contrário, eles só podem conter em si mesmos diversas funcionalidades que irão se integrar e apresentar conexões complexas na formação do sujeito. Por exemplo, um mesmo jogo pode contemplar diversos conteúdos culturais ao mesmo tempo, como o *futebol* que, aparentemente, pode ser classificado como conteúdo físico-esportivo, mas também é uma forma de sociabilidade, fundamental para atingir o objetivo do jogo (conteúdo sociais) e do desenvolvimento de estratégias (conteúdos intelectuais). O que significa que não há apenas uma função sendo exercida durante esta ação, há funções

integradas (físico-esportiva, sociais e intelectuais) que constituem o futebol. Outro exemplo é o jogo *Imagem e Ação* que, aparentemente, pode ser classificado como uma ação de conteúdos culturais intelectuais. Porém, na execução do jogo se identifica a presença da sociabilidade (conteúdos culturais sociais), da mímica (representada pelos conteúdos culturais manuais), do desenho e interpretação (representada pelo conteúdo artístico) e do quiz com perguntas e respostas (representada pelo conteúdo intelectual).

O funcionalismo no lazer se objetiva no projeto (anexo A) do *Programa de Férias* do SESC por ter sido organizado de acordo com a funcionalidade, de forma que as ações tivessem fim por si mesmas, seguindo os conteúdos culturais de Dumazedier, de forma fragmentada. O projeto do *Programa de Férias* apresenta um objetivo geral que é a sociabilidade por meio de ações prazerosas e educativas. A sociabilidade se objetiva por meio das relações sociais, considerada por Marx (1985) a essência e gênese da atividade. O que significa que na ação de lazer pode haver sociabilidade, porém é a qualidade desta ação em seu conteúdo, forma, sentido e significado que devem estar orientados para tal finalidade, para que tais ações possam se concretizar em um movimento à favor da emancipação. Porém, a sociabilidade não se objetiva em apenas uma ação de forma isolada, pelo contrário, todas as ações que compõem a atividade de lazer devem ser sistematizadas e organizadas visando ao mesmo fim, conforme afirma Leontiev (2006).

As ações do projeto do *Programa de Férias* visam tais conteúdos, organizados por semana: “Esportes, Jogos e Brincadeiras, Oficinas, Cinema, Internet Livre, Exposição Sesc Verão, Visita ao Museu da Energia, Lanche todos os dias no Museu da Energia”. (ANEXO A).

A programação foi planejada de forma intercalada entre as turmas, cada uma realizando ações diferentes simultaneamente, para que não houvesse superlotação. Ao final, as ações realizadas pelas turmas foram as mesmas, em horários diferentes (Anexo A). Entretanto, foi identificado, durante a intervenção do lazer, que uma ação impactava na outra diretamente. Por exemplo, a oficina de Mitologia Grega era executada depois de uma ação esportiva e, durante o movimento de pesquisa que analisa a intervenção do lazer, notou-se que após as ações esportivas, as crianças chegavam eufóricas e, em muitos casos, com condutas competitivas e, algumas vezes, frustradas (DIÁRIO DE BORDO, 13/01/2016). Estas características se estenderam e dificultaram o processo de execução das oficinas propostas, que visavam a colaboração. A hipótese desta conduta, segundo o conceito de atividade em Leontiev (2006), é que as condições que se estabeleceram e foram mediadas em um conjunto de ações impactam na ação posterior e na atividade em sua totalidade.

Como a cultura mediada constitui a formação do sujeito, a intencionalidade nas intervenções do lazer requer consciência da responsabilidade social sobre como as ações podem impactar os sujeitos envolvidos e, dialeticamente, a realidade concreta. E para que as intencionalidades se objetivem, é necessário sistematizar e organizar todas as ações estabelecidas em uma programação de lazer, que busquem estratégias para alcançar este objetivo, a finalidade da atividade.

Neste contexto é que se estabelece a unidade de contrários entre possibilidades e limites que emergem da intervenção do lazer. Considerando que as **possibilidades** se apresentam como a grande oportunidade desta intervenção ser realizada dentro do *Programa de Férias*, garantindo as condições concretas necessárias para a execução da pesquisa, como: a) trabalho de divulgação do projeto para que houvesse a quantidade de participantes necessária; b) gestão da inscrição de todos os participantes de forma que pudessem controlar a ficha de autorização de imagem; c) equipe de apoio com 4 profissionais que pudessem acompanhar durante as 2 semanas de execução do projeto; d) oferecer equipamentos de som e alguns recursos materiais que foram fundamentais no processo.

Enquanto **limites**, apresentam-se as fragmentações das ações do Programa de Férias, as quais foram pautadas na concepção do funcionalismo francês de Dumazedier. De acordo com Marx (2005), a subjetividade humana é formada pela objetividade, por isso a fragmentação das ações da intervenção do lazer podem ter impactado diretamente na fragmentação da formação da subjetividade, dificultando o desenvolvimento da subjetividade integral dos sujeitos necessária para a sua emancipação.

Além das possibilidades e limites entre a pesquisadora e o SESC, a investigação permeia de forma integrada como unidade dialética na relação da pesquisadora e o corpo técnico.

4.5.2 As possibilidades e limites apresentados pelo movimento da relação pesquisadora e corpo técnico

A unidade de contrários entre as possibilidades e limites que emergem da relação entre pesquisadora e corpo técnico segue o movimento e está relacionada de forma dialética com a seção anterior.

A relação que se estabelece entre a equipe de apoio e a pesquisadora se expressa pela alienação (MARX, 2004), por alguns motivos: a) a equipe foi escolhida pela instituição, b) não houve participação do corpo técnico no planejamento das oficinas, c) não houve

treinamento para um desenvolvimento de consciência para a intervenção do lazer que estava sendo realizada, nem formação para o enfoque histórico cultural.

A equipe de apoio foi escolhida pela instituição para que participasse da intervenção, a qual foi composta pelos próprios colaboradores do SESC. Não houve uma construção do projeto de forma coletiva e conjunta com o corpo técnico, pelo contrário, foi algo que foi desenvolvido pela pesquisadora e proposto para que eles participassem. Assim, o processo de alienação no desenvolvimento da intervenção do lazer expressa-se quando ficando alheios ao sentido e significado da ação (LEONTIEV, 2006) em que estavam participando.

Antes da execução do *Programa de Férias*, houve uma reunião com o corpo técnico, composto pelos monitores, identificando a **possibilidade** de apresentação do projeto e das ações que seriam desenvolvidas. Neste momento, identifica-se um **limite** na ação da pesquisadora pela falta de consciência quanto à necessidade de se estabelecer o conjunto de ações e operações de forma coletiva entre o corpo técnico, fato que atribuiria sentido e significado a participação dos monitores na intervenção do lazer. A pesquisadora deveria ter aproveitado o momento para fazer uma sensibilização e a apresentação detalhada do projeto de intervenção do lazer para o corpo técnico. No entanto, houve apenas uma fala em busca de apresentar o projeto brevemente para elucidar o que seriam realizadas durante as oficinas. Tal fato expressa formas alienadas do trabalho (MARX, 2004), que deveria se constituir de forma coletiva.

Neste contexto, é importante ressaltar como **limite** a inviabilidade de fazer uma formação no enfoque histórico-cultural para corpo técnico do SESC: primeiramente porque tal formação exige um tempo considerável, que seria infactível de ser disponibilizado durante o tempo de trabalho dos profissionais, posto que as outras demandas da instituição seriam impactadas; outro aspecto refere-se ao tempo exigido no processo da pesquisa e de formação da pesquisadora para que se tornasse possível o desenvolvimento da formação.

A formação para estes monitores, também identificados como educadores sociais, é fundamental pela necessidade da apropriação do conhecimento teórico que sistematiza e organiza as ações educativas na intervenção do lazer, de forma que vise o desenvolvimento da consciência a favor da emancipação humana. Segundo Bernardes, a atividade pedagógica é: “[...] uma particularidade da *práxis* que se constitui numa atividade coletiva e transformadora das relações sociais originadas das relações educacionais [...]” (2009, p.238). Por isso para a execução da intervenção do lazer de cunho educativo, todos os sujeitos envolvidos deveriam ter o conhecimento teórico e o desenvolvimento de consciência para integrarem-se à atividade. Segundo Marx (2007 p.20):

A produção de idéias, de representações e da consciência está em primeiro lugar direta e intimamente ligada à atividade material e ao comércio material dos homens; é a linguagem da vida real. As representações, o pensamento, o comércio intelectual dos homens surge aqui como emanção direta do seu comportamento material.

Se é por meio da vida material de forma integrada que a objetividade e a subjetividade se constituem, a formação no enfoque histórico-cultural torna-se fundamental neste processo. Entretanto, até o momento da apresentação da proposta, tampouco a pesquisadora tinha a consciência sobre a importância e do impacto que poderia causar a falta do conhecimento teórico para os monitores.

Apenas durante o movimento da investigação é que a pesquisadora identifica que a atuação da equipe de apoio impactava diretamente na intervenção. A **possibilidade** de intervenção do corpo técnico foi identificada pela pesquisadora pela comunicação em busca de complementar as informações fornecidas ao longo das oficinas, como: as regras da instituição, sobre os combinados estabelecidos entre o grupo, algumas contribuições durante as ações e as chamadas de atenção. Um exemplo disso é identificado na fala do monitor, quando afirma: “Pessoal, fica combinado que a gente vai andar pelo SESC, precisamos lembrar que nada de correr porque não é disputa e há outras pessoas em outros espaços, vamos controlar a nosso tom de voz, porque tem gente trabalhando e estudando por aqui. Tudo bem? Só isso que gostaria de lembrar” (GOPR4216, 6’ 10”, CAÇA AO TESOURO, 19.01.2016).

Como a maioria dos participantes já era integrante do Projeto Curumim, a equipe de apoio tinha estabelecido, anteriormente, um vínculo afetivo com os mesmos, tinham conhecimento sobre o processo de formação dos participantes e, com algumas crianças, tinham contato direto com os pais. O que foi identificado neste vínculo afetivo, já consolidado entre o corpo técnico de apoio e os participantes, é que tal fato facilitava a comunicação entre eles, diferentemente da pesquisadora, que ainda estava no processo de aproximação com os participantes. Considerando que os motivos para que os participantes entrem em atividade são criados por meio das relações interpessoais, a afetividade entre os participantes e os monitores assume uma condição fundamental na formação da unidade dialética da vivência do lazer presente nos aspectos afetivo-cognitivo, social-pessoal e externo-interno (FARIÑAS; CALEJON, 2017).

Enquanto **possibilidade**, o corpo técnico contribuiu no processo de reflexão sobre as ações desenvolvidas ao final do projeto piloto; eles compartilharam com a pesquisadora as suas impressões sobre as ações desenvolvidas, trazendo informações importantes para a busca da superação do projeto piloto para o projeto efetivo. Um dos registros deste fato ocorre

quando, informalmente, num diálogo com a pesquisadora um monitor afirma: “A necessidade de criar ações mais ativas para crianças dessa idade, que mexa mais o corpo, porque eles não têm paciência de ficar parados prestando atenção. E as próximas turmas da próxima semana serão mais velhos. Então veja como consegue fazer de forma que movimente mais”. (DIÁRIO DE BORDO, 15/01/2016).

Pode haver dois motivos para que um dos monitores tenha chegado a tal conclusão. O primeiro motivo pode se justificar pelo pensamento hegemônico da concepção piagetiana que se reproduz na maioria das teorias da recreação, as quais apresentam brincadeiras e jogos para cada faixa etária da vida, que são embasadas em fundamentos biologizantes na formação dos sujeitos (MARCELLINO, 2005, 2006; PIMENTEL, 2003, LARIZZATTI 2005; CAVALLARI, ZACHARIAS, 1994). Entretanto é comum encontrar repertórios de ações de lazer que apresentam jogos e brincadeiras para a faixa etária dos 7 a 12 anos, que tenham como finalidade o movimento corporal. O segundo motivo pode ser resultado da análise do projeto piloto de forma aparente e imediata, pois nesta circunstância, as oficinas da intervenção do lazer eram executadas após uma ação esportiva; tal fato impactava no comportamento das crianças, que chegavam e permaneciam agitadas por um tempo determinado. Por isso, a situação aparentava que os participantes queriam permanecer em movimento e desejavam ações mais agitadas, pois estavam em atividade esportiva. No caso, as novas ações a serem realizadas na oficina não correspondiam à atividade a qual os participantes estavam integrados (LEONTIEV, 2006).

Neste movimento de análise, houve uma dificuldade durante a busca da superação das ações no projeto piloto, pois foi necessário analisar as sugestões do corpo técnico (a), de forma integrada às exigências propostas pela instituição anteriormente (b) e aos conceitos que embasam a intervenção do lazer no enfoque histórico cultural (c).

Durante o processo de repensar criticamente as ações desenvolvidas no projeto piloto para a busca da superação no projeto efetivo, foi identificada a necessidade de conversar previamente com a equipe de apoio (DIÁRIO DE BORDO, 15/01/2016), pois seria a tentativa de superar os problemas apresentados, causados pela alienação durante o planejamento da intervenção no projeto piloto.

No entanto, o corpo técnico costumava chegar ao trabalho no horário do início das ações do Programa, por isso foi possível apenas uma conversa com os monitores por apenas 5 minutos, quando foram feitas algumas considerações sobre a importância de evitarem o estímulo à competitividade durante as oficinas, sendo tal fato um **limite** na viabilidade da intervenção do lazer. Porém, não houve tempo suficiente para explicar o motivo e como as

tais considerações seriam implicadas no desenvolvimento da intervenção do lazer.

Um exemplo dos problemas identificados na execução do projeto piloto e que as ações organizadas para a intervenção do lazer tinham o objetivo de estimular a colaboração e a cooperação; porém, alguns membros do corpo técnico nos momentos de apoio incentivavam com palavras que estimulavam a competição entre os participantes, mesmo que tivessem sido orientados para estimular a colaboração. Tal fato se exemplifica na fala de um dos monitores: “Quero ver quem vai ser o primeiro a resolver o desafio” (DIÁRIO DE BORDO, 21/02/2016). A hipótese de isso acontecer é que a maioria da equipe tinha formação na área da Educação Física, que geralmente está acostumada a estimular a competitividade pelo esporte, contudo, acabou impactando nas ações educativas da intervenção do lazer.

Após o término do projeto efetivo, o corpo técnico fez uma rica reflexão junto a pesquisadora, sobre o movimento de superação que foi conquistado do projeto piloto para o projeto real. A reflexão foi uma conversa informal que os educadores sociais/ monitores compartilharam a sua opinião sobre o projeto efetivo, quando todos, unanimemente, disseram ter sido melhor do que o projeto piloto. Os pontos que ressaltaram foram: maior envolvimento dos participantes (a), a percepção de que eles estavam mais ativos; (b) que aparentemente as crianças tinham gostado das oficinas. As oficinas mais comentadas foram a da Ciência e a da Política. A oficina da Ciência porque alguns dos monitores gostaram da proposta do experimento científico; a oficina da Política, pois a maioria dos educadores sociais se surpreenderam com as reflexões que foram feitas pelas crianças durante a apresentação do painel e com o resultado da criação das maquetes que representavam a cidade ideal (DIÁRIO DE BORDO, 22.01.2016). Considerando que as análises destas oficinas serão feitas na próxima seção, de forma que elucide o processo e o resultado, os quais permitem esclarecer melhor a reflexão dos monitores.

Para além da análise da relação pesquisadora e corpo técnico, de forma integrada está conectada a análise da seção seguinte sobre a relação entre pesquisadora e participantes, que também apresentam as suas possibilidades e limites.

4.5.3 As possibilidades e limites apresentados pelo movimento da relação pesquisadora e participantes

Esta seção segue o movimento de análise das possibilidades e limites da relação pesquisadora e participantes, que se interligada de forma dialética às duas seções anteriores, compondo a totalidade.

No movimento de análise da intervenção, a **possibilidade** constatada é o estímulo das relações interpessoais, pois as turmas eram compostas por crianças de diversas idades e de diferentes classes sociais. Como o estímulo das relações interpessoais pode permitir o intercâmbio, colaboração, altruísmo, respeito, empatia e a criação do vínculo afetivo, é possível que haja o processo educativo (BERNARDES; OLIVEIRA, 2013) e de desenvolvimento entre elas. Em *A Ideologia Alemã*, Marx (2007, p.41-42) faz uma crítica sobre a importância da colaboração e o intercâmbio na constituição da sociedade, que dialeticamente fazem-se essenciais na formação do sujeito. Contudo, ambos ficam fragilizados, fragmentados no sistema capitalista pelo modo de produção que potencializa a alienação da sociedade. Por isso, as atividades que visam a emancipação dos sujeitos devem ter como premissas: a colaboração e o intercâmbio, como elementos fundamentais na sistematização e organização das ações educativas. No entanto, neste processo ressalta-se o respeito, condição importante que deve permear a relação para que haja colaboração e intercâmbio.

Porém, não basta apenas uma ação da atividade que vise a emancipação em si, todas as ações devem estar sistematizadas e organizadas para tal. Um exemplo é a primeira oficina de “Caça ao Tesouro” pois, como havia crianças que estavam sendo estimuladas pela competição em outras ações, elas às vezes não colaboravam e não intercambiavam as informações entre si. Um exemplo que apresenta tal fato é que na primeira oficina de “Caça ao Tesouro” as crianças mais velhas queriam sair na frente para encontrar as pistas, e não tinham paciência com as mais novas, que ainda não sabiam ler, apesar de terem sido feitas diversas reflexões e abordagens de forma que gerassem a reflexão da importância de compartilhar informações e contribuir com o outro (GOPR4216 11’42”, CAÇA AO TESOURO, 19.01.2016), mas ainda estavam com o “espírito competitivo”.

No movimento de análise da primeira oficina, a pesquisadora identifica a busca pela superação do projeto piloto por meio da comunicação. Na tentativa de instigar a colaboração e o intercâmbio, a pesquisadora muda a linguagem que antes era orientada de forma vertical (você), e passa a ser (nós), incluindo-se ao coletivo. E por meio da contação de histórias que faz uma simulação da realidade, a pesquisadora pede ajuda aos participantes para a solução do problema de forma coletiva. Esta forma de condução aparentemente trouxe mais animação, deixando ambas as turmas eufóricas na busca do desafio proposto.

O estímulo com desafios por meio da ludicidade foi uma das **possibilidades** encontradas, pois ajudou a despertar a curiosidade e o mistério, que podem ter gerado impulsos na busca de descobrir soluções para o problema. O conteúdo organizado e

sistematizado nesta oficina busca mostrar a historicidade, de forma a mostrar a gênese das Olimpíadas (quando tudo começou) e buscava relacionar este momento histórico das Olimpíadas (Grécia) com as condições presentes da realidade (SESC) para instigar o uso da imaginação dos participantes. Segue uma das pistas do Caça ao Tesouro que elucida tal fato:

As Olimpíadas são um campeonato de diversos tipos de esportes, que reúne o mundo todo. O evento surgiu na Grécia, na cidade de Olímpia, aproximadamente há 776a.c (2.800 anos atrás). Em Olímpia havia um espaço apropriado para a prática de esportes,

Quadro 1 - Uma das pistas da "caça ao tesouro"

A contação de histórias tinha objetivo de fazer com que os indivíduos entrassem em atividade, por meio de relatos da vida real de forma a sensibilizá-los, mostrando uma realidade desigual e injusta na busca de criar a necessidade de desenvolver a empatia e o altruísmo. Segundo Vigotsky (2009, p.26): “O conto ajuda a explicar relações práticas complexas; as suas imagens esclarecem um problema vital e o que a fria prosa não poderia fazer por si só, fê-lo o conto com a sua linguagem figurada e carregada de emoção”. Por isso, uma hipótese de **possibilidades** presentes neste processo é a animação e euforia dos participantes no projeto efetivo na busca de achar a solução para a Sophia, o que os mobilizou para que entrassem em atividade (GOPR4216 3’23”, CAÇA AO TESOURO, 19.01.2016). Além disso, para conseguir solucionar o desafio era necessário o uso da imaginação, pois segundo Vigotsky, “são os sentimentos e o pensamento que movem a imaginação humana” (2009, p.25). Vigotsky explica o processo de constituição da imaginação:

[...] a actividade criadora da imaginação encontra-se em relação directa com a riqueza e a variedade da experiência é o material com que a fantasia erige os seus edifícios. Quanto mais rica for a experiência humana, tanto mais abundante será o material de que a imaginação dispõe. (VIGOTSKY, 2009, p.17)

As vivências são compostas por mediações simbólicas de forma complexa como unidade integrada (afetivo-cognitivo, social-pessoal, externo-interno) que permitem as possibilidades da atividade criadora da imaginação. Além da imaginação, o jogo permitiu com que eles fizessem a reflexão coletiva e a colaboração nos momentos de descobrir a resposta correta da pista. No final desta oficina, foi feita uma reflexão coletiva e a pesquisadora perguntou aos participantes: Qual a importância dessa atividade? E os participantes responderam de forma coletiva. R: “Trabalho em equipe, para adquirir conhecimento e para

emagrecer, fazendo atividade física” (GOPR4219 11’38”, CAÇA AO TESOURO, 19.01.2016).

A segunda oficina organizada sistematicamente por meio do “Experimento Científico” como desafio, de forma a criar uma necessidade para que os participantes entrassem em atividade. Então, foi dada 1 (uma) massinha para cada participante de cada grupo, formado por 4 a 5 integrantes, sendo que cada grupo recebeu apenas 1 bolinha de gude e 1 bacia com água para que fossem utilizadas pelo coletivo. O desafio era fazer com que todos os materiais cedidos flutuassem na água da bacia. Nestas condições, os participantes tinham que pensar em como solucionar o problema. Para que fosse solucionado, as crianças deveriam refletir e identificar na realidade concreta os objetos que flutuam. Neste caso, neste desafio, apenas iria flutuar se fosse construído um barquinho com todas as massinhas (todas as crianças deveriam ceder a sua massinha) e colocar a bolinha de gude dentro. Para que alcançassem a finalidade desta ação, eram necessárias as seguintes operações: as crianças tinham que interagir com o meio; ao mesmo tempo era preciso que houvesse relações interpessoais; reflexão coletiva e uso da imaginação e da criatividade para que as diversas tentativas com o meio resultassem na busca de alcançar o objetivo. Contudo, apenas se houvesse colaboração e intercâmbio seria possível solucionar o desafio. Entretanto como resultado desta ação: apenas os grupos das crianças menores conseguiram resolver o desafio (DIÁRIO DE BORDO, 19/01/2016). A hipótese é que como as crianças estão no período em que a brincadeira é atividade principal. Assim, como os elementos essenciais da brincadeira são a ludicidade, a imaginação, a colaboração e o intercâmbio, foram estes os elementos que se estenderam e reproduziram-se na atividade de lazer, possibilitando a realização do desafio.

Figura 1 - Foto do grupo que conseguiu resolver o desafio da oficina 2 (Ciência)

Outras observações feitas foram que alguns grupos de crianças mais velhas chegaram a fazer barquinhos, mas faziam apenas com a sua massinha. Nessa condição, ao colocar a bolinha de gude dentro, afundava a massinha. A maioria não queria dividir a massinha com o colega, por isso, ficava no âmbito individual e não conseguiram alcançar o objetivo do desafio proposto. Uma das crianças disse ao pesquisadora: “nós vamos fazer um barquinho!” (GOPR4221 10’05”, EXPERIMENTO CIENTÍFICO, 20.01.2016). Nas tentativas de fazer o barquinho com apenas 1 (uma) massinha, muitas crianças maiores pediam ajuda à pesquisadora, ficavam pedindo orientações ao invés de tentar, pois não se permitiam refletir e buscar a superação do desafio de forma coletiva. A hipótese é que o modo de ação sistematizado da escola seja de forma orientada e não emancipadora e, portanto, tenha afetado a busca da solução do desafio. Segundo Heller (2008), a forma das outras esferas que compõem o cotidiano afetam o lazer.

As **possibilidades** encontradas nesse processo foram as relações interpessoais, a reflexão coletiva, o uso da imaginação, criatividade, a busca de soluções por meio da reflexão da realidade concreta, a colaboração e o intercâmbio. Os **limites** encontrados foram o individualismo e a competitividade, que impediram a maioria dos grupos a alcançar o desafio.

A terceira oficina foi realizada em duas partes: a primeira era o desafio da criação de um painel coletivo (um cartaz feito com recorte e cola de revistas e jornais) que expressava os problemas e as possibilidades da cidade de São Paulo, o qual foi apresentado oralmente para toda a turma, objetivando a reflexão coletiva. E depois da reflexão coletiva, a segunda parte era a busca da superação dos problemas e das possibilidades da cidade de São Paulo por meio da criação da cidade ideal, que seria feita em forma de maquete e de forma coletiva, sendo que cada grupo iria criar a sua própria cidade. Segundo Vigotsky, “É precisamente a atividade criadora do homem que faz dele um ser projetado para o futuro, um ser que contribui para criar e que modifica o seu presente” (VIGOTSKY, 2009, p.11). Por isso, esta ação busca por meio do presente instigar uma atividade criadora para a transformação da realidade pela objetivação de uma cidade imaginada e idealizada pelas crianças, de forma coletiva e colaborativa.

A divisão de grupos foi feita, cada grupo criou o painel em uma cartolina com recorte e cola de jornais e revistas, e depois apresentaram para mostrar os significados de cada imagem. Entre os painéis apresentados, as **possibilidades** identificadas foram: a reflexão coletiva dos problemas da realidade, a colaboração e intercâmbio, o uso da imaginação e do diálogo de forma a chegar em um consenso coletivo para a criação do painel, sendo essas as operações importantes para que fosse realizada a ação.

Sobretudo, no movimento de análise dos vídeos e nos registros do diário de bordo, nota-se a condução que deveria ser organizada de forma mais consciente sobre a importância do afetivo e das emoções, de forma que potencializasse ainda mais o lúdico, e isso se identifica como **limites**. Ao identificar a necessidade de colocar-se como parte do coletivo de participantes, tratando-se como (nós), e liderando de forma a colocar um desafio para as crianças, buscando motivá-los e emocioná-los, eles ficavam eufóricos a participar (GOPR4216 3' 24'', PAINEL, 21.01.2016). Porém, foi identificada uma evidência no 3º (terceiro) dia, que acabou sendo uma ação orientada ao invés de despertar o desafio, com a proposta de montar um painel (GOPR4222 12'47'', PAINEL, 21.01.2016). A hipótese para que isso tenha acontecido é que a pesquisadora estava muito cansada, doente, sem voz, as suas energias e emoções na condução do processo não era a mesma que anteriormente, além de estar atuando ainda de forma intuitiva, por isso, não tinha a consciência do quanto isso era importante e poderia afetar no processo. Dentre as imagens apresentadas, as temáticas que foram apresentadas foram: poluição do meio ambiente, má alimentação e nutrição, bullying nas escolas, violência no cotidiano, corrupção, roubos, terrorismo, refugiados entre outros. E como **limites** são os conflitos no processo de criação pela diversidade de ideias e opiniões.

Figura 2 - Foto tirada pela pesquisadora registrando o momento de criação do painel

Figura 3 - Foto retratando um dos painéis criado por um dos grupos

O painel acima foi apresentado pelos participantes mostrando os problemas sobre: os refugiados, a poluição do ar, as inundações, a poluição do meio ambiente, a violência e os protestos. Outros painéis foram também interessantes e mostram a reflexão coletiva entre os participantes dos grupos sobre diversos problemas enfrentados atualmente. Segundo Vigotsky: “Todo sentimento, toda a emoção tende a manifestar-se em determinadas imagens que concordam com ela, como se a emoção pudesse escolher impressões, ideias, imagens congruentes com o estado de espírito que nos dominasse nesse instante” (VIGOTSKY, 2009, p.20). O que significa que os produtos resultantes da criação dos painéis (com as suas imagens e representações simbólicas,) são resultados de uma manifestação das experiências já vividas da realidade de forma integrada aos seus sentimentos e emoções que foram constituídas até o presente momento na formação dos integrantes do grupo.

Após a construção do painel, foram dados materiais diversos (isopor, cola, tinta, pincel, bonequinhos, etc.) de forma a criar a cidade ideal representada na maquete de cada grupo. Esta atividade teve o intuito de que o grupo refletisse sobre os problemas e as possibilidades, de forma a buscar a superação para a construção da cidade ideal. O exercício de refletir sobre a realidade, identificar os seus problemas e suas possibilidades na busca de superação por meio da objetivação de uma cidade ideal, traz **possibilidades** em um movimento de reflexão coletiva, a colaboração, o intercâmbio de forma a planejar e criar uma cidade construída pelo grupo, respeitando os desejos, opiniões e gostos individuais. Segundo

Vigostsky (2009, p.24):

Os elementos que entram na sua composição são tomados pelo homem da realidade, e no interior deste, no seu pensamento, sofreram uma reelaboração completa, tornando-se um produto da sua imaginação. Por fim, materializando-se, voltaram à realidade, mas trazendo já consigo uma força activa, nova, capaz de modificar essa mesma realidade, completando-se assim o círculo da atividade criadora da imaginação humana.

Por isso se espera que com o desenvolvimento desta ação há **possibilidades** que se tenha gerado por um movimento em seu pensamento sobre a realidade concreta de forma que se materialize no seu cotidiano, condição que não se pode afirmar que tenha acontecido a todos os sujeitos, porém pode verificar-se elementos no resultado da criação da maquete que trazem reflexões importantes de seu cotidiano e instiguem mudanças da realidade concreta.

Como resultado da criação das maquetes, identifica-se que houve a preocupação com deficientes, permitindo a mobilidade e acessibilidade; houve a preocupação com a criação de escolas, de casas, espaços diferentes de trabalho, de espaços para o lazer, houve a preocupação de preservação e cuidado a natureza, entre outros (DIÁRIO DE BORDO, 22/01/2016). Segundo Vigostky (2009, p.13-14):

É verdade que nos seus jogos, reproduzem muito do que vêem, mas é bem conhecido o imenso papel que cabe à imitação nos jogos infantis. Estes são com frequência um mero reflexo do que vêem e ouvem dos mais velhos, mas estes elementos da experiência alheia nunca são transportados pelas crianças para os seus jogos como eram na realidade. As crianças, nos seus jogos, não se limitam a recordar experiências vividas, mas reelaboram-nas de modo criador, combinando-as entre si e construindo com elas novas realidade de acordo com os seus afectos e necessidades.

Identifica-se a reprodução da cidade que vivem na maquete, porém a complexidade da criação da cidade se constitui em atender as necessidades e desejos de todos do grupo, de forma que todos precisam entrar em um consenso para que respeitem as ideias e gostos alheios e haja colaboração e intercâmbio no processo. E neste movimento, independe qual será o resultado final, mas o processo e os elementos complexos intrínsecos nas operações que objetivam o produto da atividade.

Figura 4 - Foto que registra a criação das maquetes

Figura 5 - Uma das maquetes que representa a cidade ideal criada por um dos grupos

Nesta maquete acima há a criação de uma cidade em que a casa é a central, mas tem “a presença da escola; do zoológico, que foi criado de forma a pensar no bem-estar dos animais; há um estacionamento para os carros com vagas para deficientes físicos e para idosos; e uma praça para ter acesso a natureza” - informações cedidas e anotadas pela pesquisadora no diário de bordo (OBRA DE ARTE, 22.01.2016).

Figura 6 - Outra maquete que representa a cidade ideal criada por um dos grupos

Nesta maquete acima, fica perceptível a reprodução da cidade pela construção de prédios, porém com elementos novos. Identifica-se uma quadra de futebol, do outro lado um lago e uma praça com animais. Conforme a citação de Vigotsky: (2009, p.11)

Toda actividade humana que não se limite a reproduzir factos ou impressões vividas, mas que cria novas imagens, novas acções, pertence a essa segunda função criadora ou combinatória. O cérebro não se limita a ser um órgão capaz de conservar ou reproduzir as nossas experiências passadas, é também um órgão combinatório, criador, capaz de reelaborar e criar novas normas e concepções a partir de experiências passadas.

A objetivação desta citação de Vigotsky é possível ser identificada na maquete apresentada anteriormente, pois é a materialização de um produto da atividade criadora de forma reinventada, não se identifica nesta maquete uma reprodução absoluta da realidade e o resultado pode ter sido movido a uma síntese da integração dos desejos e necessidades dos integrantes do grupo. Os **limites** neste movimento foram as dificuldades de diálogo e de colaboração por parte de alguns de forma a chegar em um ponto comum para a criação da cidade ideal que foi constituído de forma coletiva.

A quarta oficina foi a criação da obra de arte, o desafio era criar uma obra de arte que visava uma mensagem, poderia ser sobre qualquer coisa que aprenderam durante a semana. Havia muitos materiais disponíveis para que auxiliasse a criação da obra de arte (sulfite, papel Canson, tinta, glitter, material reciclável, cola, lantejoulas, entre outros).

Figura 7 - Foto que registra o resultado da oficina 4 (Arte)

Como resultado das oficinas surgiram como significados do produto: a importância da felicidade, a importância da paz mundial, a necessidade de limpeza dos rios e meio ambiente, e a necessidade de acabar com a violência. Esses significados foram verbalizados pelas crianças para a pesquisadora (DIÁRIO DE BORDO, 22/01/2016).

Uma das **possibilidades**, para além do produto, foi o processo de criação em si, que exige o uso da imaginação e a reflexão a favor de uma intencionalidade, para que não seja uma arte em si, mas que busque uma reflexão para mudanças. Segundo Vigotsky: “As obras de arte podem exercer uma tão forte influência sobre a consciência social graças à sua lógica interna” (VIGOTSKY, 2009, p.27). A intencionalidade de que os participantes realizem uma obra de arte de forma que passe uma mensagem para o público sobre os problemas da realidade, pode até então não objetivar a finalidade, mas busca colocá-los em movimento para que se objetive, de forma que os gere uma reflexão, e que façam o uso da imaginação para que haja uma atividade criadora. Entre os **limites** se restringem pelos materiais oferecidos que influenciam nas condições possíveis de criação (DIÁRIO DE BORDO 22/01/2016).

Como síntese dos quatro dias das ações do lazer, identificam-se diversas possibilidades e limites, que emergiram no movimento da intervenção e dos produtos das relações sociais e das ações realizadas à favor a emancipação humana. Entretanto, é importante estar em um movimento constante, por meio da análise crítica a busca da sua superação constante, de forma que vise a superação das condições caóticas e as condições estruturais que regem o sistema capitalista, apesar de todas as possibilidades dadas pelas condições concretas de existência.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As contradições dadas pela realidade concreta são as que podem gerar um movimento na busca de sua superação e de sua transformação. Nesta pesquisa, por meio da unidade de contrários entre as possibilidades e os limites que emergiram das ações do lazer, busca-se a superação das condições concretas da realidade que integra a atividade do lazer a favor de um movimento de sua transformação.

O que fica evidente como resultado do movimento da análise dos três eixos norteadores da pesquisa é que a fragmentação e a alienação que emergem da realidade concreta afetam diretamente na formação dos sujeitos e, conseqüentemente, no planejamento e execução das ações educativas no lazer.

Ao objetivar o conceito da não-cotidianidade, segundo Heller (2008), que propõe a arte, política, ciência e a filosofia como elementos mediadores essenciais para a busca de superação do cotidiano, verifica-se que são áreas de conhecimento fundamentais que podem gerar reflexão e criar motivos para a busca de mudanças na formação dos sujeitos. Porém, não é qualquer forma de organizar o conteúdo destas áreas de conhecimento que pode gerar a superação do cotidiano. É muito mais complexo! Para a busca de um movimento de superação do cotidiano, identifica-se que é necessário que o conteúdo seja organizado e sistematizado de forma que seja orientado para a emancipação humana.

Essa reflexão emergiu como resultado da práxis da intervenção do lazer, a qual foi necessário repensar as oficinas aplicadas de forma que não oferecessem apenas arte, ciência, política e filosofia, mas que buscasse superá-la por meio da organização e sistematização das ações, a fim de gerar motivos eficazes para que os sujeitos envolvidos entrassem em atividade.

Conclui-se que a elaboração de uma intervenção do lazer que vise a subjetividade integral do sujeito deve ser pensada na compreensão de totalidade, do conjunto de elementos que compõem a realidade concreta de forma integrada. Tal posicionamento é decorrente da análise realizada durante a intervenção do lazer, quando se evidencia que as outras esferas da vida (trabalho, estudo, etc.) impactam diretamente no lazer (HELLER, 2008). Da mesma forma que as ações das atividades das quais os sujeitos participam se impactam dialeticamente e por isso devem estar organizadas e sistematizadas para alcançar uma determinada finalidade (LEONTIEV, 2006). No entanto, é possível verificar que há uma conexão entre as operações, as ações nas atividades humanas de forma integrada, por isso todas essas devem estar

vinculadas ao mesmo objetivo, para que haja a possibilidade de alcançar a formação integral do sujeito, de forma plena.

Considera-se, portanto, que o lazer deve ser pensado de forma dialética ao trabalho e ao estudo, de forma que as condições presentes nestas atividades promovam a superação da alienação expressa na fragmentação, na competitividade, no individualismo, enquanto manifestações da lógica capitalista. Essas condições apresentadas impactam diretamente no desenvolvimento humano, impedindo que haja a subjetividade integral necessária para a formação dos sujeitos.

No planejamento da atividade de lazer deve haver uma preocupação com a elaboração das ações em sua forma, conteúdo, significados, sentidos, motivos e finalidade, de modo que haja a valorização e participação de todos os sujeitos envolvidos no planejamento e na execução das ações, visando cooperação, colaboração, intercâmbio, respeito e empatia. Sobretudo, o planejamento das ações do lazer deve visar a criação de motivos eficazes e de condições emocionalmente favoráveis para que se objetive em experiências prazerosas, estimulando os sujeitos a entrarem em atividade. Para que a organização das ações se objetive em formas mais efetivas, é necessário ter a consciência e considerar a complexificação da vivência (afetivo-cognitivo, social-pessoal, externo-interno) como a unidade fundamental básica na constituição dos sujeitos.

O sistema capitalista apresenta condições de exploração e de opressão que estão intrínsecas nas relações sociais como produtos do modo de produção na lógica do capital. Por isso, nos momentos de tempo livre, é necessário criar condições que visem o desenvolvimento humano, buscando resgatar aquelas condições que foram degradadas, limitadas ou amputadas ao longo do tempo. A pesquisa traz evidências que, por meio da atividade de lazer, podem se criar vivências que se diferem do cotidiano, as quais podem se utilizar da ludicidade para que sejam criadas em suas infinitas possibilidades, de forma que estimulem o uso da imaginação, a criatividade, as emoções, a aproximação e o fortalecimento das relações interpessoais à favor de um movimento que vise a superação do cotidiano.

Identifica-se, durante a atividade do lazer, que é o processo da ação que possibilita mediações das relações dialéticas e complexas entre linguagem, emoções, pensamento, sentimentos, memória, signos, imagens, percepção; relações que são apropriadas pelo sujeito de forma que possa elaborar funções criadoras e combinatórias pela psique, possibilitando a (re)elaboração de ideias e gerando uma força ativa para que modifique o seu presente. Está na lógica interna da atividade do lazer o movimento de objetivação da subjetividade que compõe a formação do sujeito. Por isso, é necessário haver um planejamento das ações na atividade do

lazer que se preocupe com a formação de pessoas que possam agir no presente e projetar o futuro. Trata-se de criar situações e condições adequadas que possibilitem a preparação do presente para construir o futuro.

As experiências promovidas pelo lazer podem trazer condições que possibilitem a apropriação e reprodução de situações (re)inventadas, possibilitando um movimento de transformação da realidade concreta. Entretanto, não é qualquer intervenção do lazer que gera a transformação da realidade concreta, mas apenas a atividade de lazer que vise a emancipação humana, quando devidamente organizada.

A condição alienante impacta nas concepções ideológicas elaboradas pela Ciência, em diversas teorias e áreas do conhecimento, influenciadas pelo pensamento hegemônico sobre a constituição do sujeito. A maioria das teorias de recreação e do lazer apresentam a perspectiva biologizante de desenvolvimento, de forma não dialética, fragmentada, e que geralmente se embasam pelas condições aparentes e imediatistas (a-historicidade) da realidade concreta. Tais teorias e conhecimentos acadêmicos impactam na formação da sociedade e de instituições que fundamentam as ações do lazer na realidade concreta. Expressão desse modo de pensar é a influência do funcionalismo francês que impacta, até os dias de hoje, na formação dos profissionais do lazer, e fundamenta projetos e ações de instituições, como no caso do SESC.

Por isso, é necessário a superação das condições oferecidas na formação do profissional do lazer, porque o desenvolvimento biológico é constituído qualitativamente pela mediação da cultura ao longo do tempo, por meio das vivências possíveis de serem vividas pelo sujeito até o presente momento.

Entretanto, evidencia-se a necessidade da realização de um curso de formação ampliada que contemple o enfoque histórico-cultural aos profissionais na área do lazer para que tenham a consciência da importância de uma atividade que vise a formação da subjetividade integral do sujeito para a busca de uma vida não-alienada.

Caso a organização da intervenção do lazer não seja a expressão da práxis alinhada aos princípios do enfoque histórico-cultural os participantes podem ficar alheios ao significado das ações do lazer promotoras do desenvolvimento humano, não atribuindo sentido a tais ações e, conseqüentemente, pode impactar na formação dos participantes. Sobretudo as ações do lazer não devem ser pontuais como foi a intervenção do lazer desta pesquisa. As ações do lazer que visem o desenvolvimento humano devem ser planejadas de forma longitudinal para que haja um resultado mais efetivo, pois o tempo é essencial para que possa haver a apropriação da cultura de forma crítica e promova o desenvolvimento da

subjetividade integral. No caso do SESC, há diversos projetos que são longitudinais, como o Projeto Curumim atende crianças (de 7 a 12 anos), o Juventudes (de 13 a 19 anos), Trabalho Social com o Idoso (acima de 60 anos) que se organizam visando o desenvolvimento dos participantes.

Importante ressaltar que o lazer é uma atividade humana que está presente em todos os períodos da vida, da infância até a terceira idade. Nesta perspectiva, o lazer se torna fundamental como possibilidade de compor com a educação de forma ampla, criando novas possibilidades para a superação das condições concretas na organização da sociedade.

A superação da realidade caótica, em busca de transformação social, deve ser pensada na organização e na sistematização de ações educativas, de forma dialética, ao lazer-trabalho-estudo como unidade integrada de atividades humanas que compõem o cotidiano em busca da emancipação humana.

As condições da realidade concreta, engendradas pelo trabalho alienado, impactam na constituição do sujeito ao longo de sua vida. Tal fato se exemplifica no período após a educação formal, quando haverá a possibilidade de o homem seguir até o fim da vida se apropriando de uma cultura alienante, por isso, vide a importância do lazer em estar integrado à educação e às outras atividades humanas do cotidiano para que haja possibilidades de promoção do desenvolvimento em busca de uma vida não alienada.

Constata-se, por meio das políticas educacionais atuais no Brasil, a não-obrigatoriedade das áreas do conhecimento artes, filosofia e sociologia no Ensino Médio. Tal fato nos leva a resgatar o que já foi analisado por Heller (2008) sobre as necessidades para a superação da cotidianidade como expressão da alienação. Nos posicionamos a favor de uma forma de organização de ações do lazer que possam criar situações que resgatem as tais áreas do conhecimento. O lazer, na sua forma mais genérica, não apresentam exigências enquanto políticas instituídas, ou leis, e tampouco há imposições quanto a sua forma, conteúdo e sistemática.

O lazer, enquanto atividade, deve ser organizado de forma a oferecer ações em espaços integrados que compõem a cidade, pela unidade escola-equipamentos culturais-espaços públicos. As condições educativas no lazer deveriam perpassar as que são oferecidas pela escola, relacionadas de forma dialética aos equipamentos culturais (museus, teatros, centros culturais, clubes, entre outras instituições) e aos espaços públicos (parques, praças, áreas de convivência, ruas, etc.), que sejam organizados e sistematizados de forma que visem a emancipação humana.

Nesta perspectiva, é importante a existência de políticas públicas que incentivem e

viabilizem a educação na sua forma mais ampla e integrada para a sociedade. Porém, como as políticas públicas no contexto atual estão alinhadas à finalidade do sistema político-econômico vigente que buscam o acúmulo do capital e a manutenção do *status quo*, é necessário um movimento de luta em busca das condições ideais para que o desenvolvimento humano não seja comprometido. Um movimento de luta que objetive inverter a finalidade do sistema, deixando de ser o lucro e passando a visar o desenvolvimento humano.

Defendemos a tese de que há a necessidade de superação ideológica do funcionalismo francês e de um movimento em busca da unidade lazer-trabalho-estudo, para que se objetive a formação da subjetividade integral dos sujeitos. Contudo, é importante compreender a unidade lazer-trabalho-estudo como uma expressão genérica da vida concreta. No entanto, a vida concreta pode ser composta por outras atividades humanas também, as quais estarão no âmbito particular e singular dos sujeitos. Nestas condições, todas as atividades humanas presentes na vida concreta dos sujeitos devem estar relacionadas de forma dialética, formando a unidade integral (lazer-trabalho-estudo-outras) para haja a possibilidade de uma atividade de lazer que vise a formação plena dos sujeitos à favor da emancipação humana.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T.W. Tempo livre. Tradução de Maria Helena Ruschel. In **Palavras e sinais**, Petrópolis, Vozes, 1995

ALMEIDA, M. de. **Uma ideia original**. SESC São Paulo. 50 anos. São Paulo: Serviço Social do Comércio, 1997.

BARROCO, S. M. S. e TULESKI, S. C. Vigotski: o homem cultural e seus processos criativos. **Psicologia da Educação [online]**. 2007, n.24, pp. 15-33.

BERHRING, E. R.; BOSCHETTI, I. **Política social: fundamentos e história**. 6. Ed. São Paulo: Cortez, 2009.

BERNARDES M. E. M. Ensino e aprendizagem como unidade dialética na atividade pedagógica. **Psicologia Escolar e Educacional**, v.13, n.2, p. 235-242, jul/dez, 2009.

BERNARDES M. E. M.; OLIVEIRA S. M. O trabalho e o lazer como unidade dialética no processo de humanização. **Estudos do Trabalho**, v. VI, p. 1-19, 2013.

BRASIL. **Constituição Federal de 1988**. Promulgada em 5 de outubro de 1988. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 20.02.2017.

BRASIL. **Constituição Federal de 1937**. Outorgada em 10 de novembro de 1937. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao37.htm>. Acesso em: 20.02.2017.

BRASIL. **Decreto - Lei nº 9853, de 13 de setembro de 1946**. Atribui à Confederação Nacional do Comércio o encargo de criar e organizar o Serviço Social do Comércio e dá outras providencias. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/Del9853.htm>. Acesso em: 20.02.2017.

BRASIL. **Lei nº 8069, de 13 de julho de 1990**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm> Acesso em: 20.02.2017.

BRASIL. **Lei nº 10741, de 1 de outubro de 2003**. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências. Disponível em:

<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.741.htm> Acesso em : 20.02.2017.

BRASIL. **Lei nº 10257, de 10 de julho de 2001.** Regulamenta os arts. 182 e 183 da Constituição Federal, estabelece diretrizes gerais da política urbana e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/LEIS_2001/L10257.htm> Acesso em: 21.02.2017.

BRASIL. **Lei nº 8313, de 23 de dezembro de 1991.** Restabelece princípios da Lei nº 7.505, de 2 de julho de 1986, institui o Programa Nacional de Apoio à Cultura (Pronac) e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8313cons.htm> Acesso em : 21.02.2017.

BRASIL. **Lei nº 11438, de 29 de dezembro de 2006.** Dispõe sobre incentivos e benefícios para fomentar as atividades de caráter desportivo e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/11438.htm> Acesso em : 21.02.2017.

CAMARGO, L. O. de L. **O que é lazer?** 2. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CAMARGO, L. O. de L. **Sociologia do lazer.** Turismo como aprender, como ensinar. São Paulo: Senac, v.2, 2001.

CAMARGO, L. O. de L. **O legado De Joffre Dumazedier:** Reflexões Em Memória Do Centenário De Seu Nascimento. Revista Brasileira de Estudos do Lazer. Belo Horizonte, v. 3, n.1, p.142-166, jan./abr. 2016.

CASTEL, R. **Metamorfoses da questão social.** Uma crônica do salário. Petrópolis: Vozes, 1998

CAVALLARI, R. C.; ZACARIAS, V. **Trabalhando com recreação.** 2. ed. São Paulo: Ícone. 1994.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DO COMÉRCIO DE BENS, SERVIÇOS E TURISMO. SESC E SENAC: **Patrimônios do Brasil.** Central de Conhecimentos. Livros. Disponível em: <<http://cnc.org.br/central-do-conhecimento/livros/sesc-e-senac-patrimonios-do-brasil>>. Acesso em: 30.03.2017 às 15h07

COELHO, T. **O que é indústria cultural.** Coleção Primeiros Passos, São Paulo: Brasiliense, 2003.

- DE GRAZIA, S. de. **Tiempo, trabajo y ocio**. Madri: Tecnos, 1966.
- DINES, Y. S. **Cidadelas da cultura no lazer**: um estudo de antropologia da imagem do SESC São Paulo. São Paulo: PUCSP, 2007
- DUMAZEDIER, J. **Lazer e cultura popular**. Tradução: Maria de Lourdes Santos Machado. São Paulo: Perspectiva, 1973
- DUMAZEDIER, J. **Lazer e cultura popular**. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- DUMAZEDIER, J. **Valores e conteúdos culturais do lazer**. São Paulo: SESC, 1980.
- DUMAZEDIER, J. **Sociologia empírica do lazer**. Tradução: Silvia Mazza E J. Guinsburg. São paulo: perspectiva: SESC, 1979.;
- DURKHEIM, É., Textes. 2. **Religion, morale, anomie**. Présentation de Victor Karady. Paris: Les Éditions de Minuit, 1975a.
- _____. Textes. 3. **Fonctions sociales et institutions**. Présentation de Victor Karady. Paris: Les Éditions de Minuit, 1975b.
- ENGELS, F. **A Origem da família, da propriedade privada e do Estado**, Ed. Civilização Brasileira, RJ, 1974
- ENGELS, F. **A dialética da natureza**. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1976
- ENGUITA, M. F. **Trabalho, escola e ideologia: Marx e a crítica da educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.
- FALEIROS, V. de P. **O que é política social**. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- FARIÑAS, G; CALLEJON, L. Vivência, Situação Social do Desenvolvimento e Práxis. In: BERNARDES, M.E.M; BEATON, A. G. (Org.). **Trabalho, Educação e Lazer: contribuições do enfoque histórico-cultural para o desenvolvimento humano**. São Paulo: EACH USP, 2017.
- FERNANDES, F. **A revolução burguesa no Brasil**: ensaio de interpretação sociológica. 3. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987
- FERNANDES, R.S. O que se aprende quando- e enquanto- se brinca: o imaginário na sala de aula. In: VARANI, A.; FERREIRA, C. R.; PRADO, G.V.T. (Org.). **Narrativas docentes: trajetória de trabalhos pedagógicos**. CAMPINAS, SP: Mercado de Letras, 2007, p15-62.

GOMES, C. L. Contribuições da literatura para o entendimento do lazer. In: **Significados de recreação e lazer no Brasil: reflexões a partir da análise de experiências institucionais (1926-1964)**. 2003. 322p. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, 2003.p 52-99.

_____. (Org.). **Dicionário crítico do lazer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

_____. **Lazer e descanso**. Em Anais do IX Seminário o lazer em debate. São Paulo: USP – EACH, 2008

GOMES, C. M.. **Pesquisa científica em lazer no Brasil: bases documentais e teóricas**. 2004. 2v. Dissertação (Mestrado) - Escola de Comunicação e Artes: Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

GOMES, C. M.; DANTAS, S.. **Lazer v1**. Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2012.

HAMADA, I.A. **O trabalho pedagógico e as suas possibilidades enquanto práxis, no contexto da perspectiva crítica, histórica e cultural**. 2015, 108 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

HELLER, A. **Cotidiano e história**. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2008.

_____. **Sociología de la vida cotidiana**. Barcelona: Ediciones Península, 1991.

IAMAMOTO, M. V. **Serviço social em tempo de capital fetiche: Capital Financeiro, trabalho e questão social**. 6ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.

LAFARGUE, P. **O direito à preguiça**. Trad. J. Teixeira Coelho Netto. São Paulo: Hucitec, 1999.

LARA, A. F. L; TANAMACHI, E.R.; JUNIOR, J.L . Concepções de desenvolvimento e de aprendizagem no trabalho do professor. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 11, n. 3, p. 473-482, set./dez. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v11n3/v11n3a02>> Acesso em 06.03.2017

LARIZZATTI, M. F. **Lazer e recreação para o turismo**. Rio de Janeiro: Sprint, 2005.

LEONTIEV, A. N. O homem e a cultura. In:_____ **O desenvolvimento do psiquismo**. 2. ed. São Paulo: Editora Moraes, 1964, p. 277 - 302.

LEONTIEV, A. N. Uma contribuição à teoria do desenvolvimento da psique infantil. In: VIGOTSKII, L. S; LURIA, A. R; LEONTIEV, A.N. **Linguagem, desenvolvimento e**

aprendizagem. Tradução de Maria da Penha Villalobos. São Paulo: Ícone, 2006. p. 59-84

MARCELLINO, N. C.. **Lazer e humanização.** Campinas: Papirus, 1983.

_____. **Pedagogia da animação.** Campinas: Papirus, 1990.

_____. **Estudos do lazer:** uma introdução. Campinas, SP: Autores Associados, 1996.

_____. **Lazer E Recreação:** Repertório de Atividades Por Fases da Vida. Campinas: Papirus, 2006

_____. **Repertório de atividades de recreação e lazer:** para hotéis, acampamentos, prefeituras, clubes e outros. Papirus, 2005

MARX, K. Processo de trabalho e processo de valorização. In_____. **O capital** (Livro 1, Tomo 1, pp. 149-163). São Paulo: Nova Cultural, 1985.

_____. **O capital:** crítica da economia política: livro I. Tradução: Reginaldo Sant'Anna. 26 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

_____. **Manuscritos econômico-filosóficos.** Tradução de Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo, 2004.

_____.; ENGELS, F. **A ideologia Alemã:** Feuerbach – a contraposição entre as cosmovisões materialista e idealista. Tradução: Frank Muller. 3 ed. São Paulo: Martin Claret, 2005.

MASCARENHAS, F. **Entre o ócio e o negócio:** teses acerca da anatomia do lazer. 2005. 307p. Tese (Doutorado) Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

MEDEIROS, E. B. **O lazer no planejamento urbano.** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1975.

MELO, V. A.; ALVES JUNIOR, E. D. **Introdução ao lazer.** Barueri: Manole, 2003.

MENICUCCI, T. Políticas Públicas de lazer. Questões analíticas e desafios políticos. In: ISAYAMA, H. F., LINHALES, M. A. **Sobre Lazer e Política:** maneiras de ver, maneiras de fazer. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006. p.136-164.

MUNNÉ, F. **Psicosociología del tiempo libre:** Un enfoque crítico. México: Trillas, 1980.

NETTO, José Paulo; BRAZ, Marcelo. **Economia política:** Uma introdução Crítica. São Paulo: Cortez, 2008.

PIMENTEL, G. G.A. **Lazer:** fundamentos, estratégias e atuação profissional. Jundiaí: Fontoura, 2003.

POLANYI, K. **A grande transformação:** as origens da nossa época. Rio de Janeiro: Editora Campus, 2000.

PRADO Jr.; C. **Formação do Brasil Contemporâneo.** São Paulo: Brasiliense, 1991

RODRIGUES. M. Assumpção. **Políticas públicas.** São Paulo: Publifolha, 2010.

ROSSLER, J. H. A educação como aliada na luta revolucionária pela superação da sociedade alienada. In: DUARTE, N. (ORG.). **Crítica ao fetichismo da individualidade.** (pp. 75-98) Campinas: Autores Associado, 2004.

SAVIANI, D. **Escola e Democracia.** 21. ed. São Paulo: Cortez e Autores Associados, 1989.

SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO. **Diretrizes Gerais de Ação do SESC.** Departamento Nacional. 2010. Documento disponibilizado no site oficial do Sesc: <http://www.sesc.com.br/wps/wcm/connect/0ebbb65f-a345-4d20-a6d4-c28dec7999d7/Diretrizes+Gerais+de+A%C3%A7%C3%B5es+do+Sesc.pdf?MOD=AJPERES&CACHEID=0ebbb65f-a345-4d20-a6d4-c28dec7999d7>. Acesso em: 30.03.2017 18h12

_____. **Carta da Paz Social.** Rio de Janeiro Fevereiro, SESC: 2012.

_____. **Documento Diretrizes para o Quinquênio 2016 – 2020.** Departamento Nacional. 2016. Disponível em: http://www.sesc.com.br/wps/wcm/connect/39f2c509-4b54-4d8d-ac7d-36699c8fa9ea/DiretrizesQuinquenio_2016-2020_web.pdf?MOD=AJPERES&CACHEID=39f2c509-4b54-4d8d-ac7d-36699c8fa9ea. Acesso 30.03.2017 às 16h30.

_____. **Projeto Curumim.** SESC São Paulo. Cursos. Disponível em : https://www.sescsp.org.br/aulas/55926_CURUMIM. Acesso em: 30.03.2017

TONET, Ivo. **Educar para a cidadania ou para a liberdade?** Perspectiva, Florianópolis, v. 23, n. 02, p. 469-484, jul./dez. 2005.

VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. **Filosofia da práxis.** 2. ed. São Paulo: Expressão popular, 1968

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem.** Trad. M. Resende. 42 ed. Lisboa: Ed. Antídoto, 1979;

_____. **A formação social da mente:** o desenvolvimento dos processos psicológicos

superiores. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

_____.

_____. **A construção do pensamento e da linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 2000.

_____. **Obras escogidas.** Volumes 1, 2 e 3. Madrid: Machado Libros, 2001.

_____. **Teoría de las emociones:** estudio histórico-psicológico. Madrid: Akal, 2004.

_____. **A imaginação e a Arte na infância.** Tradução de Miguel Serras Pereira. Relógio D'água Editores, janeiro de 2009.

WEFFORT, F. **O populismo na política brasileira.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

ANEXOS

ANEXO A - Projeto do Programa de Férias do SESC

Programa de Férias Sesc – Janeiro e Fevereiro 2016

Tema - Estação Férias: Inspirações Olímpicas

Justificativa

Nos meses de janeiro e fevereiro acontecem as férias escolares e a procura por atividades de lazer aumentam. Desta maneira, um programa de férias justifica-se por propor ações educativas para e pelo lazer. Neste período também, temos com ação institucional o Sesc Verão, que busca sensibilizar as pessoas ao movimento e prática esportiva.

Objetivos

- Férias de Verão no SESC [REDACTED] busca acolher crianças de 7 à 12 anos e proporcionar momentos prazerosos e educativos.
- Socialização do grupo através de atividades de diversas linguagens tais como esportes, danças, jogos, brincadeiras, artes visuais, cinema, teatro, internet.

Estrutura do Programa

- Número de Vagas: 100 crianças de 7 à 12 anos
- Número de Instrutores: 4 profissionais.
- Inscrições antecipadas na Central de Atendimento a partir de 08/12/2015.
- Haverá lanche todos os dias para os inscritos.
- Horário das atividades: Terça à Quinta das 13h00 às 17h00 /Sexta: das 13h00 às 18h00.
- Horário da grade de atividades para os inscritos:

Terça a Quinta:

13h00 às 14h00 – Recepção dos Grupos no Ginásio, com Jogos e Brincadeiras

14h00 às 15h00 e/ou 14h00 às 15h30 – Atividades Esportivas, Oficinas, Cinema, Internet no Sesc Bom Retiro.

15h00 às 15h30 e/ou 15h30 às 16h00 – Lanche no Museu da Energia

16h00 às 17h00 - Atividades Esportivas, Oficinas, Cinema, Internet no Sesc Bom Retiro.

Sexta-feira

13h00 às 14h00 – Recepção dos Grupos no Ginásio, com Jogos e Brincadeiras

14h00 às 15h00 e/ou 14h00 às 15h30 – Atividades Esportivas, Oficinas, Cinema, Internet no Sesc Bom Retiro e/ou Visita Monitorada ao Museu da Energia.

15h00 às 15h30 e/ou 15h30 às 16h00 – Lanche no Museu da Energia

16h00 às 17h00 - Atividades Esportivas, Oficinas, Cinema, Internet no Sesc Bom Retiro e/ou Visita Monitorada ao Museu da Energia.

- **Conteúdos Semanais:** Esportes, Jogos e Brincadeiras, Oficinas, Cinema, Internet Livre, Exposição Sesc Verão, Visita ao Museu da Energia, Lanche todos os dias no Museu da Energia.

Programação de acordo com as equipes

Turma Verde - Turma 1		
12 e 14/01 (terça e quinta)		
Horários	Atividade	Local
13h00 às 14h00	Recepção dos grupos e Jogos Pré desportivos	Ginásio
14h00 às 15h30	Oficina - Mitologia Grega	Sala de Oficinas
15h30 às 16h00	Lanche	
16h00 às 17h00	Mini Mundos Esportivos	Segundo Subsolo
17h00	Encerramento	Ginásio
13 e 15/01 (quarta e sexta)		
Horários	Atividade	Local
13h00 às 14h00	Recepção dos grupos e Jogos Pré desportivos	Ginásio
14h00 às 15h30	Oficina - Mitologia Grega	Sala de Oficinas
15h30 às 16h00	Lanche	
16h00 às 17h00	Mini Atletismo	Ginásio
17h00	Encerramento	Ginásio
17h00 às 18h00	Espetáculo	Praça de Convivência
SEXTA-FEIRA		

Turma Vermelha - Turma 2

12 e 14/01 (terça e quinta)

Horários	Atividade	Local
13h00 às 14h00	Recepção dos grupos e Jogos Pré desportivos	Ginásio
14h00 às 15h00	Mini Atletismo	Ginásio
15h00 às 15h30	Lanche	
15h30 às 17h00	Oficina - Mitologia Grega	Sala de Oficinas
17h00	Encerramento	Ginásio

13 e 15/01 (quarta e sexta)

Horários	Atividade	Local
13h00 às 14h00	Recepção dos grupos e Jogos Pré desportivos	Ginásio
14h00 às 15h00	Quadribol e Handebol	Ginásio
15h00 às 15h30	Lanche	
15h30 às 17h00	Oficina - Mitologia Grega	Sala de Oficinas
17h00	Encerramento	Ginásio
17h00 às 18h00 SEXTA-FEIRA	Espetáculo	Praça de Convivência

Turma Amarela - Turma 3

19 e 21/01 (terça e quinta)

Horários	Atividade	Local
13h00 às 14h00	Recepção dos grupos e Jogos Pré desportivos	Ginásio
14h00 às 15h30	Oficina - Mitologia Grega	Sala de Oficinas
15h30 às 16h00	Lanche	
16h00 às 17h00	Mandalando Bandeiras	Praça de Convivência
17h00	Encerramento	Ginásio

20 e 22/01 (quarta e sexta)

Horários	Atividade	Local
13h00 às 14h00	Recepção dos grupos e Jogos Pré desportivos	Ginásio
14h00 às 15h30	Oficina - Mitologia Grega	Sala de Oficinas
15h30 às 16h00	Lanche	
16h00 às 17h00	Rugby	Ginásio
17h00	Encerramento	Ginásio
17h00 às 18h00 SEXTA-FEIRA	Espetáculo	Praça de Convivência

Turma Azul - Turma 4

19 e 21/01 (terça e quinta)

Horários	Atividade	Local
13h00 às 14h00	Recepção dos grupos e Jogos Pré desportivos	Ginásio
14h00 às 15h00	Rugby	Ginásio
15h00 às 15h30	Lanche	
15h30 às 17h00	Oficina - Mitologia Grega	Sala de Oficinas
17h00	Encerramento	Ginásio

20 e 22/01 (quarta e sexta)

Horários	Atividade	Local
13h00 às 14h00	Recepção dos grupos e Jogos Pré desportivos	Ginásio
14h00 às 15h00	Jogos de Lutas	
15h00 às 15h30	Lanche	
15h30 às 16h30	Oficina - Mitologia Grega	Sala de Oficinas
17h00	Encerramento	Ginásio
17h00 às 18h00 SEXTA-FEIRA	Espetáculo	Praça de Convivência

Descrição das Ações da Programação

Oficina Mitologia Grega

Oficina para o Programa de Férias, com contação de histórias, jogos e brincadeiras.

Apenas para matriculados no Programa de Férias.

12 a 22/01, terça a sexta

14h00 às 15h30

16h00 às 17h00

Local: Sala de Oficinas

Oficina Mini Mundos

Oficina de meio ambiente para crianças inscritas no Programa de Férias.

12 a 15/01, terça a sexta

14h00 às 15h30

16h00 às 17h00

Local: Segundo Subsolo

Quadribol e Handebol - RECREAÇÃO

Vivência esportiva dos fundamentos do esporte.

12 a 15/01, terça a sexta

14h00 às 15h30

16h00 às 17h00

Local: Ginásio

Cinema

Filmes relacionados a prática esportiva. Apenas para matriculados no Programa de Férias.

12 a 22/01, terça a sexta

14h00 às 15h30

16h00 às 17h00

Local: Sala de Uso Múltiplo

Oficina Mandalando Bandeiras

Oficina de mandalas em formato de bandeiras de diferentes países.

Para crianças inscritas no Programa de Férias

19 a 22/01, terça a sexta

14h00 às 15h30

16h00 às 17h00

Local: Segundo Subsolo

Jogos de Lutas - RECREAÇÃO

Vivência esportiva dos fundamentos de diversas lutas.

19 a 22/01, terça a sexta

14h00 às 15h30

16h00 às 17h00

Local: Ginásio

Internet Livre

Oficina de tecnologia para crianças inscritas no Programa de Férias.

26/01 a 04/02, terça a sexta

14h00 às 15h30

16h00 às 17h00

Local: Sala de Tecnologias